A Liahona

Volume 38 - Número 2
FEVEREIRO/MARÇO DE 1985



A Liahona

Fevereiro/Março de 1985
Volume 38 - Nº 2
PBMA0540PO
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney, Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, Bruce R. McConkie, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks.

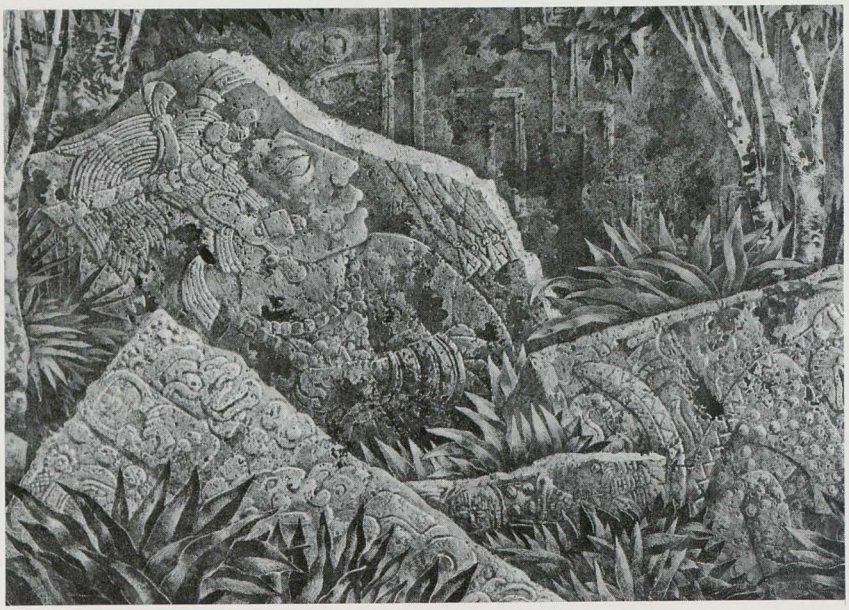
Comitê de Supervisão: M. Russell Ballard, Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar, Charles Didier, George P. Lee.

Editor:
M. Russell Ballard

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Seção Infantil: Lois Richardson
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto
Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires
Supervisor de Produção: Orlando Albuquerque

Capa: Aquarela de 1979, por Al Rounds, de Utah, mostrando o Templo de Kirtland, Ohio, como seria logo após estar terminado, em 1836. Neste exemplar, inicia-se um ensaio fotográfico em três partes, sobre os locais históricos da Igreja, como são atualmente.



1 Mensagem da Primeira Presidência: Filhos de Deus, *Presidente Marion G. Romney*
6 Pesquisa sobre o Livro de Mórmon, *John L. Sorenson*
19 Primária: Uma Força a Serviço do Bem, *Dwan J. Young*
21 "Deus Não Nos Deu o Espírito de Temor", *Presidente Gordon B. Hinckley*
25 Élder Russell M. Nelson: A Aplicação de Leis Divinas, *Marvin K. Gardner*
30 A Águia na Garrafa, *Craig J. Smith*
32 Desastre de Avião, *Steven R. Affleck*
35 O Que Se Vê Hoje
41 Vizinhas Amigáveis, *Nonie Gilbert*

Seção Infantil:
1 Só para Divertir
3 Os Caçadores, *Alma J. Yates*
6 Crescemos, e Nos Tornamos Como Nossos Pais, *Pat Graham*
8 Só para Divertir

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 6.000,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 750,00**.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês.

Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Mensagem da Primeira Presidência

FILHOS DE DEUS

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



Esta mensagem foi tirada de um discurso proferido em 28 de fevereiro de 1976.

Quando reflito sobre a letra do hino da Igreja, "Sou um Filho de Deus", muita coisa me passa pela mente.

Sou um filho de Deus,
Por ele estou aqui.
Mandou-me à terra, deu-me um lar,
E pais tão bons pra mim.

Sou um filho de Deus,
Não me desampareis.
Ah, hoje mesmo começai
A ensinar-me as leis.

Sou um filho de Deus,
E galardão terei.
Se cumpro sua lei aqui,
Com ele viverei.

Coro:

Ensinai-me, ajudai-me
As leis de Deus guardar,
Para que um dia eu vá
Com ele habitar.
(*Cante Comigo*, B-76.)

Quando Naomi Randall escreveu a letra desta bela canção, dizia a última sentença, no original: "Ensinai-me o que devo *saber*." Ao lê-la, o Presidente Spencer W. Kimball sugeriu a troca da palavra *saber* por *fazer*, isto é: "Ensinai-me o que devo *fazer*, para que um dia eu vá com ele habitar." (N. do T.: a tradução literal diria isso, ao invés de "... ajudai-me as leis de Deus guardar".)

O conceito desta música, de que "sou um filho de Deus", não é novo. Em seu famoso discurso proferido no Areópago, Paulo declarou aos atenienses que somos a "geração" de Deus. (Atos 17:28.) Em nossa época, numa revelação registrada na seção setenta e seis de Doutrina e Convênios, o Profeta Joseph Smith afirma que os "habitantes (dos mundos) são filhos e filhas gerados para Deus". (Vers. 24.) Muitas vezes tenho meditado sobre o que pensamos, ao declararmos esta verdade pura e simples: "Sou um filho de Deus." Sabemos que esta afirmação não significa que Deus é o Pai de nosso corpo físico, tangível, pois temos conhecimento de que este é fruto de nossos pais terrenos.

Assim, o que realmente queremos dizer, quando cantamos ou afirmamos "Sou um filho de Deus"? Para responder a esta questão, é preciso primeiro compreender que o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith que os seres humanos são almas; isto é, somos seres duais, e *dual* significa dois. Um objeto dual significa um objeto composto de duas partes. Como alma humana, cada um de nós é composto de duas partes, ou dois corpos — um corpo espiritual e outro físico. Foi o próprio Senhor quem afirmou que "o espírito e o corpo são a alma do homem". (D&C 88:15.) Assim, é o nosso espírito, e não nosso corpo físico, que foi "gerado" por Deus.

No Livro de Mórmon, encontramos a descrição da forma e natureza de um espírito que ainda não recebeu o corpo físico. Considero esse relato, no Livro de Éter, uma das mais dramáticas histórias ou verdades das escrituras.

Lembramo-nos de que o irmão de Jared e seus companheiros foram afastados da Torre de Babel pelo Senhor. Depois de guiá-los até o oceano, o Senhor ordenou-lhes que o atravessassem. Então, construíram oito barcos, ficando prontos para enfrentar o oceano. Os barcos, porém, eram fechados, e não haveria luz. O irmão de Jared, homem de fé inigualável, suplicou ao Senhor que os ajudasse a iluminar os barcos. Na verdade, o Senhor lhe perguntou: "Que desejais que eu faça?"

E o irmão de Jared tirou dezesseis pedras de algumas rochas, levou-as à montanha — sempre me comovo ao pensar nesse homem solitário no topo da montanha, com suas dezesseis pedras — e pediu ao Senhor que as tocasse, para que se iluminassem. Essas pedras seriam colocadas nos barcos.

O irmão de Jared tinha uma fé tão grande, que o Senhor "estendeu a mão e tocou nas pedras, uma por uma, com o dedo. E o véu foi tirado dos olhos do irmão de Jared, que viu o dedo do Senhor; e este era como o dedo de um homem, semelhante à carne e sangue; e o irmão de Jared caiu perante o Senhor, tomado de terror.

"E o Senhor viu que o irmão de Jared havia caído por terra e disse-lhe: Levanta-te. Por que caíste?

"E (o irmão de Jared) respondeu ao Senhor: Vi o dedo do Senhor e temi que me ferisse; pois eu não sabia que o Senhor tinha carne e sangue.

"E o Senhor lhe disse: Em virtude de tua fé, viste que tomarei sobre mim carne e sangue; e nunca ninguém se chegou a mim com uma fé tão grande como a tua; pois, se assim não fora, não poderias ver meu dedo. Viste algo mais que isto?

"E ele respondeu: Não," (e neste ponto, o irmão de Jared se encheu de coragem), "mostra-te a mim, Senhor.

"E o Senhor lhe disse: Crerás nas palavras que eu te disser?

"E ele respondeu: Sim, Senhor, eu sei que falas a verdade, pois és Deus de verdade e não podes mentir.

"E, quando disse estas palavras, eis que o Senhor se lhe mostrou e disse: Em vista de saberes estas coisas, estás redimido da queda; portanto, és trazido de volta a minha presença e, por esta razão, mostro-me a ti.

"Eis que sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir meu povo."

Isto aconteceu cerca de 2200 anos antes de Cristo nascer de Maria, em Belém. Mas o Senhor esteve lá, naquela montanha, com o irmão de Jared, e afirmou: "Eis que sou Jesus Cristo... Em mim terá luz a



Havia um propósito para a nossa vinda à terra, e este propósito era sermos provados.

humanidade, eternamente, todos aqueles que crerem em meu nome; e esses se tornarão meus filhos e minhas filhas.

"E nunca me mostrei a homem algum dos que criei, pois nunca houve um homem crente em mim como tu és."

E aqui temos a descrição da aparência de um espírito: "Vês que foste criado segundo minha própria imagem?"

O Senhor estava chamando a atenção desse grande profeta para o fato de que seu espírito — o espírito não corporificado de Jesus Cristo — tinha a mesma imagem do corpo dele, o irmão de Jared: "Vês que foste criado segundo minha própria imagem? Sim, todos os homens foram criados, no começo, à minha própria imagem.

"Eis que este corpo que agora vês é o corpo do meu espírito; e o homem foi por mim criado segundo o corpo do meu espírito; e assim como te apareço em espírito, aparecerei a meu povo na carne." (Éter 2:25; 3:1-16.)

Uma das grandes verdades contidas neste relato, é o esclarecimento de quem éramos como filhos espirituais pré-mortais de Deus. Éramos indivíduos, seres distintos, dotados de livre-arbítrio, e tínhamos um nome, antes de virmos para a terra.

Abraão, ao relatar uma sua visão, forneceu-nos outras informações maravilhosas a respeito de nossa existência como filhos de Deus.

"Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre todas estas havia muitas nobres e grandes.

"E Deus viu estas almas que eram boas, e ele ficou no meio delas e disse: A estes farei meus governantes; porque ele estava entre os que eram espíritos."

Nós estávamos lá, assim como todos os demais filhos espirituais de Deus, nosso Pai, que foram designados a viver nesta terra.

"E havia entre eles um (um entre esses espíritos) que era semelhante a Deus (e esse, naturalmente, era o Salvador), e disse aos que se achavam com ele: Desceremos, pois há espaço lá." Eles contemplaram o espaço em que esta terra se encontra, e o Senhor Jesus ordenou: "Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes (os filhos espirituais de Deus) possam morar;

"E (faremos uma coisa com eles:) prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar:

"E aos que guardarem seu primeiro estado (o estado espiritual em que se encontravam) lhes será acrescido; e os que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aqueles que guardarem seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado (nosso estado atual, este período mortal), terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre." (Abraão 3:22-26.)

Por esta escritura, aprendemos que havia um propósito para nossa vinda à terra, e este propósito era sermos provados, para ver se faríamos tudo o que o Senhor nos ordenasse.

Ao nascermos neste mundo como alma humana, nosso espírito — que é filho de Deus — entra em nosso corpo que é fruto de nossos pais mortais; e, por ocasião da morte, o espírito e o corpo são separados. E a morte é só isto, uma separação do espírito e do corpo. O corpo retorna à terra ou matéria terrena, e o espírito volta ao mundo espiritual.

Quando somos ressuscitados, o espírito entra novamente no corpo, e cada um de nós volta a ser uma alma, sendo que nosso corpo e nosso espírito jamais serão separados outra vez. "E a ressurreição dos mortos é a redenção da alma." (D&C 88:16.)

Assim, nessas escrituras, aprendemos também a respeito das três fases de nossa existência como filhos de Deus. Abraão denomina essas três fases de "estados": Passamos pelo estado pré-mortal, quando vivemos como filhos espirituais de Deus; temos esta vida terrena, que é a mortalidade que ora atravessamos; e, no futuro, teremos a reunião da alma, passando ao estado da imortalidade, através da ressurreição.

Lembremo-nos da afirmativa de Abraão, de que no mundo espiritual o Senhor prometeu: "Aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; ... e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre."

Sabemos que guardamos nosso primeiro estado, pelo fato de estarmos aqui, na mortalidade, e, recebendo nosso corpo, nos foi acrescido. Sabemos também que o evangelho nos ensina como guardar este segundo estado, para que, na próxima vida ou terceiro estado, tenhamos "aumento de glória sobre (nossas) cabeças para todo o sempre".

Nenhum povo no mundo — exceto as pessoas que pertencem a esta Igreja — tem o conhecimento que possuímos a respeito das grandes verdades eternas concernentes a nós próprios. Temos o privilégio de saber quem somos, de onde viemos, por que estamos aqui e para onde podemos ir. E, o que é mais importante, sabemos como chegar aonde desejamos ir. Como somos afortunados conhecendo a importância da nossa conduta durante a mortalidade!

Felizmente, recebemos também muitas outras verdades concernentes ao que nos podemos tornar. Sabemos que, no princípio, o Senhor revelou o evangelho a Adão e que o revelou a cada dispensação subseqüente.

Quando somos ressuscitados, o espírito entra novamente no corpo, e cada um de nós volta a ser uma alma.

Temos conhecimento de que Satanás se insinuou entre a posteridade de Adão, depois que este lhes falou do evangelho que lhe fora revelado. Disse Satanás: "Não creiam; e (em sua maioria) eles não creram." (Moisés 5:13.)

É de nosso conhecimento que entre o tempo de Adão e o dilúvio, Enoque construiu uma cidade habitada por pessoas que aprenderam e aceitaram aquilo que sabemos. Essa gente viveu de modo tal, que a cidade de Enoque foi retirada da terra enquanto as nações apóstatas se entretinham com iniqüidades, guerras e derramamento de sangue.

Sabemos que Noé conhecia o evangelho, e que outros profetas, entre Enoque e Noé, o pregaram. É de nosso conhecimento que o povo rejeitou o evangelho até o Senhor mandar um dilúvio para lavar a iniqüidade da terra, e dar aos espíritos que viriam depois, a oportunidade de um novo começo.

Sabemos a respeito de Abraão e do povo justo que existiu depois dele. Conhecemos o ministério de Jesus Cristo — como nasceu no meridiano dos tempos, pregou o evangelho e realizou o grande sacrifício que proporciona a ressurreição e os meios para sermos purificados de nossos próprios pecados, desde que nos arrependamos e vivamos em retidão.

Conhecemos a história dos jareditas e dos nefitas.

Sabemos que estamos vivendo na última dispensação, e que o Salvador voltará e mais uma vez varrerá da terra toda injustiça.

Também aprendemos a respeito dos três graus de glória: Três tipos de almas imortais surgirão na ressurreição — as celestiais, as terrestriais e as telestiais.

Disse o Senhor a Joseph Smith, a respeito da ressurreição:

"Agora, na verdade eu vos digo que, através da redenção que se fez por vós (ele se refere ao sacrifício expiatório de Cristo), é que se realiza a ressurreição dos mortos...

"E a redenção da alma se realiza através daquele que vivifica todas as coisas (Jesus Cristo), em cujo seio se decreta que os pobres e os humildes da terra a herdarão.

"Portanto, é necessário que ela (a terra) seja santificada de toda iniqüidade, a fim de que seja preparada para a glória celestial."

Este é o destino da terra. Ela foi feita não só para nos servir de habitação durante a vida mortal, mas também para ser a morada eterna daqueles que merecerem a glória celestial.

"Pois, depois que tiver realizado o propósito da sua criação (falando sobre a terra como habitação do homem mortal), ela será coroada com glória, sim, com a presença de Deus, o Pai;

"Para que os corpos que forem do reino celestial a possuam para todo o sempre; pois, com esse intento foi ela feita e criada, e com esse intento são eles santificados.

"E aqueles que não forem santificados através da lei que vos dei, a lei de Cristo, hão de herdar outro reino, o reino terrestre, ou o reino teleste.

"E aquele que não pode obedecer à lei do reino celestial (isto é, ao Evangelho de Jesus Cristo), não pode suportar a glória celestial.

"E aquele que não pode obedecer à lei do reino terrestre, não pode suportar a glória terrestre.

"E aquele que não pode obedecer à lei do reino teleste, não pode suportar a glória teleste; portanto, não se acha digno de receber um reino de glória. Por isso, deverá permanecer num reino que não seja de glória."

Agora, com respeito a quem somos e ao que aspiramos ser, o Senhor falou ao Profeta Joseph Smith:

"Aqueles que forem do espírito celestial, receberão o mesmo corpo que fora mortal; assim recebereis os vossos corpos, e a vossa glória (não existe dúvida quanto à ressurreição; todos os que receberam um corpo mortal serão ressuscitados) será aquela pela qual os vossos corpos são vivificados.

"Vós que sois vivificados por uma porção da glória celeste então recebereis a plenitude dela.

"E aqueles que são vivificados por uma porção da glória terrestre, então receberão sua plenitude.

"E também aqueles que são vivificados por uma porção da glória teleste, então receberão sua plenitude." (D&C 88:14-31.)

Como santos dos últimos dias, sabemos que, para obter a exaltação e vida eterna no reino celestial, onde habitam nosso Pai, nosso Salvador e os justos de todas as épocas, é preciso que obedeçamos aos princípios e ordenanças do Evangelho de Jesus Cristo. Isto requer integridade, pureza e retidão. Exige que evitemos qualquer espécie de impureza, tanto em pensamento quanto em ação.

Precisamos orar fervorosamente, a fim de recebermos o auxílio do Pai Eterno em nossa vida diária.

Se estivermos realmente interessados no fato de que somos filhos de Deus, viveremos como um filho de Deus, alguém que procura a posição de herdeiro de tudo o que seu Pai tem reservado para aqueles que guardam seu segundo estado.

Espero que adquiramos uma compreensão melhor do que significa ser um filho de Deus, de qual é nosso potencial e de como precisamos viver na terra, a fim de conquistarmos essa grande bênção.

Vivamos à altura do conhecimento

que temos a respeito de quem somos e do que realmente significa ser um filho de Deus. □

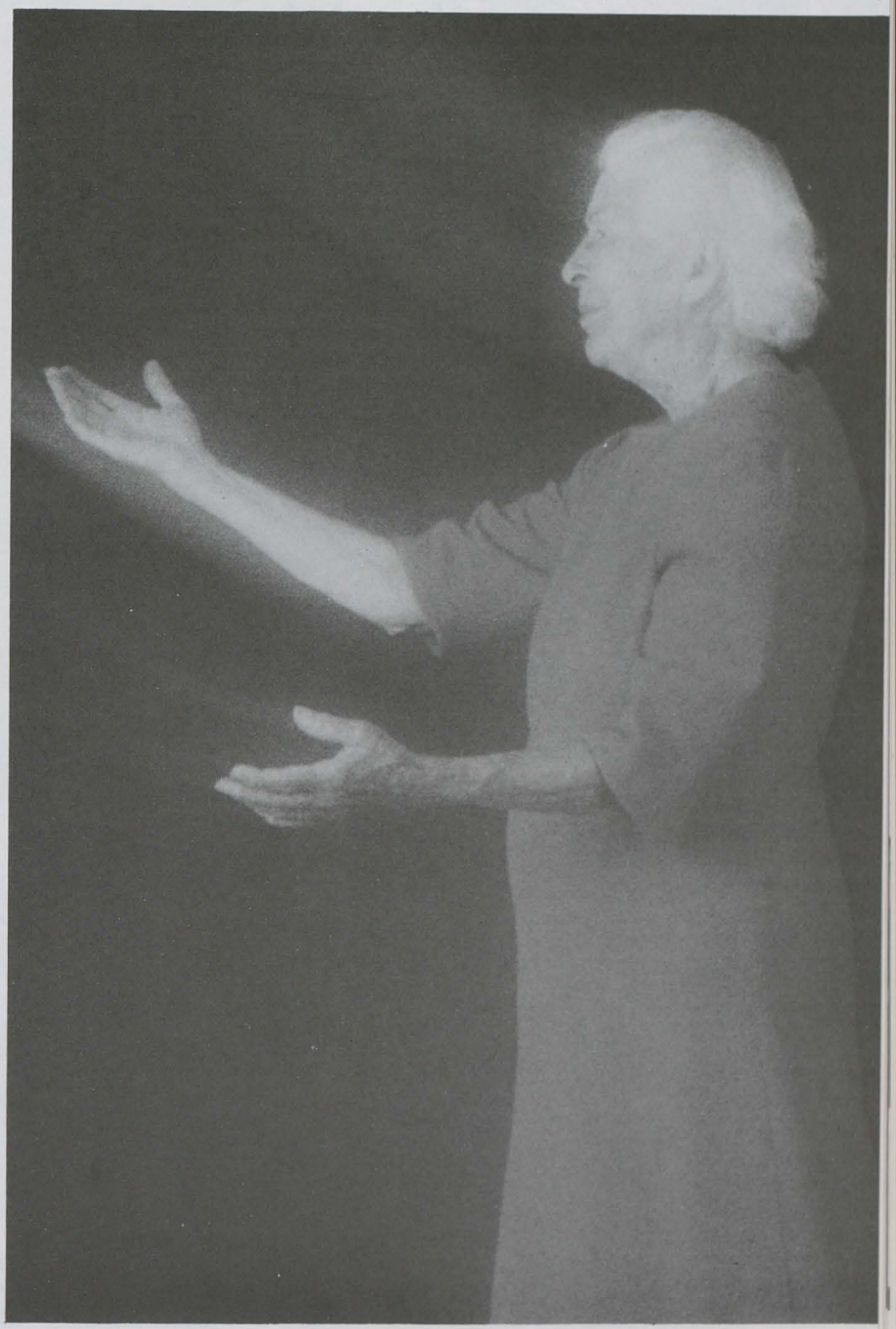
Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase
Talvez os queira ressaltar em sua mensagem:

1. Nosso corpo mortal é gerado por nossos pais terrenos, e nosso espírito é filho de nosso Pai Celestial. "O espírito e o corpo são a alma do homem."
2. Como filhos espirituais de Deus, no estado pré-mortal, éramos seres individuais, dotados de livre-arbítrio e um nome.
3. Viemos à terra para sermos postos à prova, para ver se faríamos o que o Senhor nos ordena.
4. Por ocasião da morte, espírito e corpo separam-se. O corpo vai à terra ou matéria terrena, e o espírito volta ao mundo espiritual.
5. Quando ressuscitamos, o espírito entra novamente no corpo, e cada um de nós volta a ser uma alma, sendo que o espírito e o corpo jamais serão separados outra vez.
6. Devemos viver de maneira adequada a um filho de Deus, a alguém que procura tornar-se herdeiro de tudo o que o Pai tem reservado para nós.

Sugestões para Debate

1. Fale do que sente ou relate experiências a respeito de ser um filho de Deus. Peça aos membros da família que expressem aquilo que sentem.
2. A mensagem contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Este debate ficaria melhor, se conversasse com o chefe da casa antes da visita? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem concernente a este assunto?







PESQUISA SOBRE O LIVRO DE MÓRMON: 1.ª Parte

Como Vem Sendo Alterada Nossa Compreensão da Antiga América e Suas Escrituras

John L. Sorenson

Introdução

Nas últimas décadas, estudos realizados por profissionais especializados em arqueologia, geografia, cultura e língua americana, forneceram-nos uma enorme soma de informações de grande interesse para os leitores e adeptos do Livro de Mórmon, informações essas que os antigos estudiosos do livro talvez não tenham nem mesmo imaginado existir. A qualidade e quantidade de estudos especializados sobre o Livro de Mórmon é tão vasta e profunda hoje em dia, que uma pessoa sozinha não teria possibilidade de manter-se atualizada em todos os aspectos dessas pesquisas.

Na verdade, grande parte do que as gerações antigas pensavam a respeito de civilizações americanas pré-colombianas está obsoleto. As ciências que estudam as civilizações antigas passaram por profundas modificações. Nas primeiras décadas deste século, ainda se pensava na ciência como sendo a busca e descoberta de verdades permanentes e infalíveis. Hoje, os cientistas e filósofos admitem que a natureza de suas especulações requer uma reinterpretação regular de teorias e dados.[1] O ponto de vista de Karl Popper, de que a ciência é "eterna tentativa",[2] tornou-se largamente aceito. Por conseguinte, embora existam atualmente talvez mil vezes mais informações sobre as antigas culturas da América do que havia meio século atrás, os maiores conhecedores do assunto hoje são muito menos dogmáticos ao descreverem o que sucedeu no Novo Mundo pré-europeu.

Também ocorreram mudanças em algumas idéias que os santos dos últimos dias tinham a respeito do Livro de Mórmon. Nossa fé nos princípios salvadores ensinados pelos profetas, de Néfi a Morôni, não se alterou; ou melhor, talvez haja até crescido. Mas, ao considerar essa escritura como um documento antigo, o estudante cuidadoso tem agora consciência de que existe muito mais do que suspeitávamos. Começando com M. Wells Jakeman, Hugh Nibley e Sidney B. Sperry, a comunidade sempre crescente de pesquisadores SUD começou, no final da década de 1940, a desvendar alguns desses detalhes[3]. Essa mudança de perspectiva — a visão de novas possibilidades — é exemplificada pela descoberta de John W. Welch, apenas quinze anos atrás, de que a forma literária chamada quiasma, característica do Oriente Próximo, encontrava-se oculta no Livro de Mórmon, sem ser reconhecida por seus leitores até quase cento e quarenta anos após sua primeira publicação, em 1830[4]. Nos últimos anos, outros pesquisadores vêm encontrando fatos, padrões e implicações insuspeitados no Livro de Mórmon, que não haviam sido notados até então.

Muitos santos dos últimos dias não tiveram acesso aos informes sobre como as pesquisas recentes têm alterado nossa compreensão do Livro de Mórmon como documento antigo. Muitos também não têm conhecimento dessas novas e surpreendentes descobertas que corroboram o Livro de Mórmon, e que foram possíveis graças a avançados métodos científicos. Nosso propósito neste e nos próximos dois artigos é fornecer alguns vívidos exemplos de como alguns eruditos SUD passaram a encarar o Livro de Mórmon à luz de novas teorias e descobertas sobre o passado. Estes artigos não pretendem expor ensinamentos oficiais da Igreja mas, baseados em minha pesquisa e estudo pessoal, novas informações que, a meu ver, merecem ser consideradas.

A arqueologia do Livro de Mórmon tem sido um dos maiores interesses dos santos dos últimos dias. Sempre que se anuncia uma conferência sobre o tema, pelo menos uma modesta multidão se faz presente. Infelizmente, alguns autores e conferencistas não se acham tão bem informados sobre o assunto quanto deviam, o mesmo acontecendo com os críticos da Igreja que ocasionalmente o comentam.

Não se trata de uma questão de intenções, crenças ou testemunho — mas de simples saber. A comparação do Livro de Mórmon com descobertas arqueológicas e matérias afins é uma atividade intelectual, erudita. Sempre que alguém, seja ou não santo dos últimos dias, decidir dedicar-se a essa disciplina acadêmica, deverá fazê-lo segundo as regras que a governam.

O primeiro passo indispensável é determinar a natureza do Livro de Mórmon e que partes dele podem ser devidamente comparadas com descobertas científicas. Em seguida, é necessário verificar o que os arqueólogos e outros estudiosos realmente sabem, e quais as condições que limitam esse conhecimento. Ambos os aspectos da questão merecem atentas considerações, para podermos tirar legitimamente, até as conclusões mais simples.

Um dos problemas encontrados por certos autores e conferencistas SUD, é confundirem o texto do Livro de Mórmon propriamente dito com sua interpretação tradicional. Como exemplo, podemos citar a afirmação comum de que o Livro de Mórmon é "a história dos índios americanos". Esta afirmação contém um número de suposições não investigadas — de que o livro de escritura é uma história, no sentido comum — um relato sistemático e cronológico dos principais eventos passados de uma nação ou território; que "os" índios americanos formam um grupo único; e que aproximadamente cem páginas de texto contendo matéria histórica e cultural conseguem relatar toda a história de um hemisfério. Quando se apresenta esse tipo de suposição, os críticos respondem de forma semelhante, criticando *não* o texto antigo em si, mas as suposições a ele relacionadas.

O resultado tem sido uma porção de informações sobre o Livro de Mórmon prejudicadas por "evidências" irrelevantes, lógica sem fundamento e conclusões conflitantes. Muitas comparações feitas por santos dos últimos dias têm se baseado em falsidades, tanto em termos de análise de escrituras quanto de fatos arqueológicos. Por outro lado, os poucos arqueólogos profissionais que se arriscaram a tais comparações, freqüentemente se enganaram em dois pontos: (1) foram ingênuos em relação ao Livro de Mórmon em si — o que ele diz, e o que *não* diz; e (2) não consideraram adequadamente os detalhes arqueológicos dos períodos corretos e nas áreas mais prováveis da América antiga. Na verdade, somente nos últimos anos foram realizadas pesquisas suficientes para criar um quadro confiável e plausível de eventos e características, nas épocas e lugares apropriados.

Seria aconselhável que os estudiosos do Livro de Mórmon ampliassem seu conceito do livro, atualizando-se quanto aos fatos. Podemos ilustrar este ponto, citando o exemplo de B. H. Roberts, um dos mais perspicazes intelectuais da Igreja de sua época. Em vários artigos, principalmente do ano de 1922, ele tentou comparar o Livro de Mórmon com uma novela romântica de cem anos atrás, intitulada *View of the Hebrews* (Visão dos Hebreus), escrita por Ethan Smith, um ministro da Nova Inglaterra. Como alguns críticos haviam sugerido que o Profeta Joseph Smith baseara o Livro de Mórmon na referida novela, o Élder Roberts examinou tanto esta obra quanto a literatura científica da época a respeito dos antigos povos e culturas da América, comparando-os com o Livro de Mórmon.

Infelizmente, o que então se presumia ser verdadeiro acerca da antiga civilização americana, provou basear-se em informações incompletas, e em alguns casos, inexatas. Em seus estudos, por exemplo, o Élder Roberts aplicou a idéia geral que prevalecia na época, de que o Livro de Mórmon era uma história de *todo* o Hemisfério Ocidental. Percebe-se agora que em ambos os aspectos (conhecimento do material intelectual apropriado e análise dos aspectos técnicos do Livro de Mórmon), algumas de suas suposições sobre este livro não são corretas.

Entre as críticas feitas ao Livro de Mórmon por arqueólogos, as duas mais conhecidas (o livro de Robert Wauchope, falecido, e o artigo de Michael Coe, cerca de uma década atrás[5]) apresentam limitações semelhantes. Esses dois eminentes estudiosos basearam suas reações ao Livro de Mórmon na mesma suposição inadequada de que o relato deste livro trata de eventos que envolvem os índios americanos de todo o Novo Mundo. Suas conclusões foram tão falhas quanto as de alguns santos dos últimos dias.

É evidente que, se formos comparar o Livro de Mórmon como registro antigo, com informações tiradas de outras fontes, os fatos considerados deverão pertencer a épocas e locais correspondentes. Por exemplo, seria infrutífero tentar explicar as circunstâncias que cercaram as epístolas de Paulo, tratando seus escritos como se tivessem vindo da Babilônia, na época do cativeiro judeu. Para traçar um paralelo entre o Livro de Mórmon e o que os arqueólogos descobriram sobre seu cenário histórico, na antiga América, devemos igualmente, na medida do possível, ter uma visão clara dos locais e épocas dos acontecimentos nele descritos.

As Terras dos Nefitas e Jareditas

Alguns leitores acham que o Livro de Mórmon não contém informações suficientes para indicar sua geografia. Na verdade, ele apresenta inúmeros informes geográficos. Quando se examinam atentamente essas referências, ao lado de deduções razoáveis que delas se podem tirar, o livro prova ser rico e muito consistente em suas informações sobre o assunto.

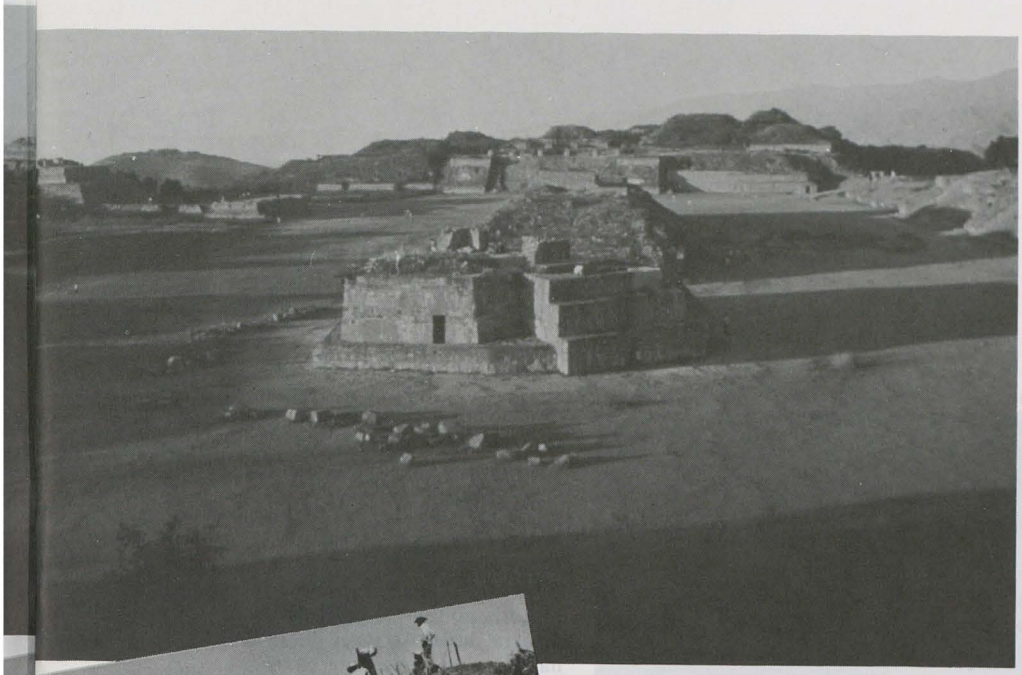
Seria impossível, em poucas páginas, apresentar uma exposição completa sobre sua geografia. Entretanto, nos últimos quarenta anos pelo menos, muitos estudiosos do assunto, que fizeram uma análise profunda do livro, chegaram a conclusões básicas semelhantes: (1) Os eventos relatados pelos escribas nefitas e jareditas, evidentemente cobriram apenas um *território limitado* na "terra da promissão" ou Novo Mundo; e (2) atualmente se conhece apenas um local, no Hemisfério Ocidental, que parece qualificar-se como cenário[6].

Esses pontos são muito importantes. Durante bastante tempo, pouca gente parecia ver qualquer dificuldade em situar o Livro de Mórmon em *toda* América do Norte e do Sul. A geografia mostrava-se tão óbvia — um continente norte e um continente sul, unidos por um istmo estreito. Eventualmente, entretanto, tornou-se difícil aceitar esse ponto de vista a respeito das terras do Livro de Mórmon, à luz das novas informações. Por exemplo, no início do século vinte, as pesquisas haviam demonstrado que cerca de mil e quinhentas línguas estavam em uso no Novo Mundo por ocasião da descoberta européia.[7] E novos conhecimentos a respeito da estabilidade e evolução das línguas tornou impossível a suposição de que todas fossem derivadas do hebreu que, presumivelmente, era a língua dos nefitas e lamanitas. A arqueologia também começou a revelar uma incrível diversidade de culturas, reforçando a idéia de que muitos grupos viveram nas Américas.

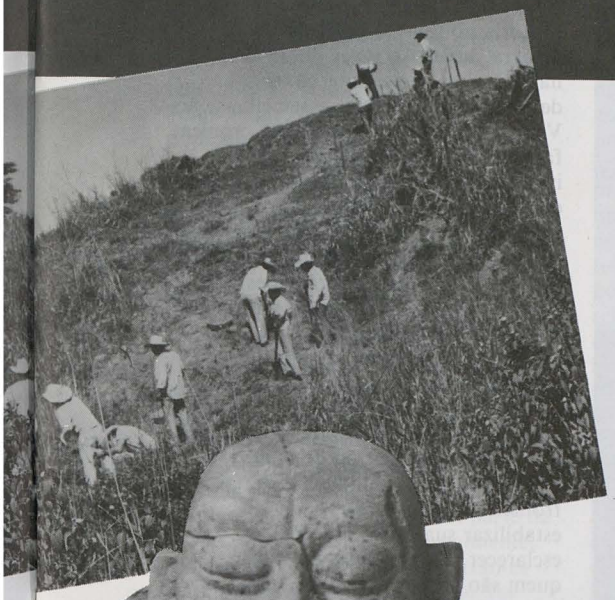
Já no virar do século, alguns santos começaram a examinar mais detidamente o que o próprio Livro de Mórmon dizia sobre o assunto. Descobriram indicações de que o cenário da história jaredita e nefita provavelmente era mais limitado do que se vinha supondo. Então, em 1939, os Washburns publicaram uma análise detalhada da geografia do Livro de Mórmon, baseada estritamente no próprio texto, e demonstrando a sua consistência. Após a publicação de sua



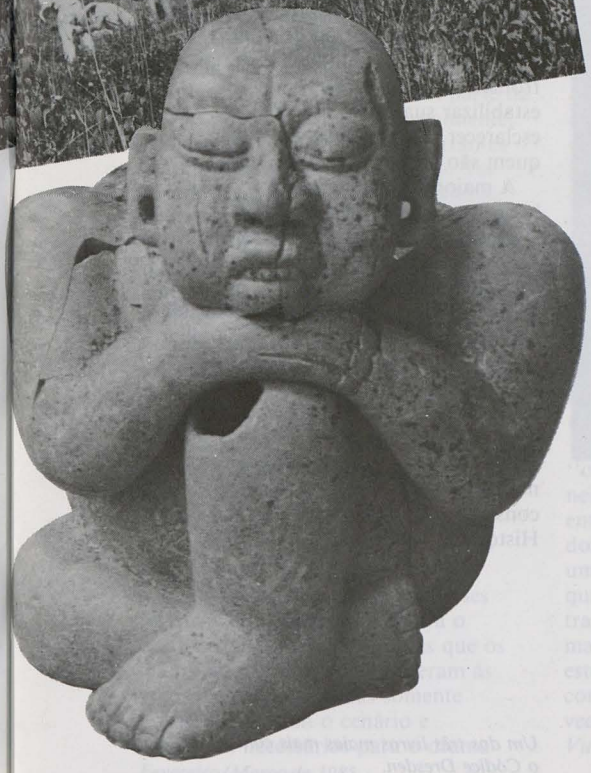




Fotografia de ruínas em Monte Alban, Oaxaca, México, mostrando qual pode ser o resultado final do trabalho arqueológico. A construção em primeiro plano data mais ou menos da época de Cristo. Como as aberturas de observação estão dispostas em posição crítica em relação ao sol e à lua, dizem ter sido um observatório, mas sua função verdadeira permanece obscura. (Fotografia de James Christensen.)



Esta fotografia demonstra os precisos processos de identificação usados no trabalho arqueológico e mostra material esmigalhado no chão de uma sepultura desmoronada, num local perto da fronteira Guatemala-México.



O resultado final de materiais quebrados retirados por arqueólogos pode se um objeto restaurado como este vaso com efígie, de duas peças, encontrado num túmulo destruído, na localidade mostrada na fotografia ao lado.

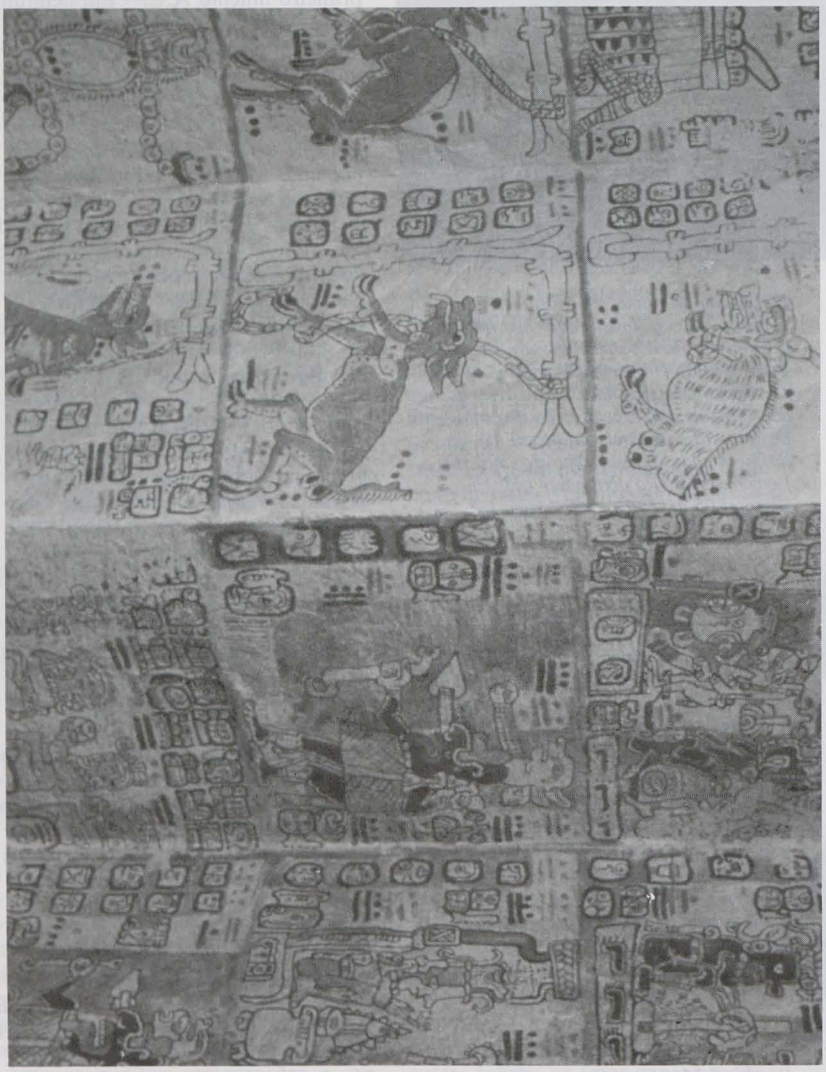
obra, *An Approach to the Study of Book of Mormon Geography,* analistas das escrituras descobriram ainda mais informações nas próprias passagens do Livro de Mórmon, sugerindo que a região abrangida pelos acontecimentos desse livro chegava, provavelmente, a apenas centenas, em lugar de milhares de quilômetros de comprimento e de largura.[8]

Baseado em minhas próprias pesquisas, concluo, como os outros, que apenas uma área parece qualificar-se em todos os aspectos fundamentais — a Mesoamérica, nome dado pelos pesquisadores das civilizações americanas à porção que compreende o México central e sul, e o norte da América Central, onde se deu o mais alto grau de desenvolvimento da cultura antiga, no hemisfério. A escritura cita, por exemplo, uma longa tradição de registros escritos no território nefita-jaredita. Na Mesoamérica, são conhecidos mais de doze sistemas de escrita, alguns dos quais, segundo evidências correntes, datam pelo menos do início do primeiro milênio A.C.[9] Em nenhum outro lugar das Américas existem atualmente evidências confiáveis de que, antes da chegada dos europeus, no século dezesseis, houvesse um genuíno sistema de escrita e uma tradição de livros. Na Mesoamérica, podemos identificar também quase todos os tipos de aspectos geográficos e culturais especificados pelo Livro de Mórmon — a presença (e ausência) de determinadas relações de montanhas, bacias, rios, "águas", gargantas, subidas, descidas, "passagens", locais de ruínas cujas datas coincidem com a escritura, e assim por diante.[10]

Naturalmente, colocando as terras do Livro de Mórmon dentro de uma região limitada como a Mesoamérica, precisamos considerar por um novo prisma as velhas perguntas que têm interessado os leitores do livro. Por exemplo, como as placas de Néfi se deslocaram do campo de batalha final, perto da "estreita língua de terra", para o local em que Joseph Smith as encontrou, em Nova York? Sobre este ponto, o Livro de Mórmon não dá nenhum esclarecimento. Uma possibilidade óbvia é que o próprio Morôni talvez haja levado os registros para Nova York, durante seus trinta e seis anos de perambulações, da época do extermínio dos nefitas até o momento em que escreveu nas placas pela última vez. (Ver Mórmon 6:6; Morôni 1:1-4; 10:1.) Ele também poderia tê-las colocado lá como ser ressuscitado. Sabemos apenas que, sejam quais forem os meios, em 1827 as placas estavam na "colina de regular porte", perto da casa de Joseph Smith, em Palmyra, Nova York, quando Morôni lhe entregou os registros sagrados.

Em muitos casos, quando percebemos a plausibilidade de uma escala limitada para a geografia do Livro de Mórmon, questões sobre língua, cultura, filiações raciais e outros "problemas" levantados pelos críticos sobre o livro de escritura, adquirem uma perspectiva inteiramente diferente.

Portanto, concentrando-nos primordialmente em dados da área



mesoamericana, examinaremos o Livro de Mórmon em relação às melhores informações disponíveis sobre a civilização e geografia dessa região[11].

A Natureza do Registro

Uma outra importante idéia nova sobre o Livro de Mórmon é o fato de não ser História no sentido habitual da palavra, hoje. Ao invés de ser uma narrativa do que aconteceu em determinado território, assemelha-se ao Velho Testamento, isto é, uma crônica familiar escrita por profetas sob a inspiração do Senhor. Assim, o Livro de Mórmon é semelhante, em importantes aspectos, a "histórias de família ou linhagens". Esta classe de documento contém informações selecionadas sobre a origem do grupo, por que foi escolhido por Deus, eventos decisivos que afetaram seu destino, regras em que basearam o sistema de poder e seu relacionamento com outros grupos. É típico de uma linhagem usar esse tipo de relato histórico para definir suas próprias fronteiras, reforçar seu poder, estabilizar sua estrutura social e esclarecer, *aos próprios membros,* quem são eles.

A maioria dos documentos históricos, escritos ou orais, de civilizações e tribos antigas, são desse tipo[12]. Não afirmam relatar completa ou sistematicamente tudo "o que aconteceu" em todo um território. Na verdade, a linhagem ou grupo familiar pode não ter controle exclusivo da terra (como foi o caso de Abraão). Muitas vezes, constituíam apenas parte de uma sociedade, lado a lado com grupos semelhantes, dentro ou fora de nações formais que muitos de nós consideramos assunto apropriado da História.

Um dos três livros maias mais conhecidos, o Códice Dresden.

O relato do período patriarcal no Velho Testamento, por exemplo, é fornecido por registros de certa linhagem, contando, primordialmente, seus principais eventos históricos e as grandes verdades que seus líderes receberam de Deus. Mostra Abraão mudando-se do norte da Mesopotâmia para Canaã, depois Egito, e sua família vivendo estreitamente ligada a outros povos e culturas que são praticamente ignorados no registro. Ur, Ló, Abimeleque, Gomorra, os "cinco reis" e Melquisedeque são mencionados apenas de passagem, embora fossem parte essencial do cenário. Aparecem quase como que acessórios colocados num palco para facilitar o relato de como e por que Israel conquistou seu lugar na terra prometida.

Tanto os documentos nefitas quanto os jareditas apresentam essas características. Morôni, o último escriba da linhagem de Néfi, concluiu e enterrou o registro *não* porque não havia mais história acontecendo ao redor dele. (Ver Mórmon 8:1-9; Morôni 1:1-2.) Esses acontecimentos simplesmente não mais faziam parte da história do *seu* grupo. (Naturalmente, havia outras razões mais importantes para terminar e selar o registro. Ver Morôni 1:4; página-título.) Torna-se aparente, assim, por que o resumo de Mórmon ignora o povo de Zarahemla ou "mulequitas", como os chamamos, embora fossem mais numerosos que os nefitas. (Ver Mosiah 25:2-3.) Éter também não deu muita atenção aos usurpadores do poder, provavelmente de uma linhagem adversária, que aprisionaram seus antepassados, alijando-os do trono; na verdade, não são nem mesmo mencionados pelo nome no Livro de Éter. (Ver Éter 10:30-31; 11:17-19.) Para o povo da linhagem de Jared, esses nomes não eram importantes.

Significativamente, o tema desses registros da América antiga era o destino das principais famílias que os mantinham. Outras pessoas eram às vezes mencionadas, mas somente porque forneciam o cenário e acessórios necessários para o drama principal. Mesmo períodos que duravam séculos podiam ser ignorados, sem dúvida por pouco ter neles acontecido que fosse considerado decisivo para o destino dos descendentes de Néfi ou de Jared.

Os Limites da Arqueologia

Portanto, os relatos do Livro de Mórmon não tratam de nações no sentido moderno, mas se preocupam, de modo geral, com as linhas governantes. As linhas de sucessão, porém, são quase invisíveis na arqueologia, e isto constitui um problema. Nem a famosa dinastia dos hicsos do Egito, na Idade do Bronze, nem os tão discutidos dominadores toltecas do México, de mil anos atrás, podem ser mais do que teoricamente relacionados às ruínas.[13] Se a natureza da evidência arqueológica, lingüística e histórica de que dispomos atualmente sobre a Mesoamérica torna difícil identificar grupos específicos como uma possível linhagem de Néfi, o que não dizer de indivíduos? É um problema inerente a qualquer pesquisa histórica sobre civilizações antigas. Os especialistas ainda não resolveram suas diferenças de opinião sobre a identidade dos invasores israelitas que cercaram Jericó na época de Josué e antes.[14] Não existe nenhum monumento perto do Jordão que afirme "Israel atravessou aqui"; e no Egito não se encontra nenhuma indicação da terra de Gósen. Em lugar disso, somos forçados a procurar padrões de costumes ou de colonização que pareçam relacionar-se com algo mencionado nas escrituras.

Entretanto, uma *interpretação* (como "o novo tipo de cerâmica observado nesta camada deve representar a entrada dos hebreus") não emana só dos "fatos". Os estudiosos levantam um caso, apresentam a proposição de que determinado documento ou tradição combina com os vestígios materiais encontrados. Outros estudiosos talvez não estejam convencidos; podem até atacar veementemente a hipótese. O *Popol Vuh,* uma história familiar da alta Guatemala, conta a invasão de um pequeno grupo de guerreiros de características culturais mexicanas, que chegaram a dominar a região cerca de seiscentos anos antes. Os maoris, da Nova Zelândia, afirmam descender de um pequeno grupo de pessoas supostamente vindo da Polinésia central, em canoas. Dados vagamente confirmatórios podem ser usados para apoiar ambas essas tradições; entretanto, a evidência é questionável, e os estudiosos costumam travar discussões sobre esse tipo de questão.

Suponhamos, entretanto, que nos seja possível identificar uma série de paralelos significativos entre o que o Livro de Mórmon conta a respeito da vida de outrora, nas terras nefitas, e o que as pesquisas correntes revelam sobre os costumes da Mesoamérica. Estaríamos precisamente no mesmo terreno — o da possibilidade — como aqueles que tratam de questões históricas não pertencentes às escrituras.

A possibilidade é um elo aceitável entre o texto do Livro de Mórmon e os vestígios materiais? Certamente. É a mesma ligação que eminentes arqueólogos vêm fazendo há anos entre outros textos e seus contextos, especialmente na grande obra realizada nos últimos anos em relação à história bíblica.

Os arqueólogos permanecem na ignorância a respeito de grande parte da vida na antigüidade, simplesmente por ser muito difícil chegar a conclusões sobre credos, estruturas sociais e personalidades, tendo por base cacos de louça de barro, fragmentos de pedras e muralhas desmoronadas. E como os arqueólogos sempre descobrem apenas minúsculas frações de toda a evidência deixada no solo, somos continuamente surpreendidos por novas revelações. Mesmo quando o estudo de artefatos culturais é suplementado por outras informações — de lingüística histórica, inscrições, antropologia biológica, identificação botânica — não podemos ter certeza. Assim sendo, todas as interpretações de descobertas

arqueológicas devem ser calmamente prefaciadas por um "por enquanto" ou "parece".

A arqueologia, portanto, tem suas próprias limitações que forçam os arqueólogos a tirarem conclusões razoáveis, embora um tanto incertas, baseando-se nos dados limitados e ambíguos que encontram. Michael Coe, da Universidade de Yale, por exemplo, tenta relacionar deuses astecas específicos, cujas características conhecemos principalmente através de tradições registradas pelos espanhóis no século dezesseis, a imagens olmecas de 2.500 anos antes, que ele pensa representarem deuses com características semelhantes às dos deuses astecas.[15] Seu colega, George Kubler, baseando-se nas mesmas informações, discorda veementemente[16]; mas isso, também, é uma questão de julgamento. Entrementes, mesmo quanto à antiga Judéia, área supostamente bem conhecida, as interpretações variam grandemente. O Professor William F. Albright, duas gerações atrás, identificou o sítio de Tell Lachish como a cidade "Laquis", mencionada no Velho Testamento em relação às invasões assíria e babilônica. Ele baseia essa identificação em um relato tradicional de Eusébio, em IV A.D., no qual este cita localidades e distâncias de viagem, tornando o sítio em questão um candidato plausível para a cidade do Velho Testamento. O Professor Ahlstrom, da Universidade de Chicago, o desafiou a provar essa identificação. David Ussishkin, da Universidade de Tel-Aviv, que trabalhou durante anos no local, admite que a identificação aceita é puramente circunstancial, mas, ainda assim, em sua opinião, "altamente provável".[17]

Vários pesquisadores do Livro de Mórmon acham que o grande sítio de Kaminaljuyu, parte da moderna Cidade da Guatemala, poderia qualificar-se como a cidade de Néfi, mencionada no Livro de Mórmon. Pode esta identificação ser provada? É claro que não; mas, estabelecendo a plausibilidade, estamos simplesmente seguindo os mais avançados raciocínios da arqueologia moderna. O Professor L. R. Binford insiste que, diante da "ambigüidade dos fatos nos registros arqueológicos", o arqueólogo que se confrontar com esta ambigüidade deve "*pesar prudentemente* as possíveis alternativas, e depois chegar a uma conclusão quanto à mais plausível". Em outras palavras, a *plausibilidade* torna-se o padrão de julgamento da verdade, em termos de arqueologia.[18]

Isto é tudo o que podemos fazer. Afinal de contas, a ciência, sem falar na história escrita pelo homem, é "eterna tentativa", assegura-nos Popper, acrescentando: "Apenas em nossas experiências subjetivas de convicção, em nossa fé subjetiva, podemos ter 'certeza absoluta'."[19] A ciência não fornece equivalente para essa "fé subjetiva"; não obstante, é muito interessante ver quão plausível parece agora a história nefita, à luz das febricitantes escavações dos últimos cinqüenta anos.

Guerra

Um dos tópicos sobre os quais as opiniões dos especialistas mudaram drasticamente, colocando-se mais de acordo com o Livro de Mórmon, é o conflito armado. Até recentemente, a Mesoamérica era predominantemente concebida como habitada unicamente por sociedades pacíficas no auge da Era Clássica, exemplificadas pelas espetaculares ruínas maias e de Teotihuacan, datadas de aproximadamente 300 a 800 A.D.[20] Supunha-se que os líderes maias passavam todo o tempo contemplando e adorando pacificamente um complexo conjunto de deuses, apreciando sua arte notável, fazendo jogos filosóficos com seus calendários, e agindo, em todos os outros aspectos da vida, como "os gregos do Novo Mundo". Só após o ano 1000 A.D., se cogitou da possibilidade de o militarismo ter desempenhado seu papel na história da Mesoamérica.

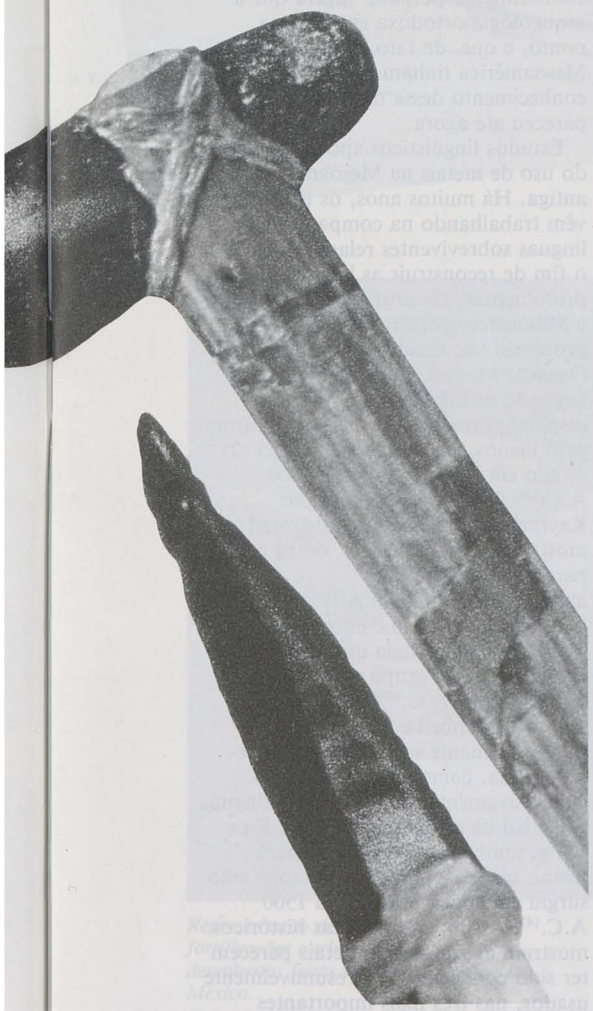
Nas décadas de 1950 e 1960, algumas vozes — Armillas, Rands, Palerm[21] passaram a insistir em que tal concepção precisava ser revista. Entretanto, ninguém lhes deu ouvidos. A grande mudança deu-se em 1970, com o trabalho realizado pela Universidade de Tulane, em Becan, na Península de Iucatán. O centro do local é cercado por um fosso de quase dois quilômetros de circunferência, perto de dezesseis metros de largura. A terra retirada havia sido empilhada, formando um parapeito do lado de dentro do fosso. David Webster descreve o efeito militar desta fortificação:

"Atirar alguma coisa por cima do parapeito, estando do lado de fora, é quase impossível. Os defensores, possivelmente protegidos por uma paliçada, podiam lançar projéteis de longo alcance sobre inimigos que se aproximassem, usando atiradeiras de lanças e fundas."[22]

Isto parece quase uma paráfrase de Alma 49:18-20. Mas o conquistador espanhol, Cortez, viu fortificações semelhantes, ao penetrar nas florestas entre Tabasco, no México e Honduras, na década de 1520. Seria Becan simplesmente um desses locais



Armas reconstituídas, um martelo de pedra e uma lança, do sítio de Monte Alto, sul da Guatemala, quase certamente da época do Livro de Mórmon.



insignificantes, de data muito posterior ao Livro de Mórmon? Webster demonstrou que o fosso de Becan e sua muralha foram construídos entre 150 e 450 A.D., aproximadamente, período que abrangeria o tempo em que Mórmon e Morôni viveram e lutaram.[23]

A partir daí, surgiu uma grande quantidade de novos dados corroborantes. Mais de cem sítios fortificados são agora conhecidos. O trabalho de Ray Matheny, em Edzna, revelou uma grande fortaleza cercada por um fosso que data, aproximadamente, da época de Cristo[24]. Loma Torremote, no Vale do México, era um povoado que ficava no alto de uma colina, rodeado por uma paliçada, mais ou menos em 400 A.C.[25] Parte dos três quilômetros de muralhas defensivas no famoso Monte Alban, data de antes de 200 A.C.[26] O núcleo de Los Naranjos, na parte ocidental de Honduras, era totalmente circundado por uma grande vala, em alguma época entre 1000 e 500 A.C.[27] Além dos locais propriamente ditos, foram encontrados vestígios de artes gráficas, restos de armas e estatuetas de guerreiros, de diversos períodos, assim como muralhas de pedra. (Comparar com Alma 48:8.)[28] E a armação com crânios (Tzompantli asteca), usada na época da Conquista pelos astecas, para amedrontar os possíveis rebeldes contra seu controle militar, foi agora encontrada no Vale Cuicatlan, de Oaxaca, datando de antes da época de Cristo[29].

Torna-se cada vez mais patente que as práticas de guerra, em uso quando os europeus chegaram, remontam aos primórdios da história da Mesoamérica. Entretanto, até dez anos atrás, a maioria das descrições da vida primitiva na área contradizia frontalmente este ponto de vista.

O efeito intimidatório de opiniões obsoletas fez-se sentir num fato recente. Um de meus ex-alunos escreveu-me muito preocupado, porque seu professor em uma universidade do Leste lhe assegurara que o arco e a flecha, mencionados em várias passagens do Livro de Mórmon, não existiam na Mesoamérica até 900 A.D. Eu, porém, pude garantir-lhe que uma peça de cerâmica do México central mostrava a figura de um homem com tais armas. O fragmento data de aproximadamente oitocentos anos antes da data "reconhecida" mencionada pelo referido professor[30].

A descrição de fortificações em Alma 48 até 3 Néfi 3, as freqüentes batalhas registradas nos anais jareditas e nefitas, a proporção de vítimas, muitas das táticas e armas empregadas, o modelo de organização dos exércitos, e outras informações sobre esse tópico reveladas no Livro de Mórmon, parecem agora perfeitamente plausíveis, em vista de nossos conhecimentos mais recentes sobre a Mesoamérica.

População

Em 1560, o Padre Bartolomeo de Las Casas calculou que quarenta milhões de nativos americanos haviam perecido "injustamente e devido à tirania" na Nova Espanha, no espaço de duas gerações após a descoberta de Colombo[31]. Na década de 1930, o antropólogo A. L. Kroeber estimou a população total do hemisfério por ocasião da chegada dos europeus em apenas oito milhões e quatrocentos mil.[32] Esses extremos ilustram as dificuldades de se determinar o número da população pré-européia. É freqüente o cálculo do número de habitantes refletir a época de seus autores. Os números de Kroeber não puderam deixar de ser afetados pelo pessimismo da Grande Depressão que perturbou historiadores, antropólogos e outros eruditos. Por outro lado, a estimativa de Henry Dobyns, no próspero ano de 1966, o levou a concluir que noventa milhões de nativos habitavam as Américas por volta do ano de 1500 — mais de quarenta milhões deles no México e América Central.[33]

Os estudos sobre número de habitantes, naturalmente, não são baseados em especulações ou fantasias interpretativas. À medida que são examinadas mais atentamente as fontes históricas e arqueológicas, e que os especialistas corrigem uns aos outros através de críticas mútuas, começa a emergir uma melhor compreensão dos números reais. Em sua obra de 1976, *The Native Population of the Americas in 1492,* William Deneva pesou todos os argumentos. Sua estimativa de cinqüenta e sete milhões para o hemisfério, parece razoavelmente segura. Ele conclui que o México e a América Central tinham cerca de vinte e sete milhões.[34] Também, segundo Fernando de Alva Ixtlilxochitl, que usou documentos nativos como fontes para a história do México central pós-conquista, os "toltecas" do século dez empenhavam-se em guerras com forças de milhões, sofrendo mais de cinco milhões e meio de baixas.[35] Mesmo descontando possíveis exageros, tais cifras não estão fora do limite do razoável, como também não as duzentas e trinta mil mortes de guerreiros atribuídas aos nefitas seiscentos anos antes. (Ver Mórmon 6:10-15.)

As cifras referentes à população da Mesoamérica, oferecidas pelos demógrafos décadas atrás, não podiam ser reconciliadas com as afirmações do Livro de Mórmon de que milhões de pessoas haviam sido destruídas nas derradeiras guerras jareditas e nefitas. Agora, a análise dos dados sobre as terras ocupadas, a ecologia, o tamanho das comunidades, as baixas de guerra e outros fatores relacionados à população, no texto do Livro de Mórmon, demonstram consistência e realismo significativos nas mudanças demográficas relatadas. Ao mesmo tempo, os números absolutos registrados no livro são da mesma ordem das cifras consideradas aceitáveis pelas atuais pesquisas sobre a Mesoamérica.

Emprego do Metal

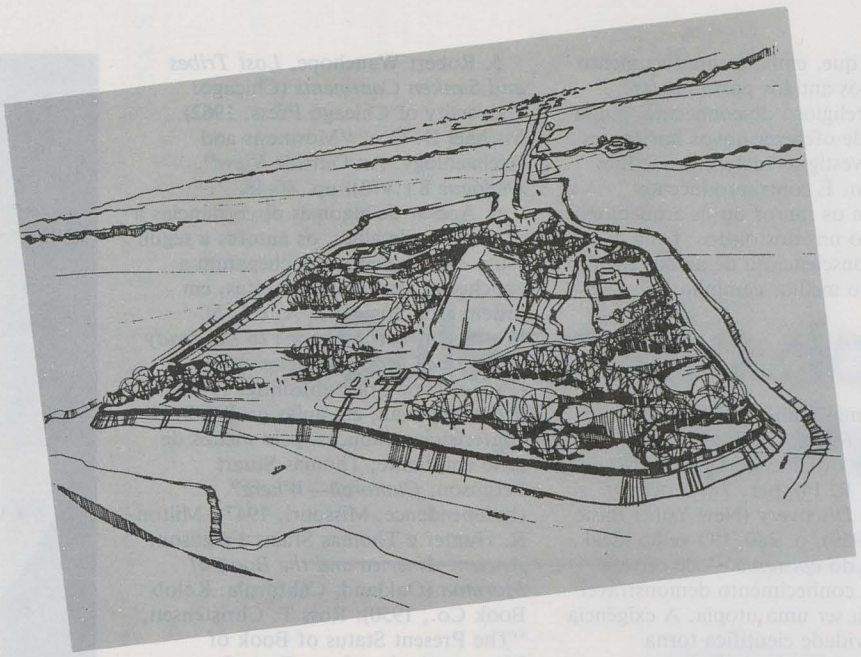
Os críticos consideravam como problemas especiais do Livro de Mórmon, pontos específicos mencionados no texto e que não encontravam paralelo na antiga América. Entretanto, tanto críticos como apologistas desse assunto demonstraram um conhecimento inadequado das afirmações escriturísticas e dos materiais culturais comparativos relacionados ao tempo e lugar certos.

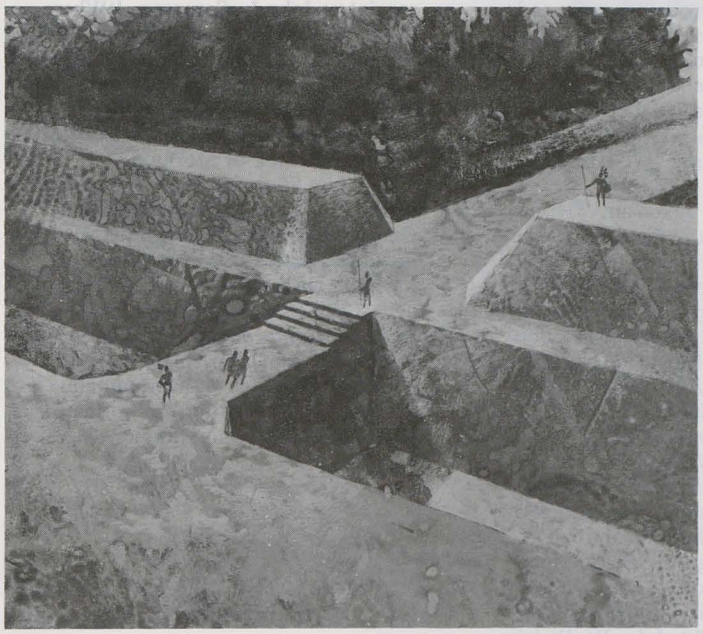
Durante muitos anos, os especialistas em Mesoamérica sustentavam que a metalurgia era desconhecida na área até depois do fim da Era Clássica, por volta de 900 A.D. O Livro de Mórmon, por outro lado, indica que os nefitas usavam ferro, cobre, latão, aço, ouro e prata quase desde o início de sua história (2 Néfi 5:15), e os jareditas conheciam o ouro, a prata e outros metais, mais de mil anos antes. Entretanto, novos dados e novas interpretações, mais uma vez colocam o Livro de Mórmon em uma luz mais favorável.

Quase todos os artefatos de metal mesoamericanos pertencem aos séculos que precedem imediatamente a Conquista Espanhola. Mesmo então, não havia um suprimento abundante de metal na área; assim, provavelmente os objetos antigos eram reutilizados ou derretidos e refundidos. Naturalmente, objetos de tal valor apenas raramente seriam deixados em lugares onde os arqueólogos poderiam descobri-los. Os poucos objetos de metal encontrados são em geral pequenos, ou foram propositadamente depositados como ofertas em túmulos ou locais sagrados. A descoberta de cerca de uma dúzia de peças de metal datando de antes de 900 A.D. e remontando a 100 A.C. nos assegura que aqueles povos conheciam a metalurgia. Sem dúvida alguma, contudo, os objetos de metal eram relativamente raros e um tanto valiosos em todas as épocas. Patterson supõe que a comparativa raridade do metal nas épocas pré-colombianas tinha relação com a limitada tecnologia que tornava difícil a mineração.[36]

Não obstante, é intrigante não termos encontrado mais evidências de atividades metalúrgicas do que a demonstrada até aqui pelo pequeno número de peças encontradas. Sabemos que os peruanos usavam técnicas simples de trabalho em metal, logo depois de 2000 A.C.[37] Uma vez que se aceita, em geral, que havia contato entre o Peru e a Mesoamérica, seria surpreendente que uma característica cultural tão valiosa quanto os metais, não fosse transmitida do primeiro para o último.[38] Mesmo sem considerar a possibilidade de uma introdução transoceânica da metalurgia, o conhecimento peruano sugere que a arqueologia ortodoxa errou neste ponto, e que, de fato, os povos da Mesoamérica tinham mais conhecimento dessa tecnologia do que pareceu até agora.

Estudos lingüísticos apóiam a idéia do uso de metais na Mesoamérica antiga. Há muitos anos, os lingüistas vêm trabalhando na comparação de línguas sobreviventes relacionadas, com o fim de reconstruir as línguas-mãe ou protolínguas. Os professores Longacre e Millon reconstruíram parte do protomisteca, falado no estado de Oaxaca, México, e áreas adjacentes. Segundo as informações de que dispõem, uma palavra para metal (ou pelo menos, sino de metal) parece ter estado em uso por volta de 1000 A.C.[39] O estudo realizado por Kayfman das línguas tzeltal-tzotzil, mostra que na área maia, outra palavra para metal remonta a aproximadamente 500 A.D.; mas a mesma raiz também é encontrada em huasteca, língua maia que se supõe ter-se separado do grupo principal por volta de 2000 A.C.[40] Nesse meio tempo, Campbell e Kaufman, num estudo influente sobre a proto-mixe-zoqueana, demonstram um tanto conclusivamente, que esta era a língua principal da civilização olmeca. Esta tinha, também, uma palavra para metal, que na opinião dos autores não surgiu em época posterior a 1500 A.C.[41] Assim, os lingüistas históricos mostram agora que os metais parecem ter sido conhecidos, e presumivelmente usados, nas três mais importantes





Representação de um trecho de fortificações e trincheiras, baseada em descobertas feitas em Becan, Campeche, México.

famílias de línguas da antiga Mesoamérica, bem antes de 1000 A.C. Podemos ter confiança de que, no futuro, os arqueólogos provavelmente descobrirão mais peças de metal, embora talvez raras, para preencher as lacunas atuais.

Entre os metais mencionados no Livro de Mórmon, está o *ziff*. (Ver Mosiah 11:8.) Vários derivados hebreus deste termo são razoavelmente possíveis, seja com o sentido de "brilhante" ou "laminado". Em termos de substâncias da Mesoamérica, talvez *tumbaga* seja a possibilidade mais lógica.[42] Esta liga de cobre e ouro era comumente produzida na Colômbia e América Central, mas também foi encontrada num sítio maia.[43] Outra possibilidade é a liga singular de cobre-estanho, descoberta por Rubin de la Borbolla, Caley e Easby, na parte ocidental do México.[44] Ou o estanho, sozinho, poderia ter sido o *ziff*. Os cientistas da metalurgia moderna tendem a acreditar que todas as ligas já sejam conhecidas, e que nada de novo, como o *ziff*, ainda poderá ser identificado.

Um caso paralelo nos ajuda a perceber que ainda existem problemas de análise física e de classificação a serem resolvidos. Fontes da Rússia medieval mencionam um metal, *kharsini,* que somente nos últimos tempos foi identificado tentativamente pela leitura cuidadosa dos documentos, como uma substância nativa composta de arsênico e antimônio; os entendidos achavam, anteriormente, que *kharsini* devia ser latão.[45] Como no caso paralelo, Caley e Easby criticaram os arqueólogos da Mesoamérica por sua "recusa teimosa em aceitar os fatos" sobre a mineração, fundição e uso do estanho nos tempos pré-colombianos. Os arqueólogos, em geral, vinham negando a própria presença desse metal nos dias pré-hispânicos.[46]

Entretanto, Craddock corrigira outro erro sobre metal antigo no Mediterrâneo, usando novas análises para demonstrar que o latão, a liga de cobre-zinco, era realmente usada pelos gregos e etruscos por volta da época de

Léhi. O zinco metálico talvez também tenha sido usado.[47] A história padrão que prevaleceu durante anos, era que o uso do zinco e suas ligas surgira na Europa só a partir de 1700. Essa teoria tornava as "placas de latão" um tanto problemáticas; agora, porém, é perfeitamente possível que fossem de latão, exatamente como informa o Livro de Mórmon.

O importante nisto tudo, é o que aprendemos a respeito de "conhecimento". Neste instante, não sabemos o que é o *ziff*. Por mais completas que os metalurgistas e arqueólogos considerem suas informações, podemos ter certeza de que nova luz será lançada, através de novos estudos — sobre a composição química das amostras já conseguidas, de descobertas que certamente serão feitas no futuro, de terminologia de metais e assim por diante. Gostaríamos, por exemplo, de que se fizesse um estudo mais cuidadoso do conteúdo de um vaso de cerâmica desenterrado em Teotihuacan, México, há vários anos, pelo arqueólogo sueco Sigvald Linne, e que data de aproximadamente 300-400 A.D., o qual contém certa massa de "aparência metálica" em cuja composição entram cobre e ferro.[48] Ao mesmo tempo, os santos dos últimos dias interessados deveriam examinar atentamente o texto do Livro de Mórmon, para analisar e correlacionar todas as referências e implicações sobre metais. Só então se poderá fazer uma comparação adequada. Entretanto, o "problema" da utilização de metal, encontrado no Livro de Mórmon, já parece ter avançado um grande passo no caminho de sua solução.

Num sentido mais amplo, a pesquisa, como *processo contínuo e aberto,* é a tese deste artigo. Não seria sensato, os leitores SUD, ou os arqueólogos profissionais e seus associados simplesmente não fazerem nada. O leitor SUD que deseja ir além de uma consideração superficial das "evidências", precisa aprimorar sua capacidade de examinar um texto antigo. Os arqueólogos deveriam aprender que, embora um documento dos tempos antigos possa conter material religioso desconhecido, ainda assim pode oferecer novos horizontes sobre os vestígios materiais que lhes interessam. É contraproducente ignorarem os santos ou os arqueólogos o trabalho uns dos outros. Uma atitude conscienciosa de ambas as partes, é o melhor caminho. □

(Continua.)

NOTAS

1. Thomas Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (Chicago: University of Chicago Press, 1962).

2. Karl R. Popper, *The Logic of Scientific Discovery* (New York: Basic Books, 1959), p. 280. "O velho ideal científico do *epistema* — de certeza absoluta, conhecimento demonstrável — provou ser uma utopia. A exigência de objetividade científica torna inevitável que toda declaração científica seja uma *eterna tentativa.* Ela poderá ser corroborada, mas toda corroboração se relaciona a outras afirmações que, uma vez mais, são tentativas. Apenas em nossas experiências subjetivas de convicção, em nossa fé subjetiva, podemos ter 'certeza absoluta'." (Grifado no original.)

3. M. Wells Jakeman, "The Ancient Middle-American Calendar System: Its Origin and Development", *Brigham Young University (BYU) Publications In Archaeology and Early History,* nº 1, 1947; Hugh Nibley, "The Book of Mormon as a Mirror of the East", *Improvement Era* 51 (1948), pp. 202-04, 249-51; Sidney B. Sperry, *Our Book of Mormon* (Salt Lake City: Stevens and Wallis, 1947).

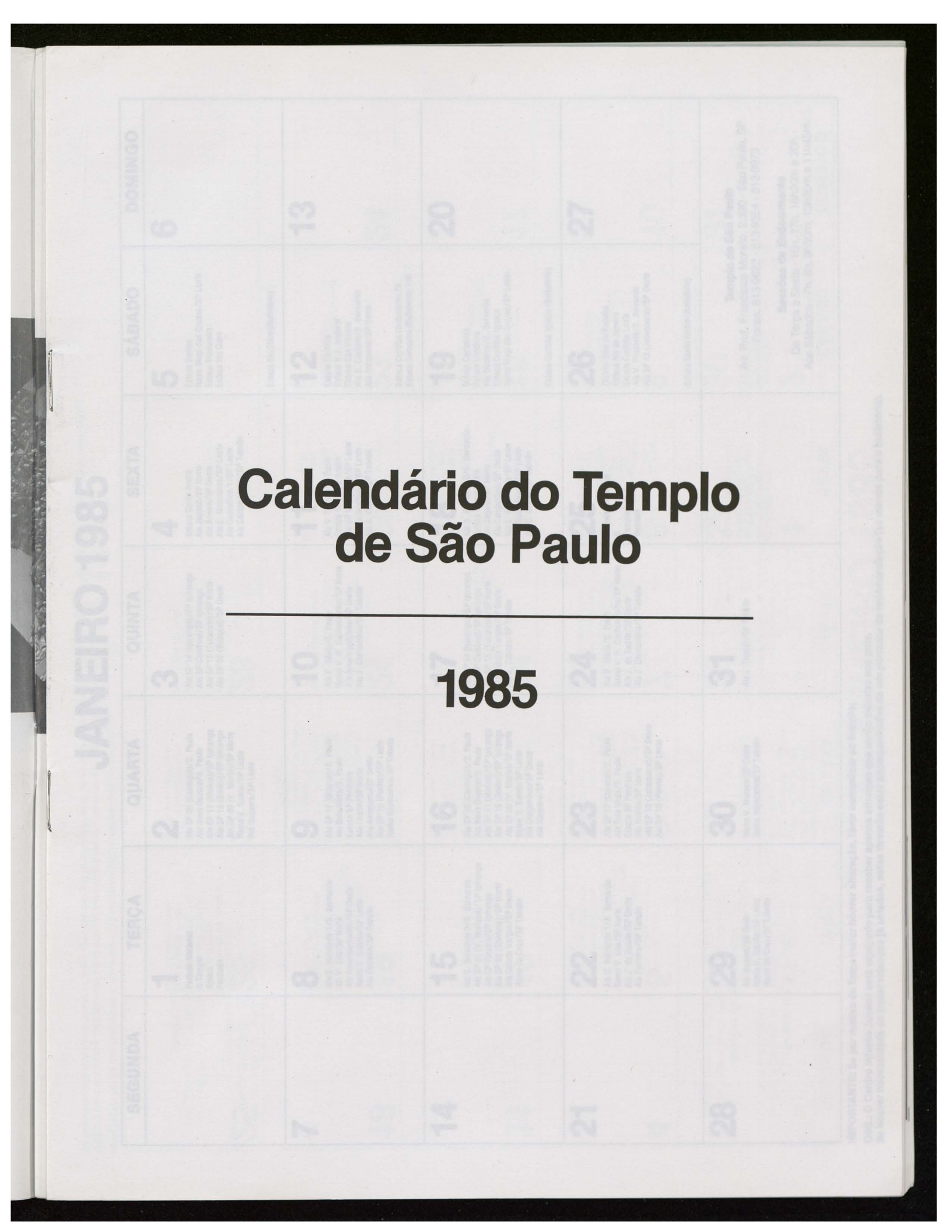
4. John W. Welch, "A Study Relating Chiasmus in the Book of Mormon to Chiasmus in the Old Testament, Ugaritic Epics, Homer and Selected Greek and Latin Authors", Master's Thesis, Brigham Young University, 1970; John W. Welch, editor, *Chiasmus in Antiquity* (Hildesheim: Gerstenberg Verlag, 1981).

5. Robert Wauchope, *Lost Tribes and Sunken Continents* (Chicago: University of Chicago Press, 1962). Michael D. Coe, "Mormons and Archaeology: An Outside View", *Dialogue* 8 (1973), pp. 40-48.

6. Apesar de algumas discordâncias a respeito de detalhes, os autores a seguir estão entre aqueles que chegaram a conclusões semelhantes a estas, em ordem cronológica: J. A. e J. N. Washburn, *An Approach to the Study of Book of Mormon Geography* (Provo: New Era Publishing, 1939); M. Wells Jakeman, em aulas na BYU e conferências públicas, pelo menos de 1946 em diante; Thomas Stuart Ferguson, *Cumorah—Where?* (Independence, Missouri, 1947); Milton R. Hunter e Thomas Stuart Ferguson, *Ancient America and the Book of Mormon* (Oakland, California: Kolob Book Co., 1950): Ross T. Christensen, "The Present Status of Book of Mormon Archaeology; Parte 2, *Millenial Star* (out. de 1952), p. 234 e seguintes; John L. Sorenson, "Where in the World? Views on Book of Mormon Geography", trabalho sobre o Livro de Mórmon divulgado particularmente (Book of Mormon Working Paper) n. 8, 1955; V. Garth Norman, "Book of Mormon Geography Study on the Narrow Neck of Land Region", trabalho sobre Geografia do Livro de Mórmon, divulgado particularmente, (Book of Mormon Geography Working Paper) n. 1, 1966; Sidney B. Sperry, *Book of Mormon Compendium* (Salt Lake City: Bookcraft, 1968), pp. 447-451; Hugh Nibley, "The Book of Mormon and the Ruins", Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, *Nibley*



Fotografia de objeto de ouro do Cenote do Sacrifício, Chichen Itza.



Calendário do Templo de São Paulo

1985

JANEIRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
	1 **Feriado Nacional** O Templo Estará Fechado	**2** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**3** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste	**4** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**5** Estaca Santos Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Madureira Estaca Rio Claro Estaca Rio Claro (Batistério)	**6**
7	**8** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ala Ferreira/SP Taboão	**9** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**10** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**11** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**12** Estaca Curitiba Estaca R.J. Andaraí Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca Curitiba (Batistério) 7h Estaca Sorocaba (Batistério) 10h	**13**
14	**15** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ramo da Cruz/SP Taboão	**16** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ramo V. Salete/SP Leste Ala Congonhas/SP Oeste Ala Itaquera/SP Leste	**17** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**18** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala C. Limpo/SP Taboão	**19** Estaca Campinas Estaca Londrina Ala Diadema/S. Bernardo Estaca Curitiba Iguaçu Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Curitiba Iguaçu (Batistério)	**20**
21	**22** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ramo V. Ede/SP Norte Ala J. da Saúde/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**23** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste	**24** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. da Saúde/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**25** **Feriado Municipal** **O** **Templo estará** **fechado**	**26** Distrito Vale do Paraíba Estaca Rio de Janeiro Estaca Curitiba Leste Ala V. Prudente/S. Bernardo Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca Santo André (Batistério)	**27**
28	**29** Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**30** Ramo V. Moraes/SP Oeste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**31** Ala J. Taboão/SP Taboão			

Templo de São Paulo
Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP
Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973

Sessões de Endowments
De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h.
Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

FEVEREIRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.				**1** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**2** Estaca Santos Estaca Araraquara Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca SP Perdizes (Batistério) 10h Estaca Araraquara (Batistério) 7h	**3**
4	**5** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**6** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala Aeroporto/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**7** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**8** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Árvore/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**9** Estaca RJ Niterói Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca Belo Horizonte Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca S. Bernardo (Batistério)	**10**
11	**12** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**13** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**14** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Taboão/SP Taboão	**15** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**16** Estaca Campinas Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Ala Diadema/S. Bernardo Estaca Marília Estaca Marília (Batistério) 10h Estaca Campinas (Batistério) 7h	**17**
18	**19** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**20** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**21** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**22** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Congonhas/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**23** Ala V. Prudente/S. Bernardo Estaca Petrópolis Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca São Vicente Estaca São Vicente (Batistério)	**24**
25	**26** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**27** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**28** Ala V. Sônia/S. Paulo Ala V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão			

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

MARÇO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.				**1** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste	**2** Estaca Santos Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca RJ Madureira Estaca Londrina Estaca Londrina (Batistério)	**3**
4	**5** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**6** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**7** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**8** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Árvore/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**9** Estaca Ponta Grossa Estaca RJ Andaraí Estaca S. Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca Curitiba/Bacacheri Estaca RJ Andaraí (Batistério) 7h Estaca Ponta Grossa (Batistério) 10h	**10**
11	**12** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**13** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**14** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**15** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**16** Estaca Campinas Estaca Curitiba Norte Ala Diadema/S. Bernardo Ala Aeroporto/SP Oeste Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Distrito Vale do Paraíba Distrito Vale do Paraíba (Batistério)	**17**
18	**19** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**20** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**21** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**22** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Congonhas/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**23** Estaca Curitiba Sul Ala V. Prudente/S. Bernardo Estaca Joinville Estaca Curitiba Sul (Batistério)	**24**
25	**26** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**27** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**28** Ala V. Sônia/S. Paulo Ala V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**29** Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Celeste/SP Taboão	**30** Estaca Rio de Janeiro Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca SP Santo Amaro (Batistério) 10h Estaca Rio de Janeiro (Batistério) 7h	**31**

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

ABRIL 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
1	**2** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste	**3** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**4** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**5** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**6** Estaca Santos Estaca Araraquara Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Santos (Batistério)	**7**
8	**9** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Ferreira/SP Taboão	**10** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**11** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Taboão/SP Taboão	**12** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Estaca SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**13** Estaca Curitiba Estaca RJ Niterói Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca SP Taboão (Batistério)	**14**
15	**16** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**17** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**18** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**19** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**20** Estaca Campinas Ala Diadema/S. Bernardo Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Curitiba Iguaçu Estaca Marília Estaca São Paulo (Batistério) 7h Estaca SP Leste (Batistério) 10h	**21**
22	**23** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**24** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**25** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**26** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**27** Estaca Petrópolis Estaca Curitiba Leste Ala V. Prudente/S. Bernardo Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca Curitiba Leste (Batistério)	**28**
29	**30** Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão				**Templo de São Paulo** Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.	

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

MAIO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
		1 **Feriado nacional** **O** **Templo Estará** **Fechado**	**2** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Árvore/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**3** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste	**4** Estaca Santos Estaca RJ Madureira Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Árvore/SP Oeste Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca SP Ipiranga (Batistério)	**5**
6	**7** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ramo V. Galvão/SP Leste Ala Ferreira/SP Taboão	**8** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**9** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Taboão/SP Taboão	**10** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**11** Estaca RJ Andaraí Estaca São Vicente Estaca Belo Horizonte Ala S. Caetano/S. Bernardo Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca SP Norte (Batistério)	**12**
13	**14** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala V. Ede/ SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ramo da Cruz/SP Taboão	**15** Ala SP 05 (Caxingui)/SP Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**16** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala Cidade Vargas/SP Oeste	**17** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**18** Estaca Campinas Estaca Joinville Ala Diadema/S. Bernardo Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Joinville (Batistério)	**19**
20	**21** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão Ramo V. Galvão/SP Leste	**22** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**23** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**24** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**25** Estaca Rio de Janeiro Ala V. Prudente/S. Bernardo Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca São Paulo Oeste (Batistério)	**26**
27	**28** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Moema/SP Oeste Ramo da Cruz/SP Taboão	**29** Ramo V. Moraes/SP Oeste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**30** Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**31** Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**Templo de São Paulo** Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.	

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

JUNHO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.					**1** Estaca Santos Estaca Araraquara Estaca Curitiba Bacacheri Estaca Marília Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Curitiba Bacacheri (Batistério)	**2**
3	**4** Ala S. Bernardo 2/ S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**5** Ala SP 05 (Caxingui)/SP Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**6** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**7** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Estaca SP Santo Amaro Ala Árvore/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**8** Estaca Curitiba Norte Estaca RJ Niterói Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca RJ Niterói (Batistério) 10h Estaca Curitiba Norte (Batistério) 7h	**9**
10	**11**	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**
17	**18**	**19**	**20**	**21**	**22**	**23**
24	**25** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**26** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**27** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**28** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**29** Estaca Campinas Distrito Vale do Paraíba Estaca Londrina Estaca Petrópolis Estaca Curitiba Sul Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca Petrópolis (Batistério) 7h	**30**

FÉRIAS — O TEMPLO

ESTARÁ FECHADO

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

JULHO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
1	**2** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste	**3** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste	**4** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**5** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**6** Estaca Santos Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Madureira Estaca Ponta Grossa Estaca Ponta Grossa (Batistério)	**7**
8	**9** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ala Ferreira/SP Taboão	**10** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**11** Ala Vila Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**12** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**13** Estaca Curitiba Estaca RJ Andaraí Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca Curitiba (Batistério) 7h Estaca Sorocaba (Batistério) 10h	**14**
15	**16** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ramo da Cruz/SP Taboão	**17** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste	**18** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**19** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Campo Limpo/SP Taboão	**20** Estaca Campinas Ala Diadema/S. Bernardo Estaca Curitiba Iguaçú Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Curitiba Iguaçú (Batistério)	**21**
22	**23** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**24** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste	**25** Ala Vila Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**26** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/Taboão	**27** Estaca Rio de Janeiro Estaca Curitiba Leste Estaca São Vicente Ala V. Prudente/S. Bernardo Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca São Vicente (Batistério)	**28**
29	**30** Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**31** Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão				

Templo de São Paulo
Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP
Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973

Sessões de Endowments
De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h.
Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

AGOSTO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.			**1** Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Árvore/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**2** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste	**3** Estaca Santos Estaca Araraquara Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Árvore/SP Oeste Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste	**4**
5	**6** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**7** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**8** Ala V. Sônia/S. Paulo Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste	**9** Ala Vila Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**10** Estaca RJ Niterói Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca Belo Horizonte Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca SP Taboão (Batistério)	**11**
12	**13** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**14** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**15** Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão Ala J. Clementino/SP Taboão	**16** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**17** Estaca Campinas Ala Diadema/S. Bernardo Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Rio Claro Estaca SP Perdizes (Batistério) 10h Estaca Rio Claro (Batistério) 7h	**18**
19	**20** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**21** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**22** Ala Vila Sônia/S. Paulo Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste	**23** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**24** Estaca Petrópolis Ala V. Prudente/S. Bernardo Estaca Joinville Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Distrito Vale do Paraíba Estaca Santo André (Batistério) 7h Distrito Vale do Paraíba (Batistério) 10h	**25**
26	**27** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**28** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**29** Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**30** Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**31** Estaca Marília Estaca Londrina Estaca Santo Amaro (Batistério) 10h Estaca Londrina (Batistério) 7h	

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

SETEMBRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.						**1**
2	**3** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**4** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**5** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**6** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**7** **Feriado Nacional** **O** **Templo Estará** **Fechado**	**8**
9	**10** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**11** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**12** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**13** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**14** Estaca Curitiba Norte Estaca RJ Andaraí Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca Santos Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca Santos (Batistério) 10h Estaca RJ Andaraí (Batistério) 7h	**15**
16	**17** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**18** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**19** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas /SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**20** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**21** Estaca Campinas Distrito Vale do Paraíba Estaca Curitiba Sul Ala Diadema/S. Bernardo Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Curitiba Sul (Batistério)	**22**
23	**24** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**25** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**26** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**27** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**28** Estaca Rio de Janeiro Ala V. Prudente/S. Bernardo Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca Curitiba Bacacheri Estaca São Bernardo (Batistério)	**29**

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

OUTUBRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
	1 Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste	**2** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste	**3** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste	**4** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**5** Estaca RJ Niterói Estaca Santos Estaca Araraquara Estaca RJ Madureira Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca RJ Niterói (Batistério)	**6**
7	**8** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ala Ferreira/SP Taboão	**9** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**10** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão Ala J. Clementino/SP Taboão	**11** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**12** **Feriado Nacional** **O** **Templo Estará** **Fechado**	**13**
14	**15** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ramo da Cruz/SP Taboão	**16** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste	**17** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste	**18** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**19** Estaca Campinas Estaca São Vicente Ala Diadema/S. Bernardo Estaca Marília Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Marília (Batistério)	**20**
21	**22** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**23** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste	**24** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**25** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Oeste Ala J. Celeste/SP Taboão	**26** Estaca Curitiba Estaca Petrópolis Estaca Curitiba Leste Ala V. Prudente/S. Bernardo Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca Curitiba Leste (Batistério)	**27**
28	**29** Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**30** Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**31** Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão			

Templo de São Paulo
Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP
Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973

Sessões de Endowments
De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h.
Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

NOVEMBRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.				**1** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**2** Estaca Santos Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca São Paulo Leste (Batistério) 10h Estaca São Paulo (Batistério) 7h	**3**
4	**5** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**6** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste	**7** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**8** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Árvore/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**9** Estaca Ponta Grossa Estaca Londrina Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca Belo Horizonte Estaca SP Ipiranga (Batistério)	**10**
11	**12** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**13** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**14** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**15** **Feriado Nacional** **O** **Templo Estará** **Fechado**	**16** Estaca Campinas Estaca RJ Andaraí Ala Diadema/S. Bernardo Ala Aeroporto/SP Oeste Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Distrito Vale do Paraíba (Batistério) 10h Estaca Campinas (Batistério) 7h	**17**
18	**19** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**20** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste	**21** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**22** Ala V. Gomes/S. Paulo Estaca SP Santo Amaro Ala Congonhas/SP Oeste Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**23** Estaca Rio de Janeiro Estaca Curitiba Sul Ala V. Prudente/S. Bernardo Estaca Joinville Estaca Joinville (Batistério) 10h Estaca Rio de Janeiro (Batistério) 7h	**24**
25	**26** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**27** Ala SP 17 Osasco/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**28** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala J. Saúde/SP Oeste Ala Moema/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão	**29** Ramo V. Moraes/SP Oeste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**30** Estaca RJ Madureira Estaca Curitiba Iguaçu Ala SP 13 (Jabaquara)/SP Oeste Estaca São Paulo Norte (Batistério)	

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

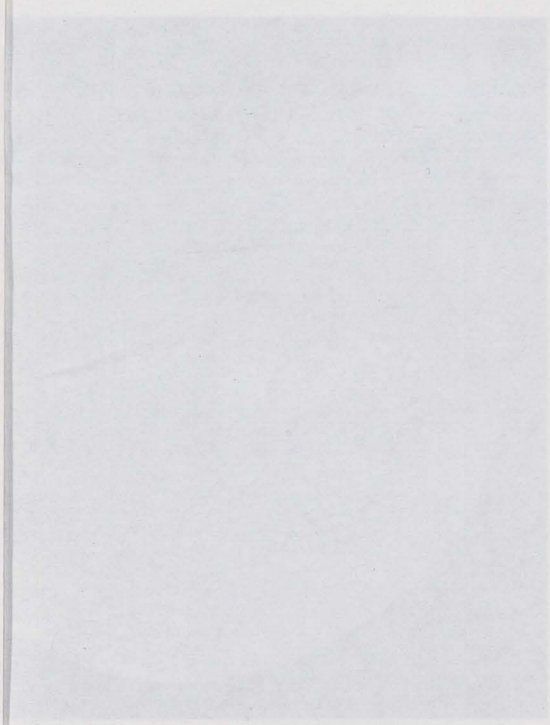
DEZEMBRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Templo de São Paulo Av. Prof. Francisco Morato, 2.390 - São Paulo, SP Fones: 813-9622 - 813-9354 - 813-9973 **Sessões de Endowments** De Terça à Sexta - 16h, 17h, 18h30m e 20h. Aos Sábados - 7h, 8h, 9h30m, 10h30m e 11h45m.						**1**
2	**3** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**4** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Árvore/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste	**5** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala SP 02 (Bosque)/SP Oeste Ala J. Clementino/SP Taboão	**6** Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Estaca SP Santo Amaro Ala Árvore/SP Oeste Ala E. Matarazzo/SP Leste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**7** Estaca RJ Niterói Estaca Curitiba Bacacheri Estaca Santos Estaca Araraquara Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca Curitiba Bacacheri (Batistério)	**8**
9	**10** Ala S. Bernardo 1/S. Bernardo Ala V. Ede/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Saúde/SP Oeste Ramo V. Galvão/SP Leste Ramo da Cruz/SP Taboão	**11** Ala SP 17 (Osasco)/S. Paulo Ala Bela Vista/S. Paulo Estaca SP Perdizes Ala Imirim/SP Norte Ala Aeroporto/SP Oeste Ramo V. Salete/SP Leste Ala Itaquera/SP Leste Ramo Itapecerica/SP Taboão	**12** Ala V. Sônia/S. Paulo Ramo V. N. Cachoeirinha/SP Norte Ala Americanópolis/SP Oeste Ala J. Saúde/SP Oeste	**13** Ala V. Gomes/S. Paulo Ala SP V. Matilde/SP Leste Ala Guarulhos 2/SP Leste Ala J. Celeste/SP Taboão	**14** Estaca Curitiba Norte Estaca Petrópolis Estaca São Vicente Ala S. Caetano/S. Bernardo Estaca Marília Ala Aeroporto/SP Oeste Estaca Petrópolis (Batistério) 10h Estaca Curitiba Norte (Batistério) 7h	**15**
16	**17** Ala S. Bernardo 2/S. Bernardo Ala SP 01 (V. Mariana)/SP Ipiranga Ala SP Paraíso/SP Ipiranga Ala SP 08 (Santana)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala Ferreira/SP Taboão	**18** Ala SP 05 (Caxingui)/S. Paulo Ala Novo Osasco/S. Paulo Ala SP 11 (Moóca)/SP Ipiranga Ala SP 18 (Belém)/SP Ipiranga Ala SP 09 (V. Maria)/SP Norte Ala Congonhas/SP Oeste Ala SP 10 (Penha)/SP Leste	**19** Ala SP 14 (Ipiranga)/SP Ipiranga Ala SP Cambuci/SP Ipiranga Ala SP 15 (Tucuruvi)/SP Norte Ala Cidade Vargas/SP Oeste Ala J. Taboão/SP Taboão Ala J. Clementino/SP Taboão	**20** Ala S. Bernardo 3/S. Bernardo Estaca Santo André Ala Jaçanã/SP Norte Estaca SP Santo Amaro Ala Congonhas/SP Oeste Ala Guarulhos 1/SP Leste Ala Campo Limpo/SP Taboão	**21** Estaca Campinas Ala Diadema/S. Bernardo Ramo Mogi das Cruzes/SP Leste Estaca São Paulo Oeste (Batistério)	**22**
23	**24**	**25**	**26**	**27**	**28**	**29**

FÉRIAS — O TEMPLO ESTARÁ FECHADO

IMPORTANTE: Se por motivo de força maior houver alteração, favor comunicar ao templo.

OBS.: O Centro Infanto-Juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais.
Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério).

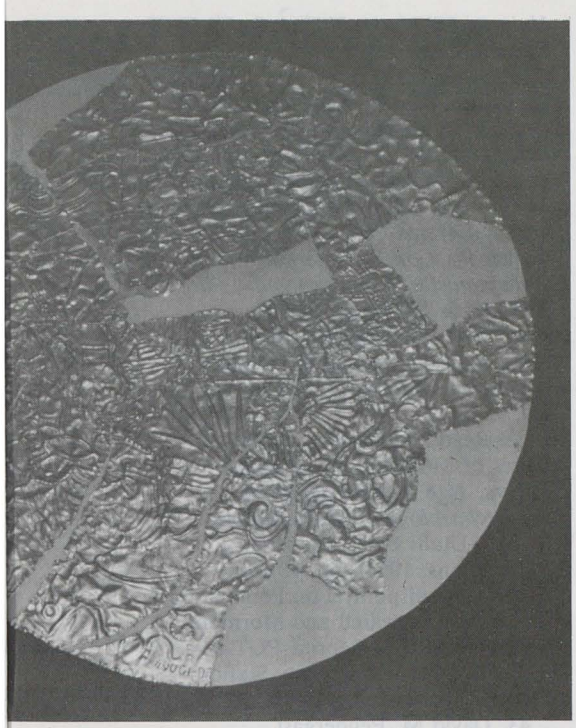


DEZEMBRO 1985

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29

FÉRIAS — O TEMPLO ESTARÁ FECHADO

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS



Archive Reprint BMA-BM (1980), p. 2; David A. Palmer, *In Search of Cumorah: New Evidences for the Book of Mormon from Ancient Mexico* (Bountiful, Utah: Horizon Publishers, 1981).

7. Por exemplo, Norman A. McQuown, "Indigenous Languajes of Native America", *American Anthropologist* 57 (1955), pp. 501-70.

8. As escrituras que estabelecem um possível âmbito limitado para as terras dos nefitas (e jareditas) foram debatidas por muitos estudiosos. Encontramos um exemplo nos últimos escritos de Sidney B. Sperry, há muito tempo professor de escrituras na Universidade Brigham Young, que com freqüência debateu as implicações de escrituras como Ômni 1:20-21; Mosiah 8:7-12 com Alma 22:30-32; Mórmon 1--5; Éter 9:3; e Éter 14 e 15. Ver também J. Nile Washburn, *Book of Mormon Lands and Times* (Salt Lake City: Horizon Publishers, 1974), pp. 205-17, 283-87; e Ferguson, 1947, e Palmer, 1981, citados na nota de rodapé 6.

9. Michael D. Coe, "Early Steps in the Evolution of Maya Writing", em H. B. Nicholson, editor, *Origins of Religious Art and Iconography in Preclassic Mesoamerica* (Los Angeles: UCLA Latin American Center and Ethnic Arts Council of Los Angeles, Califórnia 1976), pp. 110-11.

10. Além das fontes citadas nas notas 6 e 8, ver John L. Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* (Provo: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, no prelo).

11. Consideremos este raciocínio: (1) O Cumora dos nefitas e o Ramá dos jareditas eram a mesma colina (Éter 15:11). (2) Essa área, coberta de ossos (Ômni 1:22; Mosiah 8:8; e 21:26-27 etc.) e também uma "terra dotada de muitas águas, rios e fontes" (Mórmon 6:4; Éter 15:8), ficava no país da Desolação, que fazia fronteira com a terra de Abundância, na estreita nesga de terra (Alma 22:29-32). (3) Em Mórmon, capítulos de 3 a 6, fica claro que as batalhas finais dos nefitas se concentraram principalmente na área geral da cidade de Desolação, que ficava na terra de Desolação, "nas proximidades da estreita passagem que dava caminho para a terra do sul" (Mórmon 3:5, 7). (4) E portanto, segundo este raciocínio, Cumora, o campo da batalha final dos nefitas e lamanitas, ficava perto da estreita nesga de terra.

12. I. M. Lewis, "Force and Fission in Northern Somali Lineage Structure", *American Anthropologist* 63 (1961), p. 109; F. Barth, "Segmentary Opposition and the Theory of Games: A Study of Pathan Organization", *Journal of the Royal Anthropological Institute* 89 (1959), p. 7; W. F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan: A Historical Analysis of Two Contrasting Faiths* (London: University of London/The Athlone Press, 1968), p. 82; Nigel Davies, "The Aztec Concept of History: Tula and Teotihuacan", trabalho apresentado no 44º International Congress of Americanists, Manchester, 1982.

13. William F. Albright, *The Archaeology of Palestine* (Harmondsworth: Penguin Books, 1949), pp. 85-87; Richard A. Diehl, "Tula", em J. A. Sabloff, editor, *Supplement to the Handbook of Middle American Indians,* Vol. 1, *Archaeology* (Austin: University of Texas Press, 1981), p. 291.

14. Kathleen M. Kenyon, *The Bible and Recent Archaeology* (Atlanta, Georgia: John Knox Press, 1978), pp. 33-43.

15. Michael D. Coe, *Mexico,* 2ª edição (New York: Praeger, 1977), p. 86.

16. George Kubler, "The Iconography of the Art of Teotihuacan", *Dumbarton Oaks Studies in Pre-Columbian Art and Archaeology,* nº 4 (Washington, D.C., 1967), pp. 11-12.

17. A disputa a respeito da identificação foi resumida em uma conferência por Ussishkin, na Universidade Brigham Young, em fevereiro de 1982.

18. Lewis R. Binford, "Reply",

Current Anthropology 24 (junho de 1983), p. 373; ênfase no original.

19. Ver nota 2.

20. David L. Webster, Defensive Earthworks at Becan, Campeche, México: Implications for Maya Warfare, (Tulane University, Middle American Research Institute, Publication 41, 1976), p. 108.

21. Angel Palerm, "Notas sobre las Construcciones Militares y la Guerra en Mesoamerica", *Anales del Instituto Nacional de Antropologia e Historia* (México), 7 (1956), pp. 123-34; Pedro Armillas, "Mesoamerican Fortifications", *Antiquity* 25 (1951), pp. 77-86; Robert L. Rands, Some Evidences of Warfare in Classic Maya Art, tese de doutoramento, Columbia University, New York, 1952 (University Microfilms Doctoral Dissertation Series nº 4233, 1952).

22. Webster, p. 96.

23. Ibid., p. 87.

24. Ray T. Matheny, Deanne L. Gurr, Donald W. Forsyth e F. Richard Hauck, Investigations at Edzna, Campeche, Mexico, Volume 1, Part 1: The Hydraulic System (Brigham Young University, New World Archaeological Foundation, Paper 46, 1983), pp. 169--91.

25. "Current Research", *American Antiquity* 45 (1980), p. 622.

26. Richard E. Blanton e Stephen A. Kowalewski, "Monte Alban and after in the Valley of Oaxaca", em J. A. Sabloff, editor, *Supplement to the Handbook of Middle American Indians,* Vol. 1, *Archaeology* (Austin: University of Texas Press, 1981), p. 100.

27. Claude F. Baudez e Pierre Becquelin, *Etudes Mesoamericaines,* Vol. 2, *Archeologie de los Naranjos,* (México: Mission Archeologique et Ethnologique Française au Mexique, 1973), pp. 3-4.

28. Palerm, p. 129; Webster, p. 98.

29. Charles S. Spencer e Elsa M. Redmond, "Formative and Classic Developments in the Cuicatlan Canada: A Preliminary Report", em Robert D. Drennan, editor, *Prehistoric Social, Political, and Economical Development in the Area of the Tehuacan Valley: Some Results of the Palo Blanco Project,* University of Michigan, Museum of Anthropology Technical Reports, no. 11 (Research Reports in Archaeology, Contribution 6), 1979, p. 211.

30. Florencia Muller, "Instrumental y Armas", em Sociedad Mexicana de Antropologia, *Teotihuacan: Onceava Mesa Redonda* (Mexico, 1966), p. 231.

31. Henry F. Dobyns, "Estimating Aboriginal American Population: An Appraisal of Techniques with a New Hemispheric Estimate", *Current Anthropology* 7 (1966), p. 396.

32. Ibid., p. 396.

33. Ibid., p. 416.

34. William M. Denevan, editor, *The Native Population of the Americas in 1492* (Madison: University of Wisconsin Press, 1976), pp. 289-92.

35. Milton R. Hunter e Thomas S. Ferguson, *Ancient America and the Book of Mormon* (Oakland, California: Kolob Book Co., 1950), p. 385. Esta é a única fonte em inglês.

36. Clair C. Patterson, "Native Copper, Silver, and Gold Accessible to Early Metallurgists", *American Antiquity* 36 (1971), p. 331.

37. J. W. Grossman, "An Ancient Gold Worker's Tool Kit: The Earliest Metal Technology in Peru", *Archaeology* 25 (1972), pp. 270-75; A. C. Paulsen, "Prehistoric Trade between South Coastal Ecuador and Other Parts of the Andes", trabalho lido na 37th. Annual Meeting of the Society for American Archaeology, 1972.

38. Charles Kelley e Carroll L. Riley, eds., *Precolumbian Contact within Nuclear America,* Southern Illinois University, Carbondale, Research Records of the University Museum, Mesoamerican Studies, 4, 1969.

39. R. E. Longacre e Rene Millon, "Proto-Mixtecan and Proto-Amuzgo--Mixtecan Vocabularies: A Preliminary Cultural Analysis", *Anthropological Linguistics* 3 (1961), p. 22.

40. Terence Kaufman, "El Proto--Tzeltal-Tzotzil: Fonologia Comparada y Diccionario Reconstruido", *Universidad Nacional Autonoma de Mexico, Centro de Estudios Mayas, Cuadernos* 5 (1972), p. 118; Marcelo Alejandre, *Cartilla Huasteca con su Gramatica, Diccionario y Varias Reglas para Aprender el Idioma,* Secretaria de Fomento, Mexico, 1899, pp. 84, 88; H. de Charency, "Les Noms de Metaux chez Differents Peuples de La Nouvelle Espagne", *Congres Internacional des Americanistes, Compte-Rendy, Paris 1890,* Paris, 1892, pp. 539-41.

41. Lyle Campbell e T. Kaufman, "A Linguistic Look at the Olmecs", *American Antiquity 41* (1976), pp. 80--89.

42. Read H. Putnam, "Were the Plates of Mormon of Tumbaga?" *Papers, 15th Annual Symposium on the Archaeology of the Scriptures* (Provo, Utah: BYU Extension Publications, 1964), pp. 101-90. Atualmente disponível na Foundation for Ancient Research and Mormon Studies (FARMS) Reprint PUT-64 (P.O. Box 7113, University Station, Provo, UT 84602, USA).

43. David M. Pendergast, "Tumbaga Object from the Early Classic Period, Found at Altún Ha, British Honduras (Belize)", *Science* 168 (3 de abril de 1970), pp. 116-18.

44. R. R. Caley e D. T. Easby, Jr., "New Evidence of Tin Smelting and the Use of Metallic Tin in Pre--Conquest Mexico", *35 Congreso Internacional de Americanistas, México, 1962, Actas y Memorias,* Vol. 1, México, 1964, p. 511.

45. L. G. Alieva e A. M. Gasanova, "Problem of the Unknown Metal Kharsini in Medieval Written Sources", *Doklady Akademiya Nauk Azerbaidzhanskoi SSR* 37, nº 4 (1981), pp. 84-87; English abstract in *Art and Archaeology Technical Abstracts* 19 (1982), p. 111.

46. Caley e Easby, pp. 507-17.

47. P. T. Craddock, "Europe's Earliest Brass", *MASCA Journal* 1 (December 1978), pp. 4-5.

48. Sigvald Linne, *Mexican Highland Cultures,* Ethnographical Museum of Sweden, Stockholm, Publication 7, 1942, p. 142.

PRIMÁRIA: UMA FORÇA A SERVIÇO DO BEM

Dwan J. Young
Presidente Geral da Primária



Irmã Dwan J. Young, presidente geral da Primária.

As crianças da Primária são uma das mais poderosas influências a serviço do bem, no mundo de hoje. Podemos aprender muito com elas, pois compartilham o evangelho com seus amigos não-membros, ajudam a ativar pessoas inativas e se fortalecem mutuamente. O tema da Primária: "E todos os teus filhos serão discípulos do Senhor", coloca em foco a responsabilidade que todos temos de ensinar as crianças, para que elas, por sua vez, tenham condições de ensinar outras pessoas.

Essa responsabilidade foi aceita pelas professoras e líderes da Primária em toda a Igreja, juntamente com o desafio do novo ano: "Buscai ao Senhor".

A cada ano lançamos um desafio especial para todos os que trabalham na Primária. O desafio deste ano é um chamado para que todas as líderes e professores busquem um relacionamento mais próximo ao Pai Celestial. É necessário que as crianças percebam sua influência em nossa vida, para que tenham o desejo de seguir o nosso exemplo. Queremos ensinar as crianças de forma tal, que saibam que são filhas do Pai Celestial, que ele as ama e que, não importa o que lhes aconteça na vida, continuam sendo dele e ele cuidando delas.

Sabemos que, quando as crianças começam a sentir o evangelho, gostam de repartir com os outros seu conhecimento. Temos notícias de crianças que falaram aos pais e amigos não-membros ou inativos sobre aulas que tiveram na Primária, trazendo-os de volta à vida ativa na Igreja.

Em Quillabamba, Peru, por exemplo, um garoto deu um bom

exemplo ao ministro de outra Igreja. Todas as vezes que esse ministro via o menininho SUD, ele estava lendo o Livro de Mórmon. Quando lhe perguntou por que o livro era tão fascinante, o garoto lhe disse que contava a história dos antigos habitantes da América do Sul, e que o ministro deveria lê-la. Esse convite levou às palestras dos missionários e ao batismo.

A reunião sacramental da Primária, este ano, salienta que devemos incentivar as crianças a lerem as escrituras, a orarem e a serem obedientes aos mandamentos do Pai Celestial. Compartilharemos experiências especiais em que as crianças "buscaram ao Senhor". Uma nova canção, "Buscai ao Senhor", será cantada pelas crianças, para lembrar-lhes a necessidade de buscarem ao Senhor enquanto são jovens. A história de como o jovem Joseph Smith buscou ao Senhor será contada, e as crianças prestarão testemunho ao cantar: "Que Deus Vive Eu Sei", (*Cante Comigo*, B-39).

Outras canções do "Cante Comigo" serão incluídas na apresentação das crianças na reunião sacramental: "Graças Te Damos, Ó Senhor", "Obediência", "Gosto de Ler sobre Jesus", "Se de Coração Me Buscares" e "Histórias do Livro de Mórmon".

A apresentação incluirá também duas canções de "Mais Hinos para Crianças": "Guarda os Mandamentos" e "Crianças de Todo o Mundo", e dois hinos: "Que Manhã Maravilhosa" e "Há Horas de Preciosa Paz".

Espero que os pais apreciem cantar esses e outros hinos e canções com seus filhos. Poderiam usá-los na noite familiar ou em outras atividades. Cantar com as crianças os hinos aprendidos na Primária desenvolve a união familiar e ajuda a reforçar os ensinamentos da Primária que as crianças recebem em classe.

Um dos propósitos da organização é ensinar as crianças a viverem os preceitos aprendidos em classe.

O programa *O Evangelho em Ação*, por exemplo, preparado para meninos e meninas de dez e onze anos, tem por finalidade o autodesenvolvimento. Incentiva-os a viverem os princípios do evangelho, escolhendo uma experiência em cada uma das quatro categorias, ou seja, pessoal, familiar, da Igreja e comunitária. Algumas experiências incluem desenvolver um talento, que deverá ser compartilhado com outras pessoas, descobrir como ser um amigo melhor, preencher um gráfico pessoal de genealogia ou fazer seu diário, ler as escrituras todos os dias pelo menos durante um mês, e planejar e executar um projeto de serviço individual, familiar ou de classe. Quando quatro experiências são terminadas, os participantes recebem um prêmio em reconhecimento de sua realização.

Todas as crianças da Primária podem colocar o evangelho em ação durante os dias de atividades trimestrais, os quais proporcionam divertimentos saudáveis às crianças da Primária de todas as idades. Estamos entusiasmadas com esse programa de atividades quatro vezes por ano, porque não-membros da Igreja e crianças que normalmente não freqüentam a Primária aos domingos, podem ser facilmente nelas incluídos.

Em Caracas, Venezuela, foi feito um programa, nos dias de atividades, em que cento e cinqüenta crianças apresentaram músicas e danças tradicionais. Cada ala também exibiu trabalhos manuais e artísticos através dos quais as crianças tiveram oportunidade de demonstrar seus talentos e aptidões.

Outra atividade de muito sucesso é "Seguir as Pegadas de Heróis e Heroínas", na qual as crianças aprendem a fazer algum trabalho manual ou artístico relacionado à vida de uma pessoa famosa. As crianças precisam de heróis e heroínas que possam imitar. Há muitos exemplos de grandes líderes da Igreja e outras pessoas que se dedicaram ou continuam a dedicar-se ao serviço da humanidade. E também existem os heróis e heroínas com quem conversamos diariamente, como nossos pais, bispos, professores e líderes da Primária.

Encontrei, no Taiti, uma dessas heroínas, Mary Tua, presidente da Primária da Ala Pamatai, da Estaca Papeete. Ao descobrir que havia duzentos nomes nas listas de chamada da Primária, embora apenas cinqüenta crianças freqüentassem as reuniões, a irmã Tua sentiu que precisava esforçar-se para reativar o maior número possível de crianças. Examinou todos os nomes junto com o secretário da ala, e depois visitou as crianças que ainda moravam dentro dos limites da ala, convidando-as a freqüentarem a Primária, com o consentimento dos pais. Dentro de cinco meses, cem crianças compareciam às reuniões semanalmente, e oito crianças com mais de oito anos foram batizadas. Quando visitei Papeete, as classes estavam repletas de crianças que ouviam atentamente as aulas bem preparadas por professoras amorosas e cheias de motivação. Naquele dia, a Irmã Tua estava particularmente feliz, porque mais três de "suas" crianças haviam comparecido. Ela as encontrara em um supermercado e conseguira permissão da mãe para que fossem à Primária. O espírito de entusiasmo gerado pelas crianças parecia afetar todos na ala.

Uma das grandes alegrias que tenho neste chamado é a de conversar com crianças do mundo inteiro. Nem sempre compreendo a língua que falam, mas posso sentir como amam o Salvador e aqueles que as ensinam e orientam. Em todos os lugares que visitei, senti o amor das líderes e professores da Primária aos alunos.

Como líderes e professores da Primária, nossa responsabilidade é muito grande. O conselho transmitido no versículo treze, do capítulo cinqüenta e quatro de Isaías, de que "todos os teus filhos serão discípulos do Senhor", é acompanhado da promessa de que "a paz de teus filhos será abundante". Sem dúvida alguma, desejamos que nossos filhos tenham a paz dos que vivem o evangelho e apóiam os seus princípios. □

Mensagem da Primeira Presidência

"DEUS NÃO NOS DEU O ESPÍRITO DE TEMOR"

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



Versão resumida de um discurso proferido em 5 de novembro de 1983, a estudantes universitários SUD, no Instituto de Religião de Lago Salgado.

Tenho viajado por todo o mundo, e durante minha vida, encontrei pessoas com grandes problemas e preocupações. Em resposta a tais desafios e ansiedades, cito freqüentemente algumas palavras que foram escritas há muito tempo pelo Apóstolo Paulo. Na época, provavelmente estava preso em Roma, pronto para ser "oferecido" em sacrifício, conforme afirma. (II Timóteo 4:6.) Ele havia sido um grande missionário, imperturbável em seu testemunho, zeloso no desejo de testificar a respeito do Senhor ressuscitado. Sabia que seus dias estavam contados, e com grande emoção escrevia a um jovem companheiro, Timóteo, a quem descreve como "meu amado filho":

"Por cujo motivo te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti...

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação." (II Timóteo 1:6-7.)

Quem entre nós pode dizer que jamais sentiu medo? Não conheço ninguém que tenha sido totalmente poupado. Naturalmente alguns sentem mais medo que outros, alguns conseguem vencê-lo rapidamente, mas outros são apanhados na armadilha e muitas vezes levados à derrota pelo temor. Experimentamos o medo do ridículo, o temor do insucesso, o pavor da solidão, o receio da ignorância. Alguns temem o presente, outros o futuro. Alguns carregam o peso do pecado e dariam praticamente qualquer coisa para livrar-se dele, mas têm medo de mudar de vida. Reconheçamos que o temor não vem de Deus, mas que esta força persistente e destrutiva tem origem no adversário da verdade e da retidão. O temor é a antítese da fé. Seus efeitos corroem e até matam.

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação." (Ver II Timóteo 1:7.)

Esses princípios são os grandes antídotos para os temores que nos roubam as forças, chegando mesmo a nos deixar derrotados. São princípios que nos dão poder.

Que poder? O poder do evangelho, o poder da verdade, o poder da fé, o poder do sacerdócio.

No ano passado, grande parte da cristandade comemorou quinhentos anos do nascimento de Martinho Lutero, a quem homenageamos como um dos grandes e corajosos precursores da Restauração. Aprecio muito a letra deste maravilhoso hino:

Invencível Deus nos vale,
Torre augusta, poderosa.
Sua voz nos homens cale,
Imponente, majestosa.
O mal sobrepujou
E o mundo resgatou.
É grande o seu poder,
Que a tudo faz suster
— Reinará eternamente!

("Invencível Deus Nos Vale", *Hinos*, nº 3.)

Existe uma poderosa força no conhecimento de que vós e eu somos filhos e filhas de Deus. Temos dentro de nós algo da divindade. A pessoa que possui este conhecimento e permite que isto influencie sua vida, não fará nada mesquinho ou vulgar.

Encorajemos nossa divindade interior a vir à superfície. Não precisamos, por exemplo, temer o ridículo devido a nossa fé. Todos nós, ocasionalmente, sofremos um pouco desse ridículo. Mas existe dentro de nós um poder capaz de superá-lo e, na verdade, transformá-lo em força.

Lembro-me de ouvir a experiência de uma aluna de segundo grau que morava longe da Igreja, e conseguiu modificar muitos de seus amigos. Ela e outros jovens, que não eram membros da Igreja, estavam planejando organizar uma festa. A garota expressou firmemente sua opinião: "Podemos divertir-nos muito, sem precisar beber."

A maravilha foi que seus amigos a respeitaram. Além disso, sua força deu força aos outros, que criaram coragem para serem responsáveis, decentes e moralmente firmes devido ao exemplo dela. Deus nos deu o *poder do evangelho* para nos elevar acima de nossos temores.

Deus nos deu o *poder da verdade*.

O Presidente Joseph F. Smith declarou certa vez: "Cremos em toda a verdade, não importa a que assunto se refira. Não há um único princípio de verdade que possa existir em qualquer seita ou denominação religiosa (ou, poderia dizer, em qualquer pesquisador da verdade) no mundo, que não aceitemos ou que o rejeitemos. Estamos dispostos a aceitar toda a verdade, independente de sua origem, pois ela permanecerá, resistirá a tudo." (*Doutrina do Evangelho*, p. 1.)

Não temos nada a temer, quando vivemos pela luz da verdade eterna. Mas, é melhor termos discernimento. O sofisma tem um jeito de disfarçar-se em verdade. Meias verdades são usadas para desencaminhar as pessoas, ao serem apresentadas com a aparência de verdades integrais. Insinuações são freqüentemente usadas por inimigos desta obra, como se representassem a verdade. Teorias e hipóteses são expressas como se fossem verdades confirmadas. Frases tiradas do contexto de tempo ou circunstâncias, ou da palavra escrita, são apresentadas como verdades, sendo que, na realidade, tal procedimento pode conter a essência da mentira.

John Jaques, um converso inglês da Igreja, expressou esta idéia nas belas palavras que agora cantamos:

A verdade o que é?
É começo e fim.
Para ela limites não há;
Pois que tudo se acabe,
A terra e o céu,
Sempre resta a verdade
Que é luz para mim.
Dom supremo da vida será!

("A Verdade o que é?", *Hinos*, nº 102.)

Não precisaremos temer, enquanto tivermos em nossa vida o *poder* derivado da retidão, vivendo segundo a verdade de Deus, nosso Pai Eterno.

Nem precisaremos temer enquanto tivermos o *poder da fé*. A Igreja tem um exército de críticos e inimigos, que escarnecem do que é sagrado. Eles depreciam aquilo que vem de Deus. Tentam satisfazer os desejos daqueles que, evidentemente, apreciam ver as coisas sagradas sendo ridicularizadas. Não posso imaginar nada que esteja menos em harmonia com o espírito de Cristo do que esse tipo de coisas.

Sentimo-nos magoados pela profanação do que nos é sagrado. Mas não precisamos temer. Esta causa é maior do que qualquer homem. Sobreviverá a todos os seus inimigos. Precisamos apenas seguir avante pelo poder da fé, sem temor. Disse o Senhor, nos primórdios desta obra:

"Portanto, não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a terra e o inferno se unam contra vós, pois, se estiverdes estabelecidos sobre a minha rocha, eles não poderão prevalecer...

"Buscai-me em todo pensamento; não duvideis, não temais.

"Vede as chagas que penetram o meu lado, e também as impressões dos pregos nas minhas mãos e pés; sede fiéis, guardai os meus mandamentos e herdareis o reino dos céus." (D&C 6:34, 36-37.)

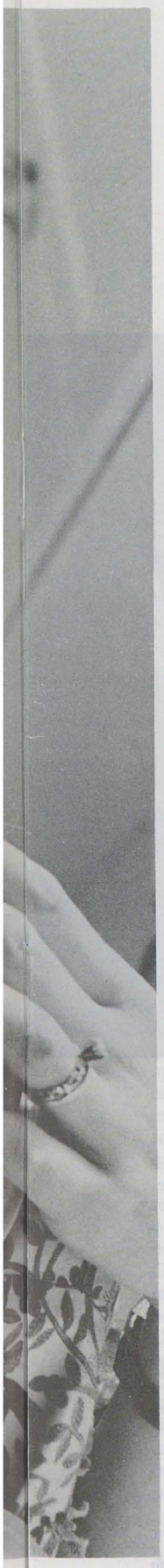
Paulo escreveu aos coríntios: "Vigiai, estai firmes na fé: portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos." (I Coríntios 16:13.)

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor..." (Ver II Timóteo 1:7.)

Amor a quê? Amor ao *Senhor*, amor à sua obra, à sua causa e ao seu reino; amor às pessoas; amor de uns pelos outros.



A Liahona



Tenho percebido, inúmeras vezes, que o amor ao Senhor consegue vencer o abismo do medo. O amor à Igreja também ajuda a sobrepujar suas dúvidas. Tenho falado a estudantes universitários sobre minha experiência na faculdade, mais de cinqüenta anos atrás. Em muitos aspectos, foi um melancólico período de cinismo e desespero. Eram os piores anos da Grande Depressão. A taxa de desemprego superava trinta por cento quando me formei, em 1932. Os Estados Unidos e o resto do mundo atravessavam dificuldades terríveis. Foi uma época de filas para conseguir um prato de sopa, e uma época de suicídios.

Os jovens em idade universitária tendem sempre a ser um pouco críticos e cínicos, mas, na década de 1930, essa atitude era multiplicada pelo cinismo dos tempos. Era fácil duvidar de muitas coisas, questionar os aspectos da vida no mundo, na Igreja, em certas facetas do evangelho. Mas foi também uma época de alegria e de amor. Atrás de tais pensamentos, encontrei um alicerce básico de amor em meus pais maravilhosos, numa boa família, num bispo excelente, em professores devotados e fiéis, e nas escrituras, que lia e ponderava.

Embora em nossa juventude nos fosse difícil entender muitas coisas, havia em nosso coração um amor a Deus e sua grande obra que nos elevava acima de quaisquer dúvidas e temores. Amávamos o Senhor e amávamos bons e respeitáveis amigos. E desse amor extraímos grande força.

Quão grande e magnificente é o *poder do amor*, que nos faz vencer o medo e a dúvida, as preocupações e o desânimo.

"Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação."

O que Paulo quis dizer com a palavra *moderação*? Penso que se referia à lógica fundamental do evangelho. O evangelho, para mim, não é uma grande massa de jargão teológico. É uma coisa simples, bela e lógica, uma seqüência regular e ordenada de verdades singelas. Os mistérios não me preocupam. Não me importa se os portões celestiais se abrem para a frente ou para o lado. Minha única preocupação é de que se abram. Não me aflige o fato de o Profeta Joseph Smith ter dado diversas versões da primeira visão, como não me aflige o fato de que há quatro evangelistas no Novo Testamento, cada um com sua própria visão, cada qual relatando os eventos de modo que atendesse a seus propósitos na ocasião.

Preocupo-me mais com o fato de que Deus revelou nesta dispensação um plano grandioso, maravilhoso e belo, que motiva homens e mulheres a amarem seu Criador e Redentor,a apreciarem e servirem-se uns aos outros, a trilharem com fé o caminho que leva à imortalidade e à vida eterna.

Sou grato pela magnífica declaração de que "a glória de Deus é inteligência, ou em outras palavras, luz e verdade". (D&C 93:36.) Sou grato pelo mandamento que nos foi dado: "Nos melhores livros procurai palavras de sabedoria", e de que adquiríssemos conhecimento "pelo estudo e também pela fé". (D&C 88:118.)

Lembro-me de que, quando estava na faculdade, havia grande celeuma a respeito da questão da evolução orgânica. Tive aulas de geologia e biologia, e ouvi toda a história do darwinismo, como era então ensinada. Pensei muito sobre o assunto, mas não deixei que me perturbasse, pois sabia o que as escrituras diziam sobre nossa origem e relacionamento com Deus. E desde aí, familiarizei-me com o que

Experimentamos o medo do ridículo, o temor do malogro, o pavor da solidão, o receio da ignorância.



Vidro de aumento de alta potência, e um "spotlight" especial, auxiliam o cirurgião Nelson na mesa operatória.

Portanto, eu sabia que até mesmo a bênção da pulsação cardíaca era baseada em leis. E raciocinei que, se essas leis fossem compreendidas e controladas, talvez pudessem ser utilizadas em favor dos enfermos.

"Para mim, isto significava que, se trabalhássemos, estudássemos e fizéssemos as perguntas certas em nossas experiências científicas, aprenderíamos as leis que governam as pulsações. Agora, tendo aprendido algumas dessas leis, sabemos que podemos desligar as batidas do coração, realizar delicados reparos em válvulas ou vasos danificados, e depois fazer o coração bater novamente."

Antes de voltar para a Cidade do Lago Salgado, ele foi convocado para servir durante dois anos como médico no Exército Americano, na Guerra da Coréia; trabalhou na Coréia e no Japão, e no Walter Reed Army Medical Center, em Washington, D.C. Mais tarde, trabalhou um ano no Massachusetts General Hospital, em Boston, voltando depois à Universidade de Minnesota por um ano, após o que recebeu seu grau de doutorado em 1954.

Voltando para casa, em Utah, o Dr. Nelson continuou suas pesquisas, suas aulas e as cirurgias. Envolvendo-se no serviço público, teve influentes cargos profissionais — locais, nacionais e internacionais. A extensa lista inclui serviço como presidente da Thoracic Surgical Directors Association, e diretor da American Board of Thoracic Surgery. No Hospital SUD, em Lago Salgado, serviu como chefe da Divisão de Cirurgia Torácica e vice-presidente da junta de diretores. Entre as inúmeras honrarias que recebeu, estão a "Citation for International Service", da American Heart Association, e o "Golden Plate Award", da American Academy of Achievement.

No transcorrer dos anos, ele tocou literalmente o coração de milhares de pacientes, incluindo grandes líderes da Igreja e líderes cívicos. Em 1972 realizou uma cirurgia no coração do Élder Spencer W. Kimball, após a qual recebeu o testemunho de que seu paciente viria a ser, um dia, presidente da Igreja. (Ver "Russell M. Nelson: Um Exemplo de Obediência", *A Liahona*, abril de 1983.)

O que pensa ele agora, nessa sua transição da medicina para serviço de tempo integral na Igreja? "Estou entusiasmado com este privilégio de servir", diz ele. Depois, sorrindo: "Tenho pensado em como será agradável ser procurado pelas pessoas por *desejarem* ver-me! Todos esses anos, as pessoas que iam ao meu consultório, realmente não queriam estar lá. Espero que a maioria de minhas entrevistas, agora, seja de caráter prazenteiro."

Caracteristicamente, qualquer tristeza pelo encerramento de um capítulo de sua vida é amenizada pelo entusiasmo diante do capítulo prestes a se iniciar: "Aprendi anos atrás, com o Presidente N. Eldon Tanner, a jamais olhar para trás. Ele me ensinou a não olhar pelo 'retrospectoscópio' e a não me afligir pelo que eu poderia ter feito de maneira diferente. Portanto, não revivo o passado. Cada hora tem sua própria oportunidade, e, ou fiz um bom trabalho, ou falhei. Afasto-me do passado, sabendo que dei o que tinha de melhor."

Através de anos de serviço na Igreja, o Élder Nelson sempre fez o melhor. Ele não teve oportunidade de servir como missionário de tempo integral aos dezenove anos, porque os Estados Unidos estavam em guerra. Mas tem sempre encontrado oportunidades de fazer a obra missionária. Quando uma enfermeira lhe perguntou o que o tornava diferente dos outros cirurgiões, ele lhe apresentou a Igreja. E não demorou muito para que a batizasse; mais tarde, o filho dela cumpriu uma missão.

Quando outros dois colegas — marido e mulher — demonstraram interesse pela Igreja, explicou-lhes alguns de seus princípios e emprestou-lhes um exemplar do Livro de Mórmon. Uma semana mais tarde, eles o devolveram com o polido muito obrigado.

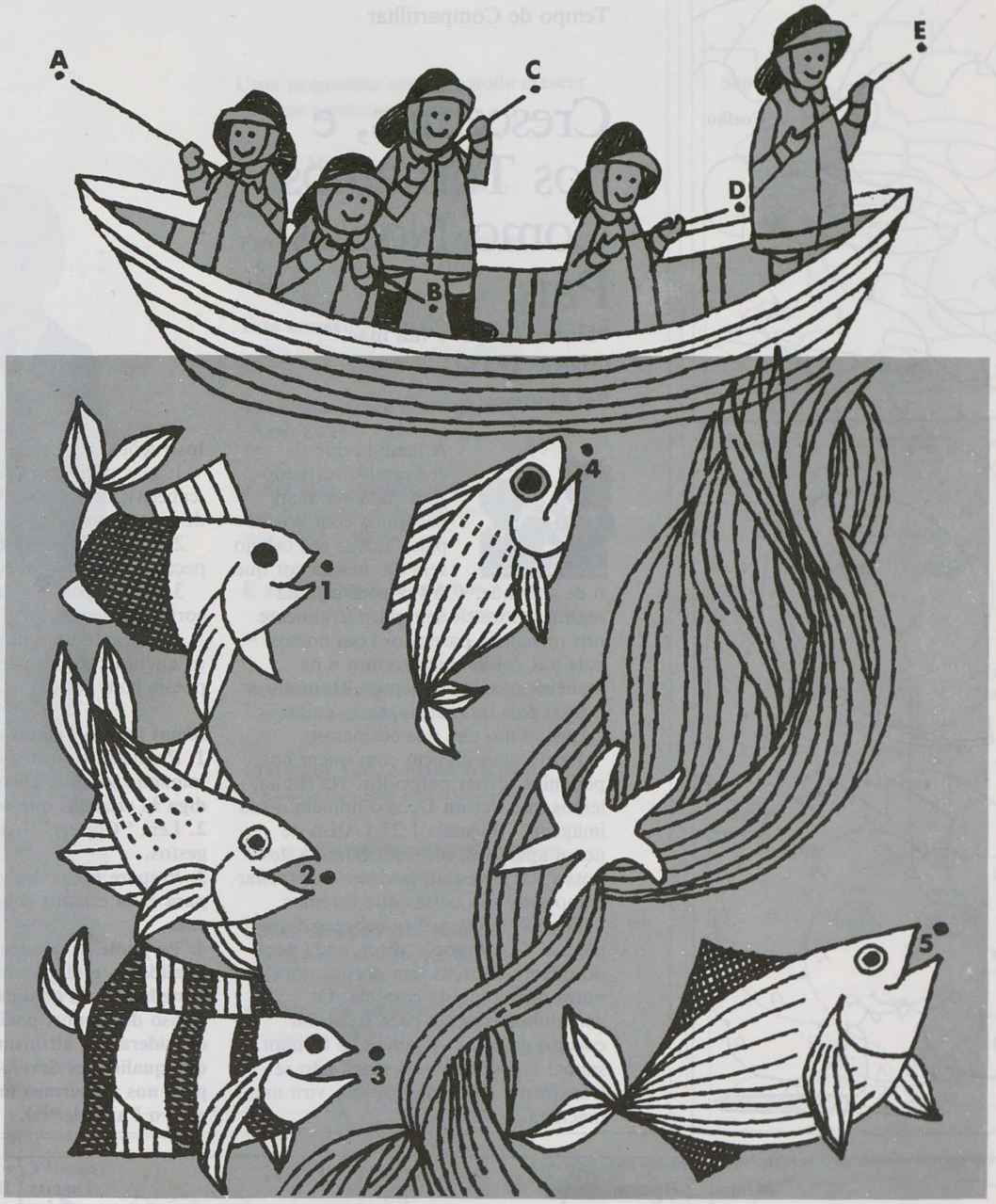
"Que história é essa de 'muito obrigado'? perguntou aos dois. "É uma reação totalmente inadequada para alguém que leu este livro. Vocês não o leram. Por favor, levem-no de volta e leiam-no, e depois o devolvam com uma resposta mais apropriada."

Admitindo que haviam apenas folheado o livro, aceitaram o desafio. Três semanas mais tarde, voltaram com lágrimas nos olhos. "Sabemos que este livro é verdadeiro", disseram. "Como podemos aprender mais?"

Sorrindo, o jovem médico disse: "Agora sei que vocês leram o livro. Então podemos ir em frente." E finalmente os batizou.

Durante anos de rigorosos estudos médicos e pesadas responsabilidades profissionais, Russell Nelson serviu fielmente em suas designações da Igreja. Trabalhou na Escola Dominical e no quorum dos sacerdotes, em bispados e num sumo conselho. Durante dez anos, foi missionário na Praça do Templo. Serviu como presidente de estaca, presidente geral

Seção Infantil

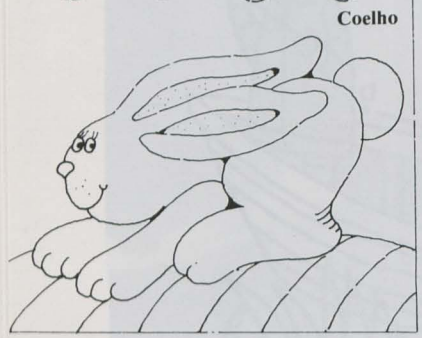


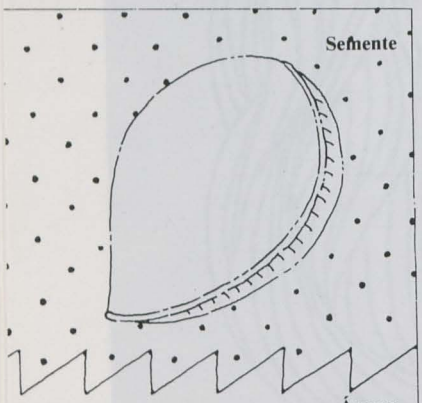
Vamos Apanhar um Peixe?

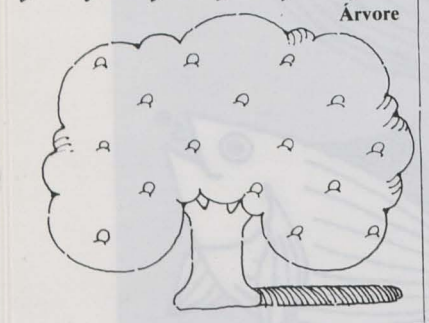
Glen Dines

Ligue os pontinhos encontrados nas extremidades das varas A, B, C, D e E, com os pontinhos que estão perto de cada peixe. Todas as linhas devem ser retas, não devendo tocar ou cruzar outra linha, qualquer dos peixes ou as plantas marinhas.









Tempo de Compartilhar

Crescemos, e nos Tornamos Como Nossos Pais

"Honra teu pai e tua mãe." (Mateus 19:19.)

Pat Graham



À medida que crescemos, tornamo-nos cada vez mais parecidos com nossos pais. Talvez seu cabelo seja da mesma cor que o de sua mãe, e talvez você seja da mesma altura de seu pai. Geralmente nos tornamos parecidos com nossos pais nas coisas que fazemos e na maneira como as fazemos. Honramos nossos pais quando fazemos coisas certas, como eles nos ensinaram.

Existe mais alguém com quem nos podemos tornar parecidos. Na Bíblia, lemos que "criou Deus o homem a sua imagem". (Gênesis 1:27.) Além de nossa aparência ser semelhante à de nosso Pai Celestial, podemo-nos tornar como ele é nas coisas que fazemos.

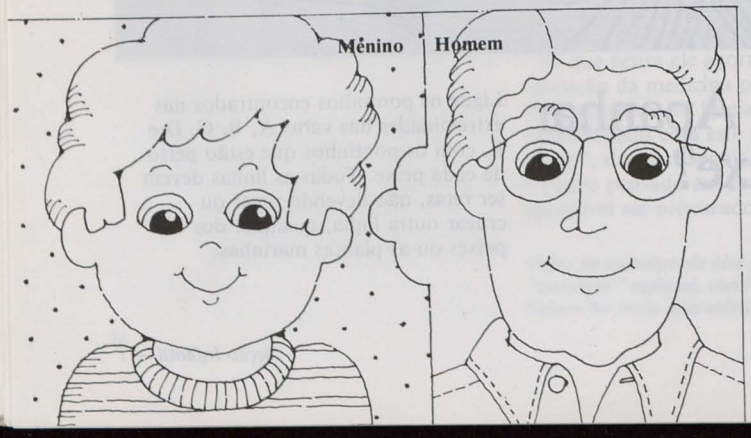
Observem os quebra-cabeças desta página. Como vocês vêem, cada peça do quebra-cabeças tem apenas uma outra que combina com ela. Os coelhinhos crescem para se tornar coelhos grandes — jamais se tornam sapos! E a semente da maçã não se transforma em pinheiro, mas vira uma macieira.

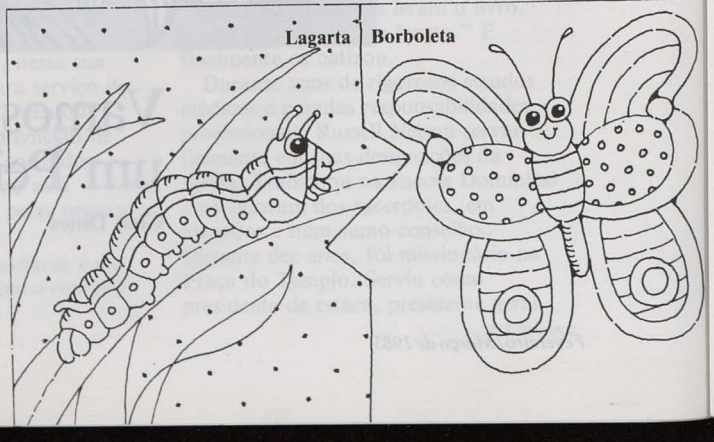
Instruções

1. Nas peças em branco do quebra-cabeças, desenhe você mesmo e o que deseja tornar-se.
2. Pinte as figuras e recorte todas as peças do quebra-cabeças.
3. Leia a poesia e faça os gestos correspondentes.
4. Durante uma noite familiar, use os quebra-cabeças para ensinar a poesia com gestos.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Prepare os quebra-cabeças em tamanho grande. Distribua as peças e diga às crianças que os combinem.
2. Leia "Crescer" e demonstre os gestos.
3. Prepare peças dos quebra-cabeças para cada criança colorir e levar para casa.
4. Pergunte às crianças mais velhas que qualidades estão desenvolvendo, semelhantes às qualidades dos pais (senso de humor, paciência, talentos, consideração, altruísmo etc.). Debata que qualidades devemos desenvolver, para nos tornarmos mais parecidos com o Pai Celestial.





Crescer



Uma pequenina semente pode crescer
Polegar e indicador juntos

E uma árvore poderá ser.
Braços levantados, como galhos

Este filhote franze seu focinho
Franzir o nariz

Está crescendo um lindo coelhinho.
Dois dedos para cima, como orelhas

Você sabe o que é um girino?
Mãos nadando

É um sapo quando pequenino.
Mão esquerda em concha; mão direita, sapo, salta para a esquerda

E as crianças que estamos a ver.
As crianças apontam para si mesmas e para as outras

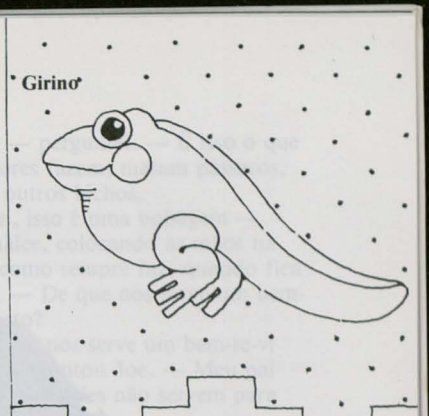
Vocês acham que elas vão crescer?
Braços estendidos para cima

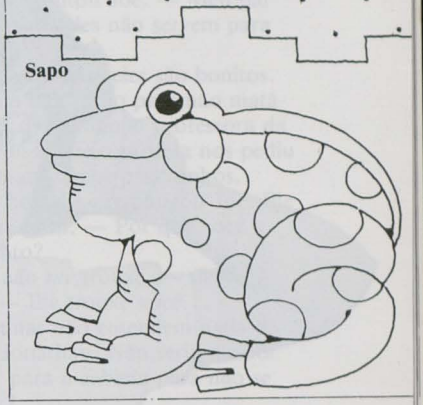
Claro que vão, e existe Alguém
Apontar para cima com o indicador

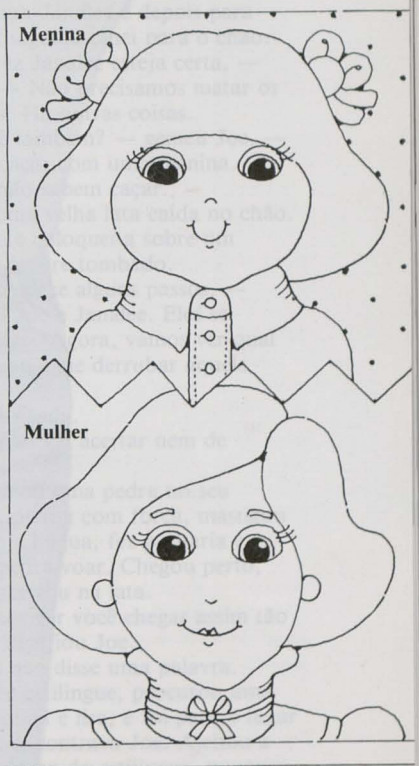
Em cuja imagem crescem também.
Braço direito para cima

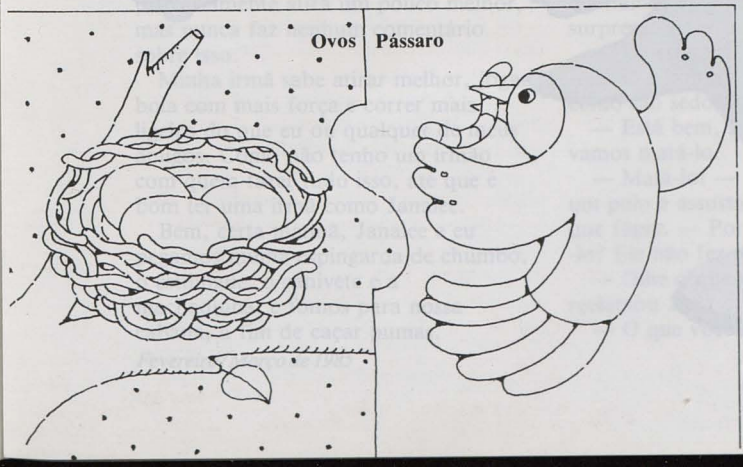
Filhas de Deus elas vão ser
Acenar com a cabeça que sim

Se como ele souberem viver.
Cruzar os braços









(desenhe você mesmo)

(desenhe o que deseja tornar-se)



Os Caçadores

Alma J. Yates

Quando minha irmã Janalee e eu construímos nossa cabana, decidimos que seria uma cabana de caçador. Nós a montamos num bosque, no topo de uma colina. Não era uma cabana de verdade, como aquelas que os pioneiros construíam, mas para nós servia. Procuramos uma pedra bem grande, apoiamos nela alguns galhos, e cobrimos as duas aberturas com sacos de estopa. Dava para entrarmos e nos sentarmos bem quietinhos, sem que ninguém soubesse que estávamos lá.

Construímos nossa cabana, porque desejávamos apanhar um puma. Sabíamos que havia pumas nas montanhas, porque nosso vizinho, o Irmão Poole, caçara um. Ele fez um tapete com a pele do animal, e o colocou na sua sala, mas não deixa ninguém pisar nele.

Mas, desde o momento em que vi aquela velha pele de puma, senti vontade de caçar um, e Janalee disse que me ajudaria. Papai fez para mim uma atiradeira — é o que a maioria das pessoas chama de estilingue — e eu tenho minha própria espingarda de chumbo. Sei atirar com aquela espingarda melhor do que ninguém. Bem, quase ninguém. Janalee provavelmente atira um pouco melhor, mas nunca faz nenhum comentário sobre isso.

Minha irmã sabe atirar melhor, jogar bola com mais força e correr mais ligeiro do que eu ou qualquer de meus amigos. Como não tenho um irmão com quem fazer tudo isso, até que é bom ter uma irmã como Janalee.

Bem, certa manhã, Janalee e eu pegamos minha espingarda de chumbo, o estilingue, o canivete e a machadinha, e fomos para nossa cabana, a fim de caçar pumas.

— Você acha mesmo que vamos apanhar um puma, Jonathan? — perguntou Janalee, enquanto subíamos a montanha.

— O Irmão Poole caçou um, — disse eu. — Se ele pode, nós também podemos.

— Vai ser divertido ter um puminha de estimação para a gente cuidar.

— Puma de estimação? — grunhi. — Ele não vai ser bichinho de estimação. Vamos transformá-lo num tapete igual ao do Irmão Poole.

— Um tapete? O que é que vamos fazer com um velho tapete em que ninguém pode pisar? Um puma de estimação seria muito melhor.

— Quem foi que já ouviu falar num puma de estimação? — perguntei, arregalando os olhos. — Mas antes de caçarmos um puma, precisamos treinar, caçando coisas menores.

Entramos em nossa cabana e descansamos um instante, enquanto comíamos algumas bolachas de passas que mamãe nos dera.

— O que vamos caçar primeiro? — perguntou Janalee, tirando as passas de suas bolachas e jogando-as no chão. Ela não gosta de passas nas bolachas e em nenhuma outra coisa.

Mastiguei minha bolacha e respondi:

— Há alguns bem-te-vis naquelas árvores lá atrás. Poderíamos atirar neles.

Foi então que meu amigo Joe chamou:

— Ei, Jonathan, você está aí?

Às vezes ele aparecia, quando terminava suas tarefas em casa.

Joe enfiou a cabeça pela abertura e sorriu. — O que vocês estão fazendo?

— Vamos caçar, — disse-lhe Janalee. — Quer ir conosco?

— Claro. Estou até com meu estilingue aqui.

Entreguei a espingarda de chumbo a Janalee, dizendo:

— Tome. Você leva isto, e Joe e eu vamos apanhar algumas pedras para os estilingues.

Meu amigo e eu enchemos os bolsos de pedras. Estávamos ouvindo bem-te-vis cantando ali por perto. Começamos a andar devagarinho por entre os arbustos e árvores, pois queríamos apanhar os passarinhos de surpresa.

— Lá está um, — sussurrou Janalee. — Não é bonito? Olhem só suas penas como são sedosas.

— Está bem, Jonathan, disse Joe — vamos matá-lo.

— Matá-lo! — gritou Janalee, dando um pulo e assustando o passarinho, que fugiu. — Por que você quer matá-lo? Ele não fez mal a ninguém!

— Olhe o que você aprontou! — reclamou Joe.

— O que você acha que íamos fazer com ele? — perguntei. — É isso o que os caçadores fazem, matam pássaros, pumas e outros bichos.

— Bem, isso é uma bobagem — disse Janalee, colocando as mãos na cintura, como sempre faz, quando fica zangada. — De que nos serve um bem-te-vi morto?

— De que nos serve um bem-te-vi vivo? — perguntou Joe. — Meu pai sempre diz que eles não servem para nada.

— Ora, acho que eles são bonitos. Essa é uma boa razão para não matá-los. Além disso, minha professora da Primária disse que o profeta nos pediu que não matássemos passarinhos.

— Ora bolas! — remungou Joe. Ele olhou para mim. — Por que você a trouxe junto?

— Ele não *me* trouxe, — disse Janalee. — Ele trouxe *você*.

— Meninas não entendem nada de caçadas, Jonathan. Não seria melhor ela voltar para a cabana para não se machucar?

Olhei para Janalee e depois para Joe, e em seguida olhei para o chão.

— Talvez Janalee esteja certa, — disse eu. — Não precisamos matar os bem-te-vis. Há outras coisas.

— Você também? — gemeu Joe. — Não vou caçar com uma menina. Meninas não sabem caçar.

Havia uma velha lata caída no chão. Apanhei-a e coloquei-a sobre um tronco de árvore tombado.

— Afastem-se alguns passos, — gritei para Joe e Janalee. Eles se afastaram. — Agora, vamos ver qual de vocês consegue derrubar aquela lata.

Joe deu risada.

— Ela não vai acertar nem de binóculo!

Ele colocou uma pedra no seu estilingue, puxou com força, mastigou um pouco a língua, fez pontaria e deixou a pedra voar. Chegou perto, mas não acertou na lata.

— Vamos ver você chegar assim tão perto, — desafiou Joe.

Janalee não disse uma palavra. Pegou meu estilingue, procurou uma pedra redonda e lisa, e foi para o lugar em que se encontrava Joe. Ajeitou a pedra no couro do estilingue, puxou, fez pontaria e soltou. Bateu diretamente na lata, derrubando-a do tronco.

— Pura sorte, — murmurou Joe, com o rosto vermelho.

— Tentem novamente, então, — disse eu. E eles tentaram. Na verdade, atiraram mais três vezes. Janalee não errou uma. Joe raspou a lata na segunda tentativa, mas não a derrubou.

— Você quer experimentar com a espingarda de chumbo? — perguntei.

Joe olhou para mim e balançou a cabeça.

— Acho que ela pode ficar, — resmungou. — Mas vamos caçar. Estamos só perdendo tempo aqui.

Continuamos a andar pelo bosque, e quando passamos por algumas árvores, vimos um gambá. Logo atrás dele estavam três gambazinhos. Eu já tinha visto gambás antes, mas não uma família inteirinha. Joe e eu pegamos os estilingues.

— Qual deles vamos matar? — sussurrou Joe.

— O que você acha do grandão? — murmurei em resposta, colocando uma pedra no estilingue.

— O grandão? — perguntou Janalee horrorizada, agarrando meu ombro. — Aquela é a mãe!

— Você prefere que a gente mate um dos filhotinhos? — perguntei, tirando a mão dela de meu ombro.

— Não quero que vocês matem nenhum!

— Por que não?

— Ora bolas! — reclamou Joe. — Já sei. Ela acha que eles são bonitinhos.

Olhei para Janalee, ela estava com as mãos na cintura novamente. Olhei para os gambás. Dois deles estavam cheirando as plantinhas em volta. Eles eram mesmo bonitinhos.

— De que adianta caçar, se não se pode matar alguma coisa de vez em quando? — quis saber Joe.

— Podemos observá-los, — disse Janalee. — É muito mais divertido.

Assim, sentamo-nos e observamos os gambás durante algum tempo. Não disse nada a Janalee, mas realmente foi bem divertido observar os filhotinhos seguindo a mãe e brincando entre as plantinhas. E quando finalmente se afastaram, fiquei satisfeito de não termos matado nenhum.

— Vamos voltar para a cabana um pouco, — disse eu. — Ainda tenho duas bolachas de passas. Podemos dividi-las e planejar nossa próxima caçada.

— Se vamos ter uma caçada de verdade, — resmungou Joe, — é melhor não trazer sua irmã.

Fomos todos para a cabana, e assim que chegamos lá, vimos um esquilo fugindo pelo outro lado. Ele estivera comendo as passas que Janalee tirara de suas bolachas.

— Vamos pegá-lo, — disse Joe. Depois olhou para Janalee e murmurou: — Ora bolas!

O esquilo correu para um monte de pedras, onde se sentou nas perninhas traseiras, e ficou a nos observar.

— Agora *você* espantou o esquilo! — disse Janalee, sacudindo o dedo para Joe.



Ilustração de Jerry Thompson

— E daí? Você não deixa a gente matá-lo, mesmo, — disse ele.

— Claro que não! Quem haveria de querer matar um esquilinho?

— Eu poderia acertá-lo daqui, — disse Joe para mim. — Ele está lá parado.

Olhei para Janalee. — O que devemos fazer? — perguntei.

— Dá-me um biscoito.

Entreguei-lhe um, que ela esmigalhou em cima de uma pedra, a alguns metros de distância de nós. Depois, disse:

— Vamos esconder-nos atrás dos arbustos e observar.

Joe reclamou, mas foi conosco. Mal tínhamos alcançado os arbustos, e já o esquilinho estava correndo em direção à bolacha, e se pôs a comer. Parecia que sua barriguinha ia estourar, mas ele continuava comendo.

Foi então que apareceu Zeke, o cachorro de caça do Irmão Arnold. O esquilo viu o cachorro bem a tempo. Caiu nas quatro patas e disparou para as pedras, com Zeke logo atrás dele.

Eu fiquei parado, olhando, mas não foi o que fez Janalee. Ela agarrou meu estilingue, pegou uma pedra, fez pontaria e atirou. Acertou direto no traseiro do Zeke. Ele deu um grito e saiu correndo, na disparada.

— Nenhum cachorro bobo vai ferir nossos animais! — gritou Janalee.

— Belos caçadores somos nós, — queixou-se Joe. Não podemos atirar em pássaros, nem em gambás, nem em esquilos, e quando aparece um bom cão de caça, nós o espantamos. Nunca

A Liahona



ouvi falar de caçadores assim.

— Bem, não somos caçadores comuns, — disse Janalee, devolvendo-me o estilingue.

— Que tipo de caçadores somos então? — perguntei.

Janalee não respondeu imediatamente. Depois, disse:

— Vamos fazer desta área uma reserva de animais. Vamos proteger os bichos. Seremos como policiais, e não deixaremos que nada ou ninguém os machuque. E vamos trazer comida para eles. É esse tipo de caçadores que vamos ser.

Joe franziu a testa. Ele não parecia muito convencido com a idéia. Finalmente, perguntou:

— Se somos policiais, quem vai ser o capitão?

— Aquele que proteger os animais e pássaros, e tratá-los bem, — respondeu Janalee.

Joe apanhou uma pedra do chão e atirou-a numa árvore.

— Posso fazer isso.

— Então você será o capitão da reserva, — disse-lhe Janalee, sorrindo.

— De verdade?

Quando Janalee e eu fizemos que sim, ele disse:

— Então está certo. Vocês dois vão até sua casa e arranjam algumas migalhas de pão, e eu vou buscar alface e outras coisas com mamãe. Nós nos encontramos aqui novamente assim que for possível. Não podemos deixar este lugar desprotegido por muito tempo. Zeke pode voltar.

— E meu puma? — perguntei.

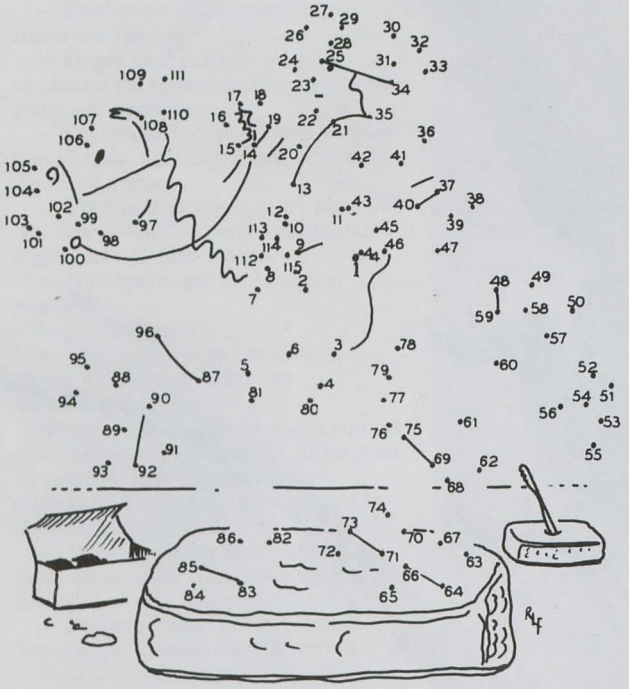
Janalee sorriu.

— Bem, se ele se comportar bem, vamos deixar que ele fique aqui. Talvez até encontremos um pedaço de carne para ele.

Ao descermos a montanha, senti-me feliz por ter uma irmã como Janalee. Ela vale tanto quanto qualquer irmão! □

Ligue os Pontinhos

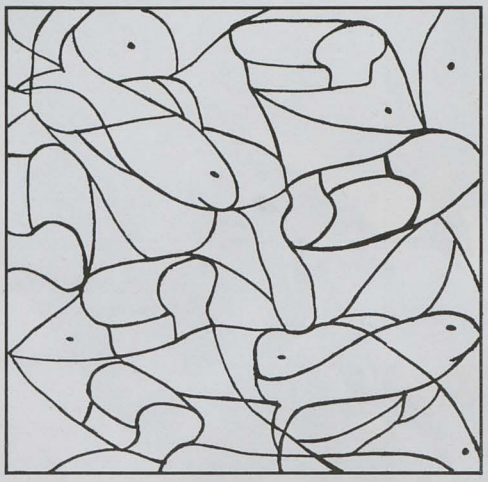
Roberta L. Fairall



Pães e Peixes

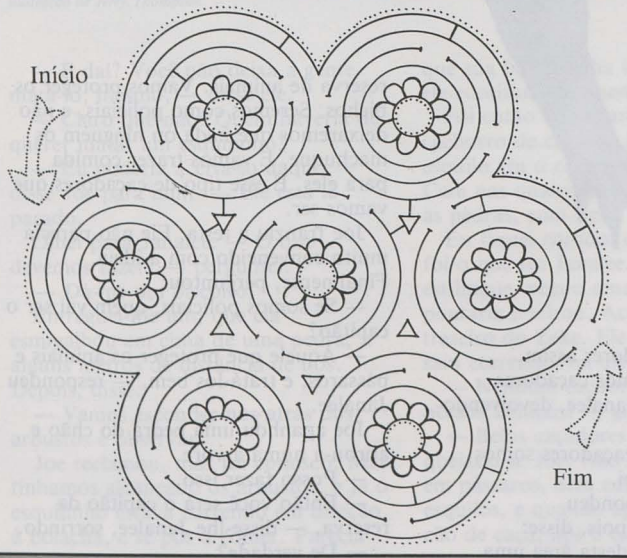
D. A. Stone

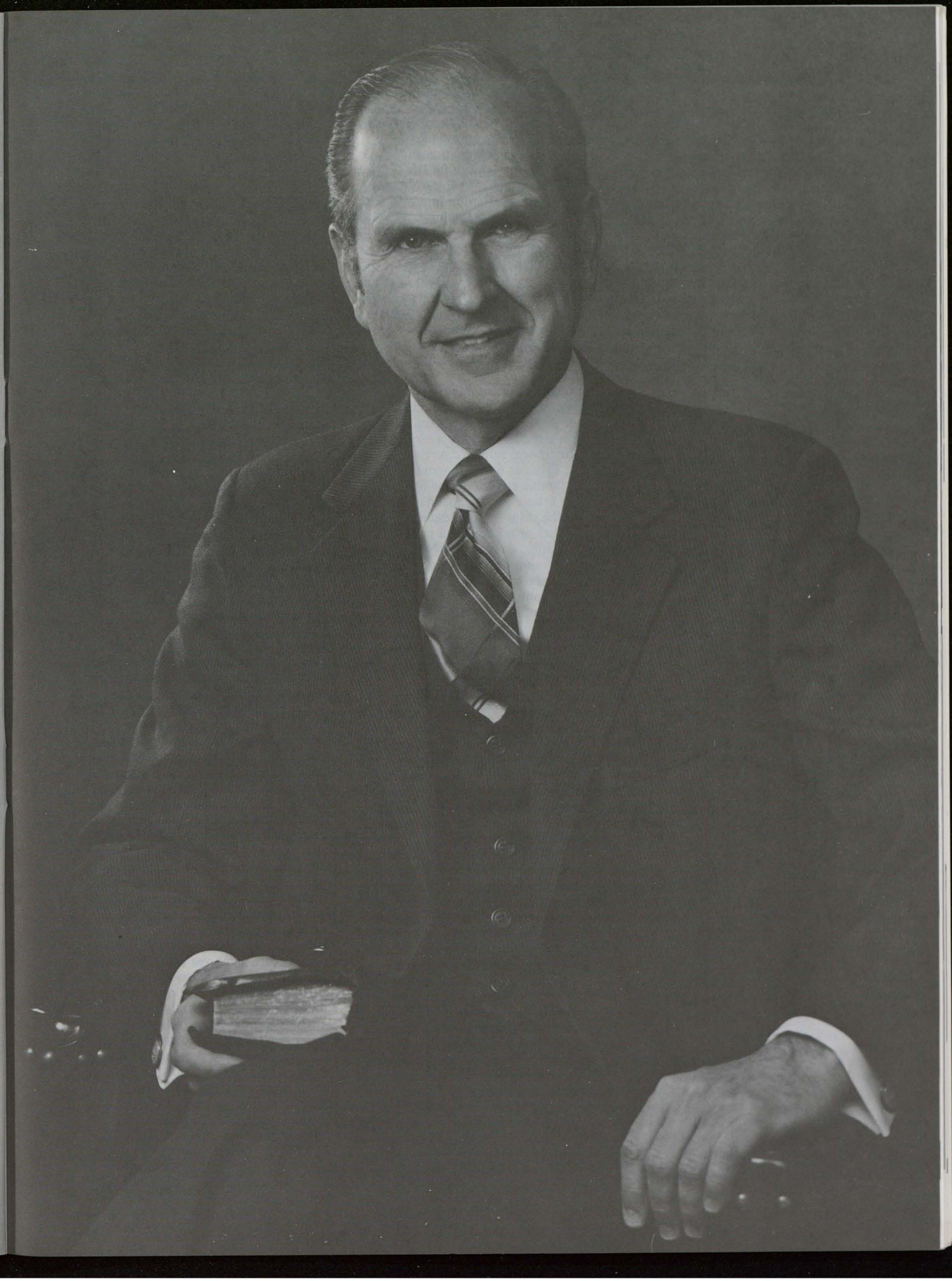
Certa vez, Jesus alimentou uma multidão faminta com apenas cinco pães e dois peixes. Depois que todos haviam comido, ainda sobraram doze cestas de pão e peixe. Encontre cinco pães e dois peixes nesta gravura, e pinte-os. □



Andando em Círculos

Colleen Fahy





da Escola Dominical e como Representante Regional.

Entretanto, por mais envolvido que estivesse em outras prioridades importantes, a principal preocupação do Élder Nelson sempre foi sua família. Certa vez, o repórter de uma revista nacional externou interesse por uma fotografia da incomum família do médico — nove filhas e um filho. Dr. Nelson explicou: "Acreditamos que nosso maior objetivo na vida é fortalecer nossa família. Tudo o que fazemos, servindo na Igreja e na comunidade, procurando instrução contínua, assim como nossas ocupações, tem por finalidade proporcionar desenvolvimento à nossa família."

O repórter surpreendeu-se: "Mas anteriormente, em nossa entrevista, o senhor disse que sempre tinha, com sua esposa, tentado obedecer à escritura que diz 'buscai primeiro o reino de Deus'. (Mateus 6:33.) E agora me diz que a família está em primeiro lugar?"

"Ele achou que me apanhara numa armadilha. Mas eu simplesmente pensei em minhas prioridades, há tanto tempo estabelecidas, e respondi: 'Não posso buscar o reino de Deus sem amar e honrar *primeiro* a família que ele me deu. Não posso honrar essa família sem amar e proteger *primeiro* minha esposa!'"

Ele reconhece o mérito de Dantzel em tê-lo apoiado, quando procurava estudar cada vez mais, em nunca ter reclamado de sua pobreza nos anos difíceis, e em ser "o coração de nosso lar".

Mas a Irmã Nelson insiste em que é realmente *ele* quem dá apoio: "Ele me faz sentir extremamente importante em sua vida. Jamais permitiu que as crianças fossem rudes comigo ou que me respondessem. E sempre diz: 'Mamãe é a rainha da casa. Tudo será feito da maneira que ela deseja.' Sempre tive esse tipo de apoio."

Quinta-feira é o dia em que ela faz o que tem vontade. Toda manhã de quinta-feira, Irmã Nelson presta serviço voluntário no Hospital SUD. E, como membro do Coro do Tabernáculo desde 1967, tem ensaio toda quinta-feira à noite. "No passado, Russell organizava seus compromissos a fim de ficar em casa com as crianças nessa noite."

Certa vez, o Presidente Harold B. Lee perguntou à Irmã Nelson como se sentia a esposa de um homem tão ocupado. Sua resposta, posteriormente citada muitas vezes pelo Presidente Lee, foi: "Quando ele está em casa, ele está em casa."

"Em casa, ele nos devota toda a sua atenção", diz ela. "Em lugar de assistir à televisão, ele me ajuda a preparar as refeições e a lavar a louça, auxilia os filhos em seus trabalhos escolares, e lê para eles quando vão para a cama. E nós dois tiramos regularmente um tempo para estarmos sozinhos."

Ele acha que seu papel vai mudar, agora? "Tenho certeza de que a sensação será diferente — voltado totalmente para o trabalho na Igreja, ao invés da prática da medicina", responde ela. "Mas continuarei com minha posição de apoio. Sinto-me honrada em ser sua companheira e compartilhar disto com ele."

Os filhos sentem o mesmo que a Irmã Nelson. Durante todos esses anos, jamais duvidaram do amor de seu pai, e cada um sentia-se o filho predileto. "Nunca senti que papai estivesse ocupado demais que não pudesse me dar atenção", diz a filha Emily. "Passamos muito tempo juntos."

Mesmo com todos os seus afazeres, ele arranjou tempo para estabelecer uma relação duradoura com cada um deles. Como viajava muito, costumava levar consigo um membro da família de cada vez, fosse a Irmã Nelson, ou um dos filhos. Em vez de considerar esse costume uma extravagância, encarava-o como um sábio investimento.

"Essas viagens deram-me oportunidade de ouvir seus problemas e suas ambições e de simplesmente conversarmos e compartilharmos nossas idéias e experiências."

A família Nelson sempre contou com hábitos consistentes: leitura diária das escrituras às 6h30min; oração familiar às 6h45min; em todas as refeições, e às 10h00 da noite; e noites familiares semanais. Todos compartilham do amor dos pais pela música e gostam de cantar juntos. Durante anos, sons de piano, violino, violão, acordeão e flauta encheram aquela casa.

Os feriados e as férias também foram sempre esperados ansiosamente. No inverno, esquiam. O esqui é, nas próprias palavras do Élder Nelson, "um de meus maiores amores". No verão, praticam esqui-aquático, nadam e jogam tênis. Uma vez por ano, vão andar a cavalo. "Lembro-me com saudades das ocasiões em que cavalguei com cada um deles, quando eram pequenos", diz o Élder Nelson. "Enterrava meu nariz no cabelo deles, passava meus braços por sua cintura. Tenho certeza de que todos achavam que eu os segurava, para que se sentissem seguros. Mas eu me estava agarrando ao momento precioso que tinha sozinho com cada um. Certa vez, ofereci uma prece de gratidão ao meu Pai Celestial pelo grande privilégio de ser pai daquela criança, pois sabia que

cada uma delas era um espírito maravilhoso."

Realmente, o casal Nelson considera cada um de seus filhos uma bênção. Em 1972, tiveram seu décimo filho — o primeiro menino. Dezessete anos antes, a Irmã Nelson teve uma experiência durante a noite — "mais do que um mero sonho" — que a convenceu de que algum dia teria um filho homem. Com o passar do tempo, sua certeza se fortaleceu em várias ocasiões. Em 1972, o marido também teve uma experiência durante a noite, na qual "foi-me dado saber que desta vez Dantzel iria dar à luz um menino, aquele que lhe aparecera todos esses anos". Quando Russell Jr. nasceu, e o pai telefonou para casa para dar a notícia às meninas, elas gritaram de alegria.

Há mais espaço na casa hoje. Marjorie, de dezoito anos, e Russell, de doze, são os únicos que ainda moram com eles. As outras oito já se casaram: Marsha (Sra. Chris McKellar), Wendy (Sra. Norman Maxfield), Gloria (Sra. Richard Irion), Brenda (Sra. Richard Miles), Sylvia (Sra. David Webster), Emily (Sra. Brad Wittwer), Laurie (Sra. Richard Marsh), e Rosalie (Sra. Michael Ringwood). E agora eles têm vinte e dois netos.

Como era de se esperar, a família encontrou meios de se manter unida. O *Nelson News* é um jornalzinho mensal que inclui um artigo de cada membro da família e um calendário de importantes eventos familiares. E todos os meses eles jantam juntos e fazem uma festinha para comemorar os aniversários do mês. Fazem um bolo com o nome de todos os que estão sendo homenageados, e o Élder Nelson tira fotografias do bolo para enviar aos que estão ausentes, para que saibam que a família comemorou seu aniversário.

Depois que várias filhas haviam saído de casa, o Élder Nelson converteu um dos quartos vazios em estúdio. "Foi idéia de minha mulher. Ela insistiu em que eu tivesse essa regalia." É abastecido com equipamento fotográfico, um computador para pesquisa científica, um processador de textos e uma "maravilhosa biblioteca" de livros da Igreja e literatura científica.

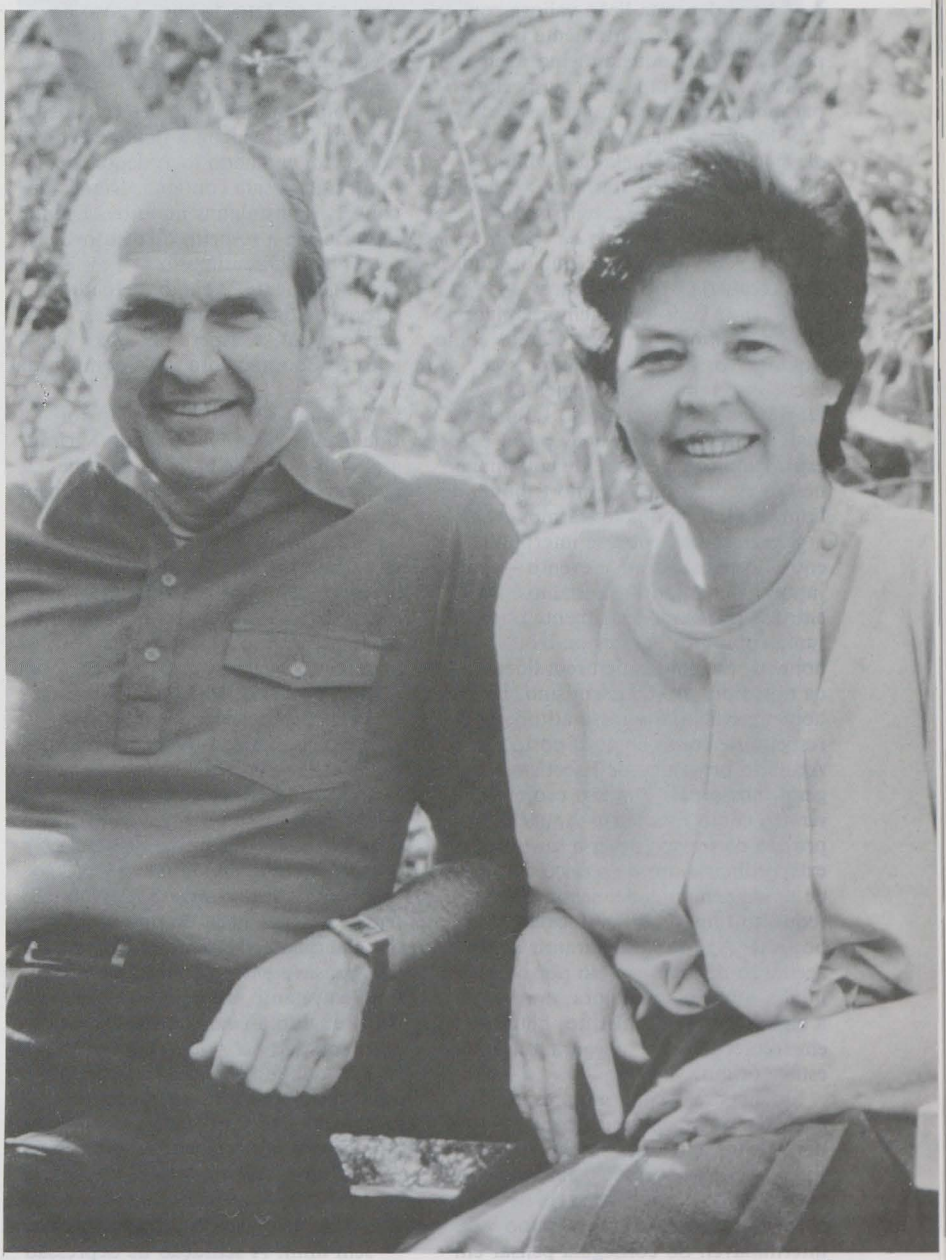
Ele começa o dia tirando uma hora para ficar a sós. "Levanto-me antes do resto da família, e isso me dá tempo para ler as escrituras, fazer minhas orações, e cerca de meia hora para tocar hinos e músicas de Johann Sebastian Bach no órgão. Quando saio de casa, minha mente está repleta de coisas boas — escrituras e boa música. Isto me dá um início de dia melhor do que qualquer outra coisa que experimentei."

A preparação pessoal do Élder Nelson, suas muitas experiências na Igreja e com a família, assim como sua profissão, intensificaram seu testemunho. Ele, que passou a vida lidando com a medicina, contempla sua fé com olhos de cientista, assim como com os de um discípulo: "Creio que o cirurgião está em posição inigualável para compreender uma das maiores criações de Deus — o corpo humano. Cada um dos segmentos do corpo motiva a minha fé.

"E a isso acrescento o grande poder convincente do Livro de Mórmon, como outra testemunha de Jesus Cristo. Não existe outra explicação para o Livro de Mórmon além daquela oferecida pelo Profeta Joseph Smith."

O Élder Russell M. Nelson leva para o Quorum dos Doze a mesma dedicação e devotamento, a mesma energia e entusiasmo que dedicou ao seu trabalho como cirurgião.

Mas sua nova tarefa tem para ele uma dimensão ainda mais abrangente: "Tenho uma fé profunda e permanente em Deus e em seu Filho, Jesus Cristo. O trabalho no qual estou agora empenhado é a causa mais importante do mundo. É completo, é satisfatório e desafiador. E preciso fazer o melhor, pois sou responsável por esta mordomia." □



O Élder e a Irmã Nelson hoje.

A ÁGUIA NA GARRAFA

Craig J. Smith

Quem imaginaria ser possível aprender uma lição valiosa com uma garrafa? Eu, certamente que não, pelo menos até aquela memorável primavera. Era uma época especial para mim, pois, se tudo corresse de acordo com o planejado, logo alcançaria a meta pela qual vinha lutando há mais de três anos — receber meu distintivo de Escoteiro-Águia (equivalente a Escoteiro da Pátria).

Minha felicidade ia ser maior ainda, pois receberia essa distinção juntamente com meu melhor amigo. Nós crescêramos juntos e éramos como irmãos. Nossa experiência no Escotismo também era semelhante. Havíamos começado como Lobinhos, mais ou menos na mesma época, e esperávamos ansiosamente culminar nossos esforços, no mesmo tribunal de honra, a fim de nos tornarmos Águias.

Somente uma coisa se interpunha entre nós e esse grande evento — as juntas examinadoras. Seríamos entrevistados individualmente por uma junta composta de dois ou três homens, escolhidos dentre a liderança de nosso distrito de Escotismo. Esses homens avaliariam nossa atitude a respeito de coisas como o posto de Águia, o programa de Escotismo em geral, nosso país, e nosso projeto de serviço como Escoteiros-Águia. Esse projeto de serviço deveria ser um extraordinário ato de serviço em prol de nossa comunidade, sendo o requisito final da difícil escalada ao posto de Águia. Para garantir a aceitação de meu projeto por parte de minha junta examinadora, apresentei-o a alguns líderes do distrito, antes de ir em frente. Eles me asseguraram que estava ótimo.

Finalmente chegou a tão esperada noite em que meu amigo e eu deveríamos apresentar-nos diante das juntas examinadoras. Aguardar para ser chamado a uma das salas de entrevista pareceu-me um tempo interminável. Só conseguia pensar em quanto me esforçara para chegar a Águia, e no fato de que, dentro de alguns instantes, saberia o resultado de meus diligentes esforços — sucesso ou malogro.

Finalmente, após uma eternidade de dez minutos, chegou a minha vez. Meu amigo foi chamado logo depois de mim, a uma sala contígua. Depois de conversarmos alguns minutos, a junta inquiriu-me a respeito de meu projeto de serviço. Discutimo-lo detalhadamente, e então me pediram que saísse da sala enquanto eles deliberavam. A espera para ser entrevistado não fora nada comparada a esta.

O pesado silêncio do saguão foi finalmente quebrado, quando abriram a porta da sala de entrevistas e me pediram que entrasse, junto com meus pais e o Chefe de Escoteiros. O líder da junta começou elogiando-me por ter alcançado um estágio tão avançado no programa de Escotismo. Bem, todos esses elogios eram muito bons, mas lá no fundo da mente, eu ficava imaginando ouvi-lo dizer: "Mas..." ou "Entretanto...". Mal podia imaginar que esse pesadelo realmente aconteceria. Depois de alguns minutos de palavras elogiosas, o líder da junta acrescentou: "Entretanto, achamos que seu projeto de serviço não é suficiente para merecer o distintivo de Águia." Jamais em minha vida me sentira tão humilhado. Estava arrasado. Não tenho a menor idéia do que disseram dali em diante. Não sentia mais nada, não pensava em mais nada. Lembro-me, entretanto, de como me senti constrangido ao cair no choro diante dos candidatos a Águia, ao passar pela sala na qual esperara tão ansiosamente. Lembro-me também de que meu grande amigo, com quem trabalhara lado a lado por três longos anos, passou no exame sem qualquer problema. Ele receberia seu distintivo de Águia no próximo tribunal de honra — sem mim. A sensação de depressão e humilhação que experimentei não pode ser descrita com palavras. O que eu considerara apenas um pequeno passo na escada que me conduziria ao posto de Águia, na verdade um passo que eu dava por certo, foi justamente aquele que me impedira de alcançar minha meta. Conseguiria eu me recobrar desse insucesso aparentemente intransponível? Bem, se dependesse de meu pai, sem dúvida alguma.

Alguns dias mais tarde, meu pai convidou-me para dar com ele um passeio de carro. Como no momento não tinha nada de melhor para fazer, resolvi aceitar. Afinal, por que não? Não tinha idéia de onde iríamos, mas isso logo me foi revelado. Ao nos aproximarmos de uma fábrica de garrafas, da vizinhança, percebi que, por alguma estranha razão, aquele era o nosso destino. Entramos no edifício no começo do processo de fabricação das garrafas. Papai apontou-me as grandes reservas de areia para fabricação do vidro. Observamos fascinados as grandes gotas de vidro líquido e branco caindo nos moldes das garrafas.

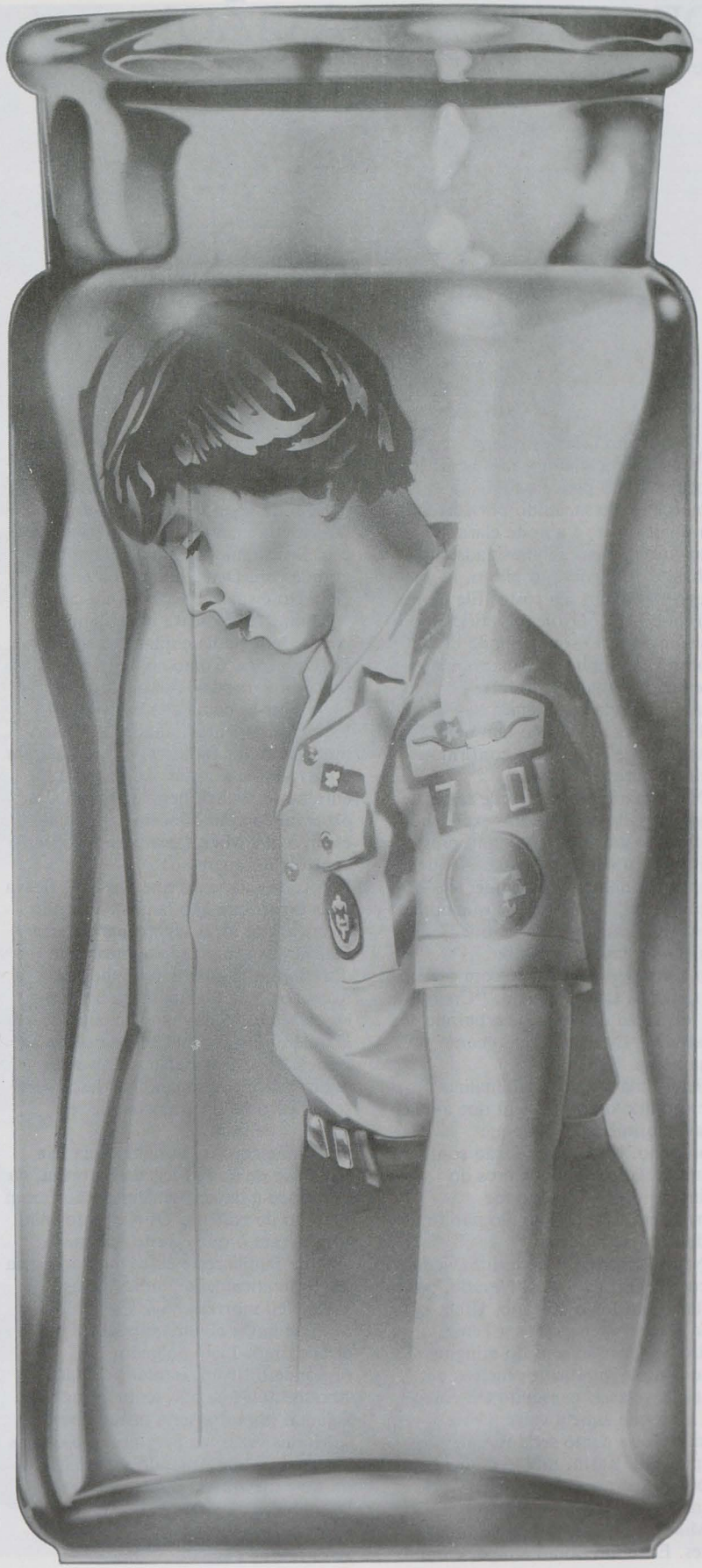
Ele me mostrou todo o processo, explicando qual a função de cada peça da maquinaria e qual sua contribuição para o acabamento final da garrafa. Uma das últimas coisas que papai me mostrou, foi a máquina que realizava uma tarefa chamada de "têmpera". O temperador era um aparelho que aplicava uma enorme pressão a cada garrafa com o fim de determinar se era suficientemente forte para ser considerada "segura" para uso público. Muitas garrafas se quebravam quando sob a pressão. Papai sugeriu que eu levasse uma delas como lembrança do passeio. Lembro-me de ter pensado: "Papai, foi um passeio muito interessante, mas será que é mesmo necessário que eu carregue uma garrafa comigo pelo resto de minha vida?"

Mal percebi o significado que aquela

garrafa teria. A caminho de casa, papai voltou-se para mim e explicou: "Craig, o que aconteceu com você na junta examinadora dos Águias, é semelhante ao processo da têmpera. Você foi colocado sob muita pressão, como as garrafas. O resultado dessa experiência depende de você, que poderá partir-se devido à pressão, ou suportá-la e reagir. Se reagir, não apenas terá alcançado seu amigo, como, mais tarde, por causa da força extra que vai adquirir sobrepujando mais esse obstáculo, provavelmente poderá até ultrapassá-lo."

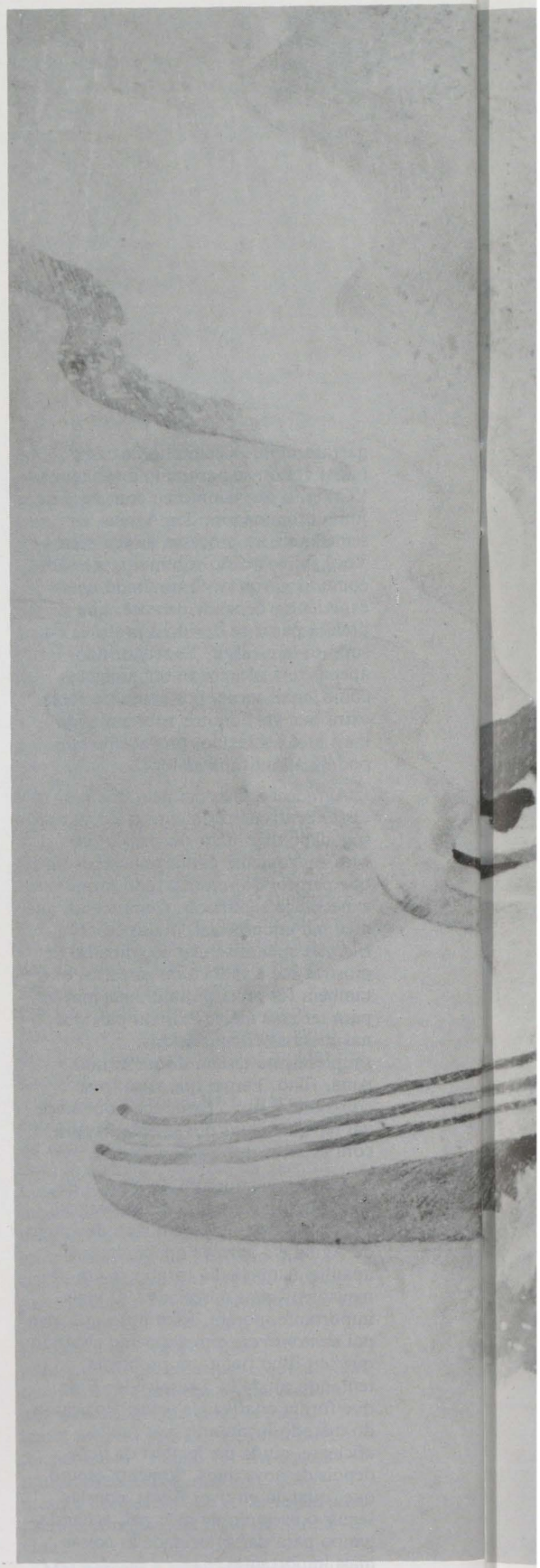
Agradeci a meu pai pelo que me disse. Senti-me realmente grato por ter-me dado algo para suavizar a dor. Mas foi somente vários anos mais tàrde que percebi de verdade tudo o que esta experiência significou. Compreendi que meu pai era especial, muito especial. Ele não apenas se deu ao trabalho de mostrar-me a fábrica de garrafas, mas também foi preciso muita imaginação para ter essa idéia. Existem pais que, nas mesmas circunstâncias, simplesmente teriam dito: "É uma pena, filho. Pensei que você fosse conseguir." ou: "Bem, acho que você vai ter que tentar novamente. Agora, com licença, que estou atrasado."

A lição que aprendi na fábrica de garrafas foi, e ainda é, muito valiosa. Por causa dela, consegui meu distintivo de Águia e a garrafa quebrada que apanhei naquele dia tornou-se um de meus bens mais apreciados. O mais importante, porém, foi a lição que meu pai *demonstrou*, simplesmente notando que seu filho tinha um problema, e tentando ajudá-lo a resolvê-lo. E de que forma criativa ele o fez! Por causa do método incomum, mas muito eficiente, ainda me lembro da lição depois de nove anos. Somente espero que, quando eu tiver filhos, consiga seguir o exemplo de meu pai, achando tempo para dar prioridade às coisas mais importantes. □



DESASTRE DE AVIÃO!

Steven R. Affleck



Não tenho idéia de quanto tempo passei cochilando, mas acordei de repente com o pequenino avião bimotor sendo sacudido por fortes correntes de ar, e a noite clara transformada em nebulosidade. Olhando para Mike, o piloto, li preocupação em seu rosto. Ele estava ajustando os controles e verificando os instrumentos. O som ritmado dos motores não tinha mais harmonia, o que me deixou inquieto, mesmo com minha limitada experiência de vôo. Sabia que as coisas não iam bem. Uma outra olhadela em Mike confirmou meus temores.

Mike chamou o centro de radar de Lago Salgado, pelo rádio, explicando-lhes que estávamos perdendo pressão e altitude. Eu não disse nada. Naquele momento, não estava realmente preocupado. Não permitia que minha mente abrigasse a idéia de que estávamos em perigo. Mike comunicou-se novamente com o centro de radar de Lago Salgado. "Creio que há formação de gelo no carburador" disse ele. "Estamos caindo como uma pedra."

Senti uma carga de adrenalina percorrendo o corpo. Será que ainda estava dormindo? Sentia-me atordoado. Mas a trepidação contínua, e uma olhadela nos números do altímetro do avião, logo me convenceram de que aquilo não tinha nada a ver com sonho.

Naquela noite, Mike e eu havíamos decolado de Las Vegas, Nevada, para voltarmos a Lago Salgado, Utah, após uma viagem de negócios a Fênix, Arizona. Quando o avião atingiu quatro mil e quinhentos metros de altitude, relaxei, pensando em como era bom que aquela viagem tivesse terminado, e como seria maravilhoso surpreender Karin, minha mulher que não me esperava até sexta-feira pela manhã.

Mike e eu já voáramos juntos muitas vezes. Ele é um ótimo amigo, e muito minucioso e competente como piloto; e eu me coloquei totalmente à vontade, preparando-me para aproveitar a viagem de volta a Lago Salgado. Observei a bela noite, ao voarmos pelo céu. Senti uma proximidade muito grande com Deus, olhando a terra embaixo e suas criações lá em cima.

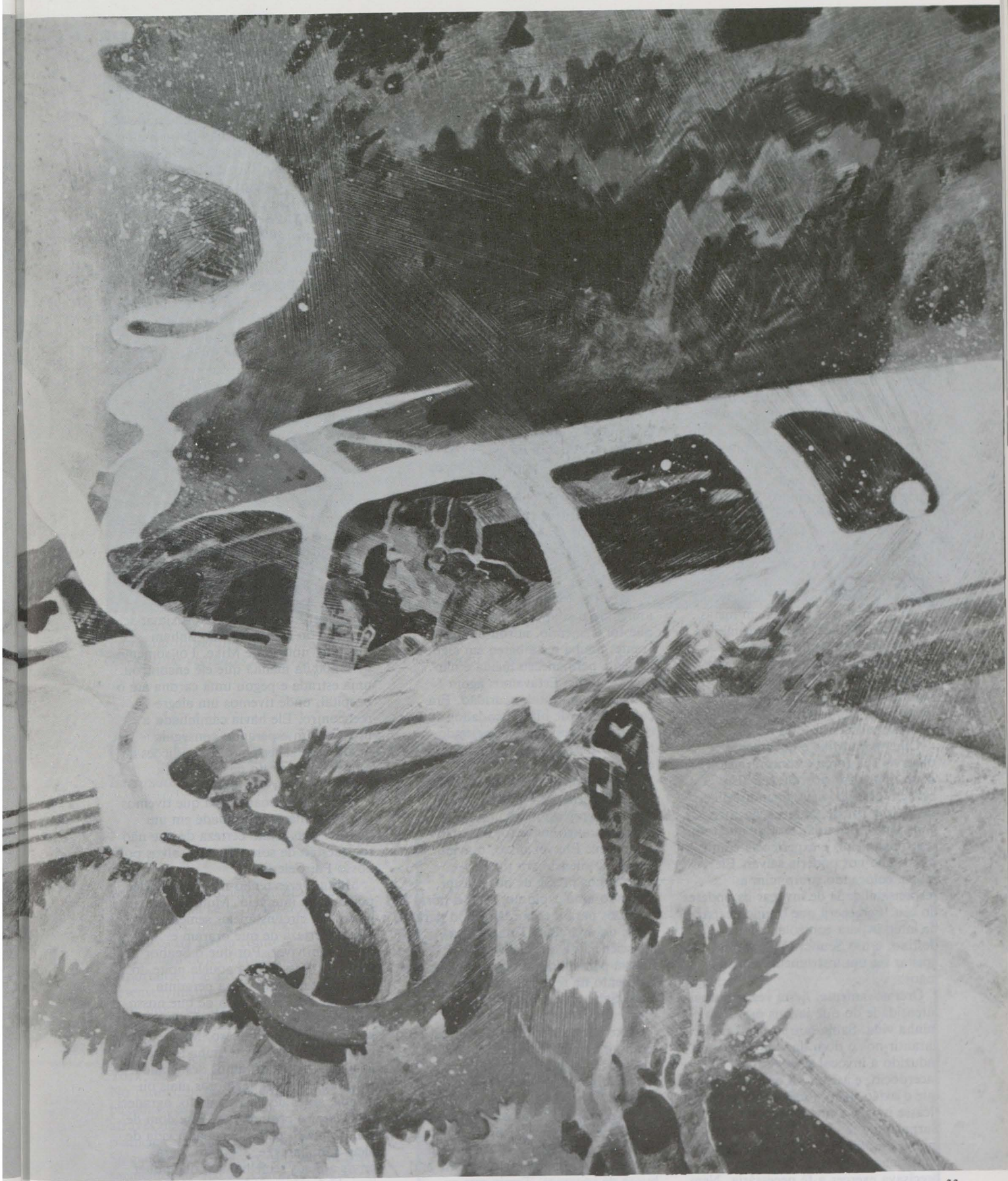
Muitas vezes ficara imaginando como Deus podia cuidar de todas as suas criações. Como consegue ouvir as orações de todos os seus filhos, e preocupar-se com cada indivíduo? Esses pensamentos, aliados ao ronco monótono dos motores, me embalaram e fizeram-me dormir. Agora, entretanto, estava bem acordado, observando com crescente ansiedade o esforço que Mike fazia para recobrar o controle do aparelho.

A cada momento que passava, ficava mais óbvio que não íamos conseguir alcançar um local seguro para aterrar. Estávamos caindo rapidamente em direção a uma área montanhosa e irregular. Não víamos nada a não ser escuridão, e só ouvíamos o sinal de alarme do avião, indicando que nossa velocidade caíra abaixo do nível de segurança. Seria impossível descrever o sentimento de impotência que se apossou de mim.

Subitamente fui atingido pela fria realidade de que as leis da natureza, da gravidade e da aerodinâmica não fazem acepção de pessoas. Os elementos não consideram o que é justo, ou que a vida de familiares e entes queridos seria tão dramaticamente mudada, caso Mike e eu morrêssemos. Perguntei a Mike se havia alguma esperança de alcançarmos Lago Salgado. Ele respondeu: "Não, estamos caindo." Acrescentou que não sentiríamos coisa alguma. A morte seria instantânea.

Muitas vezes me perguntara o que as pessoas pensam, quando sabem que a morte é inevitável. Imaginara se lembranças da vida pregressa lhes passava pela mente, se havia uma sensação de pânico.

Ilustração de Richard Brown





Meus pensamentos estavam com minha família. O rosto de cada um de meus oito filhos projetou-se em minha mente — sete belos filhos e uma filha. Como isto poderia estar acontecendo? Eles precisavam do pai. Eu precisava deles. Pensei em minha mulher, que não desconfiava de nada, e que seria forte mas sofreria muito. Vi a imagem angélica de minha mãe e senti sua dor. Visualizei meu pai, tentando confortar todos eles. Lembro-me de ter achado estranho que não estivesse sentindo medo e pânico por mim mesmo, mas que me sentisse triste por aqueles que ficariam para trás. Pensei em metas ainda não alcançadas, em promessas não cumpridas. Todos esses pensamentos e muitos mais foram condensados em apenas alguns segundos, como se o tempo tivesse parado por um instante, para que eu pudesse pensar em tudo aquilo.

Olhei para Mike e novamente observei sua força e concentração. Ele disse: "Ore por nós, Steve." Eu estivera orando, mas, quando Mike pediu que fizesse uma oração, tive consciência, subitamente, de que todo seu treinamento e experiência como piloto não nos poderia salvar. Ele estava colocando sobre mim a responsabilidade de invocar os poderes do céu. Percebera que o único capaz de intervir para controlar nosso destino, era o Senhor. Mike podia apenas ser um instrumento em suas mãos.

Orei novamente, desta vez com mais intensidade do que jamais orara em minha vida. Sabia que só Deus poderia garantir-nos o dom da vida. Senti-me induzido a invocar o poder do sacerdócio, e assim, na oração, ordenei que o avião, pelo poder do sacerdócio, ficasse inteiro e nos protegesse. Surpreendi-me um pouco diante de minha ousadia, mas senti uma paz confirmadora. Sabia que agora precisava exercer a fé necessária. Nem por um momento havíamos sentido pânico, e agora, um espírito confortador estava conosco.

Ao terminar a oração, olhei pela janela e ainda não havia visibilidade. O som dos motores piorara. Estávamos perdendo altitude num ritmo apavorante, e o alarme continuava soando. Pela última vez transmitimos à torre de radar de Lago Salgado nossa posição e altitude.

Eles nos informaram de que estávamos muito abaixo da altitude segura para aquela área. Os picos das montanhas já se alteavam acima de nós.

Mike perguntou-me se estava com medo. Disse-lhe que apenas sentia por Karin e pelas crianças. Seus sentimentos eram semelhantes em relação a sua família. Trocamos palavras de apreço mútuo por nossa boa amizade e depois esperamos.

Olhei pela janela, procurando cegamente o chão. Com o piscar da lâmpada na ponta da asa, vi o pico de uma montanha irregular a poucos metros do avião. O aparelho virou para a esquerda. Quando Mike nivelou as asas, olhei para baixo e vi o chão. Fiquei alarmado com a velocidade que estávamos descendo. Encontrávamo--nos a alguns metros do impacto.

A próxima coisa de que me lembro foi o estrondo e a força do avião atingindo o solo. O primeiro tranco, que foi tremendo, atirou-me para frente; minha testa bateu em algo, mas a mente permaneceu lúcida e não registrou dor. Estávamos agora deslizando em total escuridão. Era como correr de olhos vendados através de uma casa estranha, esperando tropeçar ou bater em alguma coisa a qualquer momento.

O deslizamento continuou. Quanto tempo levaria para batermos numa rocha, árvore ou montanha? Eu esperava outro impacto, mas não aconteceu. Em vez disso, o avião parou. O silêncio era total.

Sentimos pressa de nos afastar, temendo uma explosão. Abri a porta e pulamos para a escuridão, indo para longe do aparelho. Tinha agora consciência de que estava ferido. Estava perdendo muito sangue por um ferimento na testa, mas continuava vivo! Sabia que o Senhor nos preservara.

Mike não estava ferido. Não perdeu tempo e administrou-me primeiros socorros imediatamente. Eu sentia o sangue gotejando da testa, que doía. Mas, de alguma forma, aquela dor me dava segurança. Ambos agradecemos a nosso Pai Celestial por nossa vida.

Depois de avaliar a situação, Mike achou que devia ir imediatamente em busca de socorros. Temia que eu tivesse uma hemorragia interna por causa da visão embaçada; sabia que, se fosse o caso, o tempo era um fator decisivo. Depois de inspecionar o avião para ver se havia vazamento de gasolina, e descobrindo que não havia perigo de incêndio, Mike levou-me de volta ao aparelho, dando-me alguns cobertores e um saco de dormir.

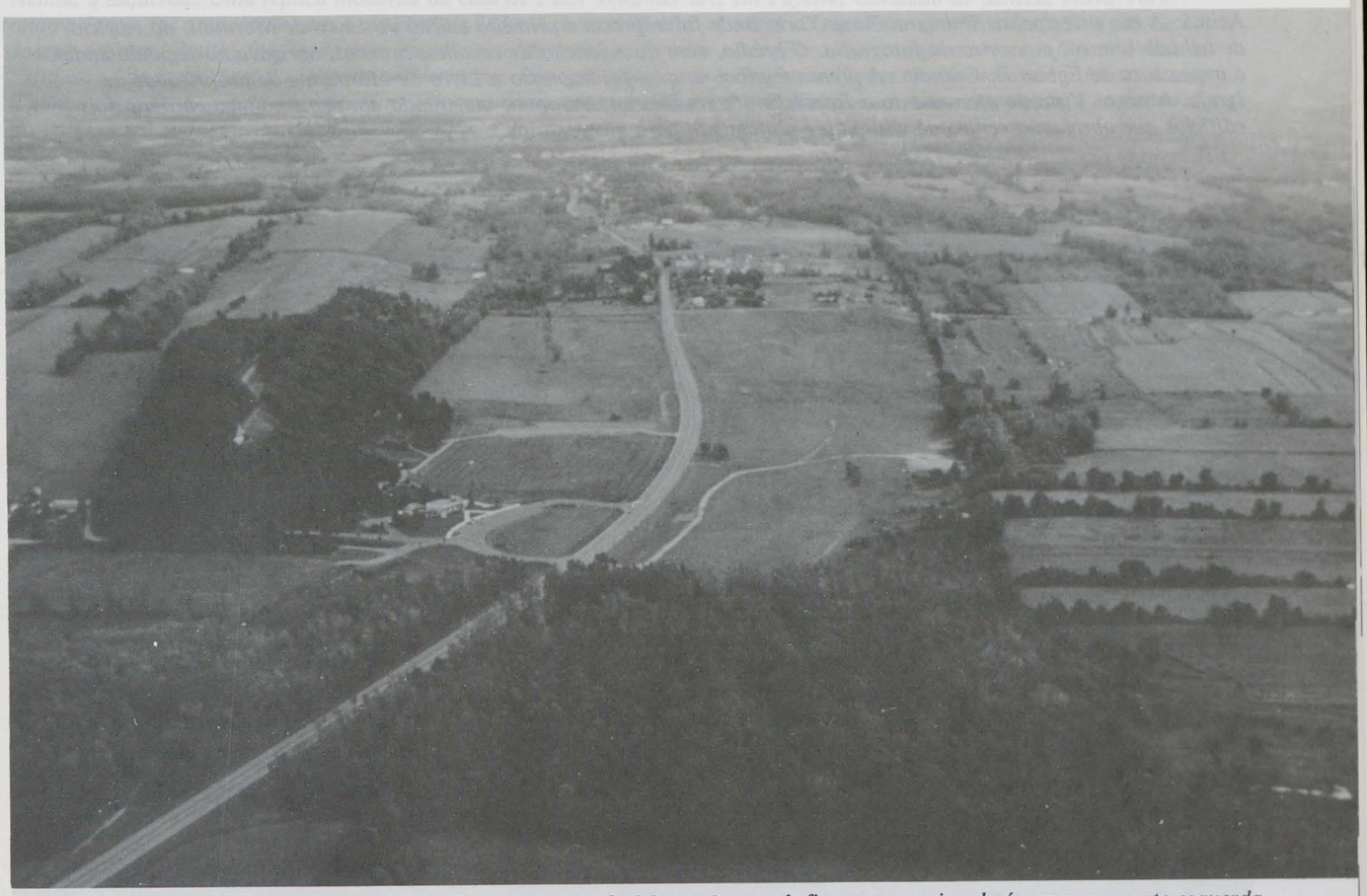
Não sabia quanto sangue havia perdido, e não ousava dormir enquanto Mike estivesse ausente. Regulei meu relógio para me despertar a cada quinze minutos, a fim de permanecer consciente. Lembro-me de que em minha pasta se encontrava meu diário pessoal, que também continha uma fotografia de minha família. Encontrei a pasta, abri-a e localizei o diário. Mantive-me acordado, olhando o retrato dos meus e escrevendo no diário toda vez que o relógio despertava. Mike partira às 11h30min da noite e orei por sua segurança durante a noite inteira.

Às 3h00 da madrugada, ouvi o ronco de aviões de busca, mas foi somente às 5h00 que um deles se aproximou o suficiente para ver o sinal de minha lanterna. O piloto inclinou a asa, indicando que vira meu sinal. Com toda certeza eu logo seria salvo, e Mike deveria ter encontrado ajuda.

Mais quatro horas se passaram até que um grupo de resgate e um helicóptero conseguiram aproximar-se do local do acidente. Não tinham qualquer notícia de Mike. Foi somente às 11h00 da manhã que ele encontrou uma estrada e pegou uma carona até o hospital, onde tivemos um alegre reencontro. Ele havia caminhado a noite inteira esperando conseguir ajuda, sem saber em que condições eu estava. Foi um ato de verdadeira bravura e amor fraterno.

Algumas pessoas dizem que tivemos sorte — uma oportunidade em um milhão. Mas tenho certeza de que não foi questão de sorte. Fomos salvos por nosso Pai Celestial.

Muitas vezes tenho-me perguntado por que ele interveio. Muita gente morre em circunstâncias semelhantes. Tenho certeza de que oraram e desejavam viver. Por que o Senhor nos atendeu? Passei toda aquela noite do desastre pensando nessa pergunta. Senti a calma segurança de que nosso período de vida é medido por um poder maior que o nosso. Mike e eu ainda não havíamos terminado nossa missão — não estávamos designados para morrer. Nas dez horas mais ou menos, antes de ser resgatado, agradeci ao Senhor e prometi usar esse dom de vida primeiro para abençoar a vida de meus familiares, e, segundo, para servir a meus semelhantes, onde quer que ele desejasse. □



Vista aérea do Monte Cumorah, Nova York. O monumento do Monte Cumorah fica num maciço de árvores, na parte esquerda central da fotografia.
O centro de visitantes da Igreja fica à direita das árvores, ao pé da colina e fora da estrada principal.

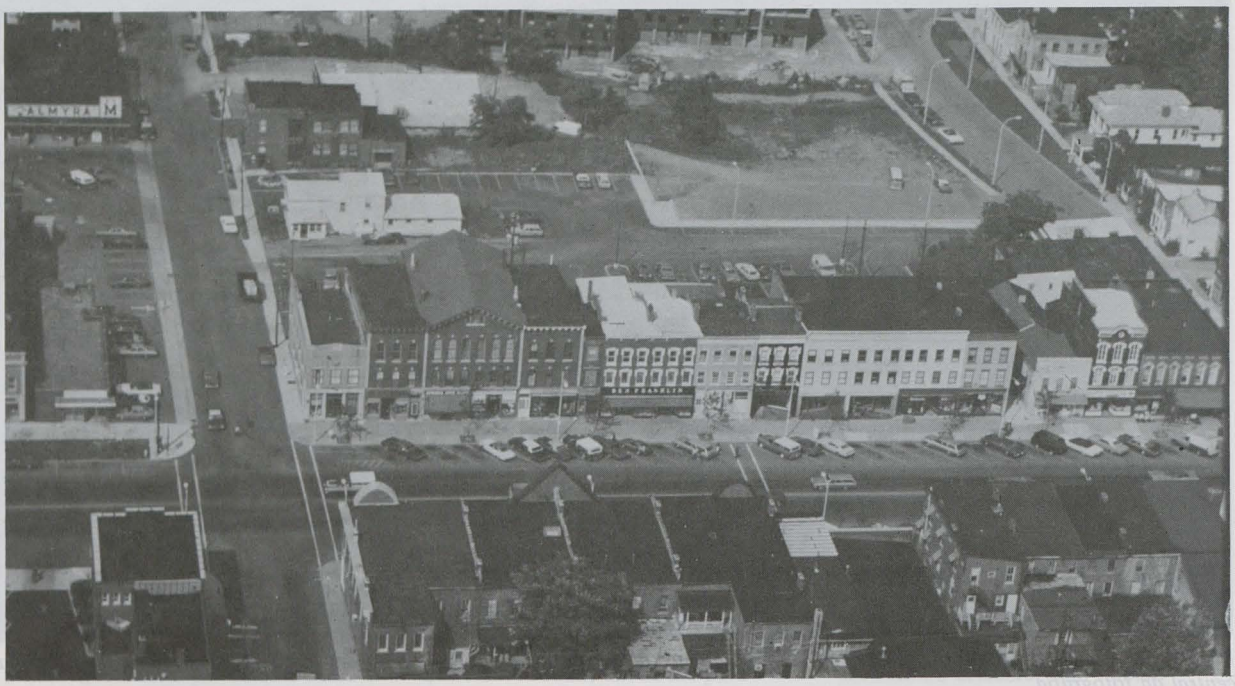
O QUE SE VÊ HOJE

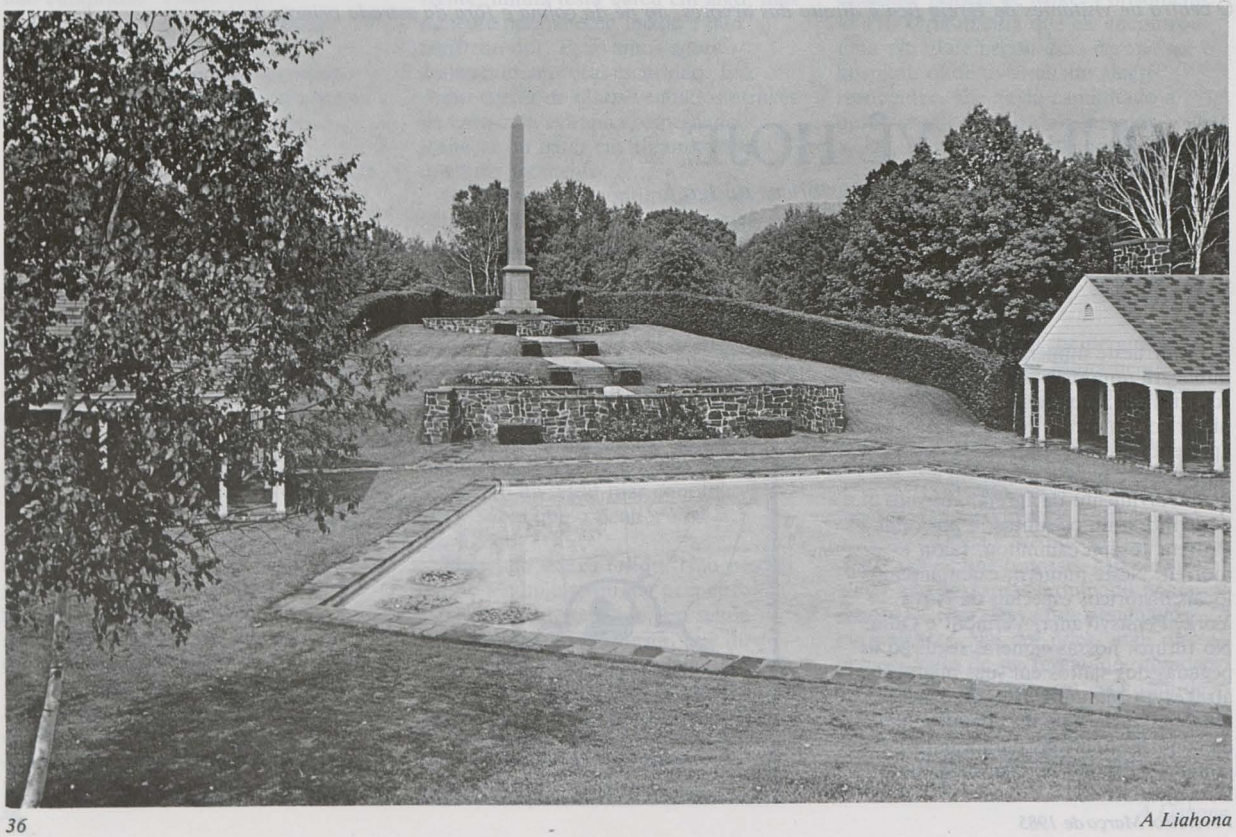
Excursão Fotográfica pelos Locais Históricos da Igreja

A partir deste número, *A Liahona* publicará uma série de ensaios fotográficos, mostrando locais históricos da Igreja como se apresentam hoje. Viajaremos por áreas importantes para o progresso e desenvolvimento da Igreja, veremos onde moraram os santos, e por onde o Profeta Joseph caminhou, falou — e morreu. Neste número, examinaremos locais históricos especiais de Nova York, Pennsylvania, Vermont e Ohio. No futuro, nossas câmeras seguirão as pegadas dos santos em suas migrações através do Missouri, Illinois, e pelas planícies até o Vale do Grande Lago Salgado. Fotografias para este primeiro segmento, de Jed A. Clark e Longin Lonczyna Jr.



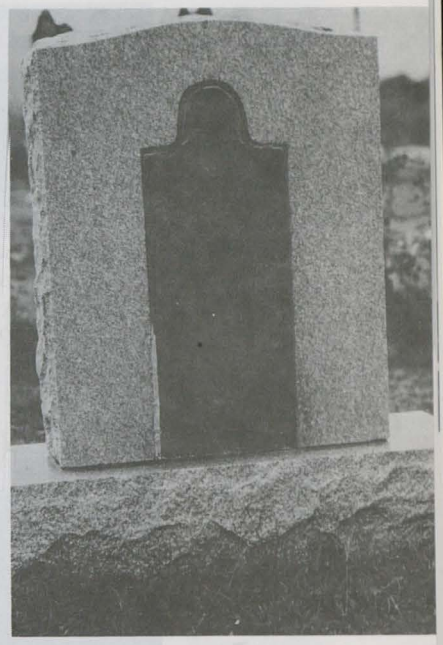
Acima: *A rua principal de Palmyra, Nova York, onde foi impressa a primeira edição do Livro de Mórmon, no edifício de telhado branco, ao centro da fotografia. O prédio, com doze janelas de caixilhos brancos, abrigava no segundo andar a impressora de Egbert B. Grandin. A prensa manual na qual foi impresso o Livro de Mórmon é de propriedade da Igreja.* Abaixo: *Vista do monumento a Joseph Smith em Sharon, Vermont, mostrando um pequeno lago entre os dois edifícios que abrigam o centro de visitantes e alojamento para missionários.*





Acima, *à esquerda: Uma réplica moderna da casa de Peter Whitmer Sr., em Fayette, Condado de Sêneca, Nova York, onde a Igreja foi organizada, aos 6 de abril de 1830.* Acima, *à direita: A lousa de sepultura de ardósia, do filhinho de Joseph e Emma Smith, foi fixada num monumento de granito. De seus nove filhos, cinco morreram na infância.* Abaixo: *Vista aérea da zona rural do Distrito de Harmony, Pennsylvania, onde o Profeta e Emma Smith moraram e foi traduzida a maior parte do Livro de Mórmon e recebidas quinze seções de Doutrina e Convênios. A casa deles ficava à esquerda do pátio de estacionamento cinza, do lado direito da estrada.*



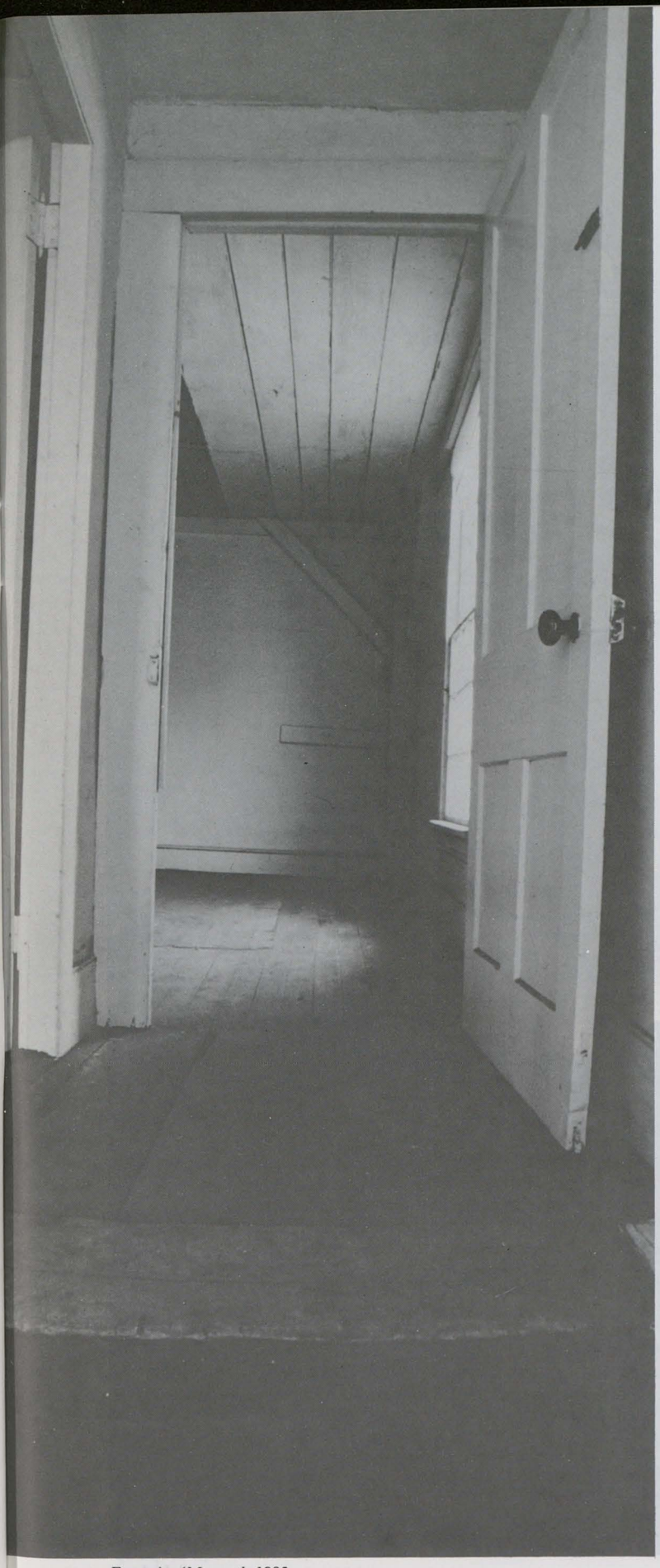




Acima: *Missionários moram agora na antiga loja de Newel K. Whitney, em Kirtland, Ohio. Construída em 1823, foi o lar do profeta e sua família durante mais de um ano. Brigham Young encontrou Joseph pela primeira vez, quando este cortava madeira nos fundos da loja.* Abaixo: *Esta bela casa de Joseph Smith Sr. e sua esposa, Lucy Mack Smith, abrigou-os durante seus últimos anos em Kirtland, Ohio. Parte de seu belo madeiramento original ainda está intacta.*







Esquerda: *O primeiro andar da loja de Newel K. Whitney, em Kirtland, Ohio. A porta que fica logo à esquerda leva aos alojamentos da família Smith e ao quarto onde Joseph provavelmente traduzia. Diretamente em frente fica a sala da Escola dos Profetas, onde ocorreram grandes manifestações espirituais, incluindo a aparição do Salvador.* Abaixo: *Saguão de entrada da casa de John Johnson, em Hiram, Ohio, onde Joseph e Emma viveram, enquanto o Profeta trabalhava na nova tradução da Bíblia. Desta casa, o Profeta foi arrastado pelo populacho e coberto de piche e penas.* Mais acima: O Templo de Kirtland visto do leste. □





VIZINHAS AMIGÁVEIS

Nonie Gilbert



Ilustração de Dilleen Marsh

Gostaria de contar-lhes uma história de amor.

Não sou membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mas considero as mulheres de sua Igreja como minhas irmãs. As duas principais razões de me sentir assim, chamam-se Leora Duke e Loraine Stoddard.

Logo depois que meu marido e eu nos mudamos para Farmington, Utah, alguns anos atrás, essas duas senhoras nos visitaram, transmitindo num só fôlego, se bem me lembro, esta mensagem:

"Alô! Somos Loraine e Leora, suas vizinhas e professoras visitantes da Igreja Mórmon. Gostaríamos de visitá-la mensalmente — com ou sem uma mensagem espiritual, conforme preferir — mas *gostaríamos* de aparecer para nos certificarmos de que a senhora e sua família estão bem."

Até ali, minha experiência com qualquer tipo de visitas de mórmons não havia sido nada positiva. Jovem e um tanto intolerante, eu achava que os mórmons eram rígidos e agressivos, e, portanto, os visitantes anteriores nunca haviam sido convidados a voltar.

Agora, assim de repente, lá estavam duas mulheres SUD, irradiando simpatia, calor humano, amor, aceitação e cuidado. Qualquer pessoa podia perceber que eram sinceras. Eu não sabia o que pensar. Por que haveriam de importar-se comigo e com minha família?

Aparentemente, entretanto, Loraine e Leora realmente se importavam, pois continuavam voltando. Eu tinha certeza de que, com o tempo, elas perderiam o interesse. Não era fácil encontrar-me em casa. Meus horários eram muito corridos e imprevisíveis. Mas o esforço delas e a maneira como me aceitaram sem reservas, fizeram com que passasse a esperar suas visitas.

Quando Leora e Loraine começaram a me visitar, eu era uma alcoólatra inveterada, mas não tinha consciência do meu mal. Elas oraram, comigo e por mim, durante os longos meses em que lutei para vencer o vício, e finalmente comecei a melhorar. E elas mantiveram meu problema em absoluto sigilo.

Sem comentários ou julgamentos, elas aturaram meu comportamento de alcoólatra, os cigarros que fumava, minha maneira de falar não muito adequada, e opiniões que devem ter sido ofensivas para elas. Com grande amor, certamente inspirado por Deus, elas venceram minha atitude cheia de preconceitos em relação aos mórmons. Comecei a sentir-me como um membro bem aceito da grande comunidade mórmon à qual pertencia. Agora tinha vizinhas e amigas que, por acaso, eram minhas professoras visitantes.

Se a atitude de Loraine ou Leora naquela primeira visita, ou em visitas subseqüêntes, tivesse parecido insincera, nem que fosse em pequeníssimo grau, posso garantir que não teria havido mais visitas. Mas jamais senti que apareciam apenas para cumprir uma obrigação.

Já faz muitos anos que Leora e Loraine são minhas professoras visitantes, e há muito tempo deixei de beber. Mas sempre me lembrarei de como me ajudaram em minha recuperação. Elas continuam minhas amigas.

Elas jamais me julgaram. Nunca me condenaram. Jamais me traíram através de mexericos. Sempre respeitaram meu pedido de que omitissem a mensagem espiritual, e aceitaram o fato de que me sentia feliz como membro de outra religião.

Tudo o que fizeram, realmente foi amar-me e aceitar-me.

Com Loraine e Leora comecei a aprender o que é a tolerância. Sinto-me feliz por ter perdido a tendência de julgar todas as pessoas que encontrava, dentro de sessenta segundos.

Assim, a despeito do fato de recusar a mensagem oficial das professoras visitantes, aprendi, através do seu exemplo, lições mais elevadas de amor, tolerância e aceitação. □

Nonie Gilbert, escritora "free-lancer" e mãe de quatro filhos, é diretora de relações públicas da Utah Alcoholism Foundation (Fundação de Utah para Combate ao Alcoolismo).

